

Folha 8

WWW.JORNALF8.NET



+667 dias Discriminação Judicial

Procurador mentiroso

O Procurador Geral Adjunto da República, Adão Adriano, mentiu, no dia 06 de Novembro de 2012, ao País sobre o advogado William Tonet, caluniando, difamando e colocando-o no desemprego sem provas. Até hoje ninguém toma medidas. É a justiça ideológica, submissa e militarizada.

WILLIAM TONET APONTA O DEDO

ACORDOS DO ALTO KAUANGO SÃO ESPINHAS NA GARGANTA DO MPLA



NITO ALVES

Raramente o jornalista é notícia. Contudo, não deixa, antes e durante, de ser um cidadão que, mais do que qualquer outro, tem responsabilidades acrescidas, devendo por isso, sem pretensiosismos nem falsas modéstias, assumir junto daqueles a quem exclusivamente deve explicações, os angolanos, a verdade dos acontecimentos.

BENGUELA

ISAACK "SALVA" KATIAVALA DAS GARRAS DA POLÍCIA

O governador de Benguela, aconselhou a Polícia Económica a não ser impulsiva.

PRENDENDO PARA INVESTIGAR funcionários da reitoria da Universidade Katiavala Bwila, mas INVESTIGANDO PARA PRENDER.



REGABOFE ATÉ COM CHINESES

PRESIDÊNCIA "VENDE" PASSAPORTES A ESTRANGEIROS

A soberania angolana corre um sério risco, pois o regime, através da Presidência da República, tem sido acusada, face as evidências de escancarar as portas do país a uma legião de estrangeiros suspeitos, como franceses e russos, traficantes de armas a chineses, corruptos, com a outorga da nacionalidade angolana.



JORNAL DE ANGOLA

DE ROSA CASACO A JOSÉ RIBEIRO DO 27 DE MAIO A JONAS SAVIMBI

A UNITA resolveu pôr todos os dedos nessa ferida, que já é uma autêntica cratera putrefacta, que dá pelo nome de "Jornal de Angola". E, sem meias palavras acusou este órgão de propaganda de "incitação à intolerância absoluta e à violência" e que a subserviência e sabujice é de tal ordem que atenta "contra a reconciliação nacional e a paz".



EM ANGOLA

A TORTURA ESTÁ DE MUITO BOA SAÚDE

A Amnistia Internacional (AI) diz que a tortura está a ganhar força em todo o mundo. E nós por cá? Em Angola e Moçambique, a AI diz que continuamos abusos contra os detidos, com espancamentos e até violações. A isso, nós acrescentamos as mortes e a certeza de que a regra é matar primeiro e interrogar depois.



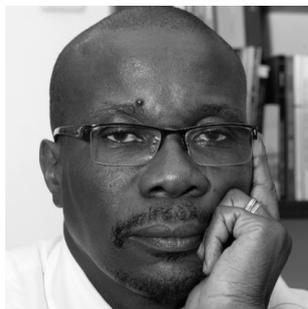
O seu jornal de sempre, até em smartphones
folha 8 digital
 Angola e o Mundo mais perto!
bit.ly/f8digital

Por apenas 0,99 .€0

em todos os dispositivos

bit.ly/f8digital





WILLIAM TONET
kuihao@hotmail.com

A MÁFIA CHINESA

PRESIDÊNCIA DÁ NACIONALIDADE AOS CHINESES NEGANDO A MUITOS ANGOLANOS POR SEREM PRETOS

Os mentores e organizadores de toda a trama do “caso Angolagate” supracitado puderam levar avante, e mesmo a cabo, essa quase bilionária empreitada, graças à conviência e ou cumplicidade de alguns altos dignitários gauleses e aos iscos “petrogénicos” de JES, lançados pela Sonangol num formato de promessa de pagamento de cerca de 800 milhões de dólares, a dividir por toda a máfia russa e entre cúmplices franceses e angolanos, devida e perfeitamente identificados.

Porém, este saque dos cofres do Estado angolano por parte dos intervenientes passivos e activos do Angolagate apenas é uma fatia de um “bolo” de vários biliões de dólares, açambarcados com êxito não só pelas quadrilhas lideradas pelos já conhecidos Falcone e Gaydamak, mas também por um outro personagem russo ligado à KGB, chamado Lev Avnerovich Leviev (empresário bilionário russo) e outras personalidades de alta confiança de Vladimir Putin, envolvidas até ao pescoço em jogadas diamantíferas sob prestimosa protecção do clã Dos Santos, cujo ponta-de-lança é a inevitável princesa Isabel.

A esta jubilosa associação, na qual o dinheiro circula em resmas de milhões, dezenas e por vezes centenas de milhões de dó-

lares, temos de juntar, no entanto, o que se poderia chamar “a parte do leão”, abocanhada por aqueles que mais benefícios tiram da extravagante política do nosso Executivo, parte essa que, até aos dias de hoje é apanágio do personagem já citado no parágrafo final da segunda parte deste artigo, que está na Última Página, o cidadão António Famtonghiu Sampo Menezes, de 56 anos, aliás Xu Jinghua, cidadão chinês mais conhecido por Sam Pa, sem prejuízo doutros nomes que o identificam por aí e acolá, onde quiser e quando lhe convém.

Ora, é por aí que vamos chegar aos fundamentos das denúncias feitas pelas fontes que temos vindo a citar: “a China-Sonangol tem servido de veículo para o descaminho de biliões de dólares de receitas do petróleo angolano, para além de outros recursos do país, benefi-

ciando claramente a China, os seus operadores privados, como é o caso de Sam Pa, e alguns dirigentes angolanos”(…) No seu processo de expansão internacional, a China-Sonangol tem sido uma presença constante no Zimbabwe, onde investiu nos sectores dos diamantes e do imobiliário, enquanto em Angola, Sam Pa, nas vestes de dono da China International Fund (CIF) desde 2004, em troca de petróleo tem controlado e prosperado com a intervenção massiva da China no processo de reconstrução nacional em Angola”.

USA E JES EM POSIÇÕES ANTAGÓNICAS

Como é sabido, o traficante de armas Pierre Falcone é considerado pela Intelligentzia angolana como um espécie de herói nacional, o que lhe valeu, nove fora as centenas de milhões de dólares rece-

bidos a título de “luvas” (“comichões”) dos cofres do Estado angolano, ter obtido de mão-beijada a nacionalidade angolana, ser promovido por JES a embaixador de Angola junto da UNESCO e a gozar de uma imunidade diplomática que lhe foi outorgada quando a justiça francesa o prendeu, julgou e condenou a 3 anos de prisão. Um galardão ouro sobre petróleo para o Executivo angolano! Entrementes, os “Bonzes Ocidentais” (França, USA&Cia), quiçá tão poderos como os Russos e Chineses, puseram-no, é evidente, sob mira daquilo que ele e seus “amigos” representam: a corrupção internacional.

Quanto ao camarada de Colégio Sam Pa, Xu Jinghua, ex- chefe da Contra-Inteligência chinesa em Luanda entre 1988 e 2003, também nessa altura traficante de armas... homem que se gaba nos dias de

hoje de ser proprietário de bens imóveis no valor de 60 biliões de dólares, pois bem, como se isso não fosse suficiente para o catalogar de meliante internacional, o nosso Executivo repetiu com ele a mesma ilegalidade grotesca e o mesmo erro cometido com Falcone, ao lhe conceder, ainda por cima e a título de prémio, a nacionalidade e um passaporte diplomático angolano.

Ora, segundo Maka Angola, no dia 17 de Abril passado, Sam Pa foi incluído na lista de alvos de sanções económicas por parte do Departamento do Tesouro dos EUA, em virtude de “subverter os processos democráticos e institucionais no Zimbabwe, facilitar a corrupção pública por altos dirigentes zimbabueanos através do tráfico ilícito de diamantes, assim como pelo apoio financeiro e logístico ao governo do Zimbabwe e a pessoas designadas como especiais”.

Por estas razões, todos os bens de Sam Pa localizados sob jurisdição dos Estados Unidos deverão ser congelados. “Por outro lado, todas as transacções com os Estados Unidos ou com cidadãos estado-unidenses que envolvam Sam Pa estão proibidas. As sanções aplicam-se também a um advogado de Singapura, associado de Sam Pa, e a um dirigente zimbabueano”. Isto é de facto o fim da macacada!



*Continua na Última Página

ficha técnica

Propriedade

WT/Mundovideo, Lda.
Reg. n.º 62/B/94

Director

William Tonet

Director Adjunto

Fernando Baxi

Editor-Chefe

António Setas

Chefe de Redacção

Orlando Castro

Editor Cultura

Nvunda Tonet

Editor Economia

António Neto

Editor Política & On-Line

Orlando Castro

Editor Nacional

Fernando Baxi

Editor Sociedade

César Silveira

Editor Desporto

Fernando Baxi

Editor Regiões

William Tonet

Redacção

Tito Marcolino,
Nvunda Tonet,
António Neto,
Antunes Zongo,
Luísa Pedro,

Colaboradores

Arlindo Santana
Sívio Van-Dúnem
Gil Gonçalves
Kassinda Henda
Kuiba Afonso
Wango Tondela
Nelo de Carvalho
Luís Filipe
Patrício Batsikama
Marta de Sousa Costa
Fongani Bolongongo
Domingos da Cruz
Armando Chicoca
Israel Samalata

Fotografia

Theo Kassule
Garcia Mayomona

Edição Gráfica

Francisco da Silva
(Editor Gráfico)
(dsilvafrancisco@hotmail.com)
Vladimir Francisco

Administração & Finanças

Manuela Joaquim

Secretariado & Publicidade

Paula Padrão

Redacção

Rua Cons. Júlio de Vilhena, n.º
24 - 5.º andar, Apart. 19;
Tels: 222 391 943;
222 394 077; 222 002 052;
Fax: 222 392 289;
Luanda, Angola

E-mails

folha@ebonet.net

OS MAUS LENÇÓIS DO BANCO ESPIRITO SANTO ANGOLA

TEXTO MAKANGOLA

O Banco Espírito Santo Angola (BESA) enfrenta actualmente graves problemas financeiros causados por créditos malparados na ordem dos US \$6.5 biliões (mil milhões em Portugal), incluindo US \$1.5 bilião em juros, apurou o Maka Angola junto de fontes fidedignas.

Durante a gestão de Álvaro Sobrinho, na qualidade de presidente da comissão executiva (2002-2013), o BESA dedicou-se a distribuir créditos de valores astronómicos, maioritariamente a conhecidas figuras do regime angolano, incluindo vários membros do Bureau Político do MPLA. Desde, 2013, o presidente do Conselho de Administração do BESA é um membro do Bureau Político do MPLA, António Paulo Kassoma, que já exerceu os cargos de primeiro-ministro e presidente da Assembleia Nacional.

Segundo informações acedidas pelo Maka Angola, os créditos do banco destinados ao próprio Álvaro Sobrinho, como principal beneficiário, ascendem a perto de US \$200 milhões. O banco quer agora recuperar esse empréstimo.

Por sua vez, Eugénio Neto "Geny Neto", vice-presidente da Espírito Santo Commerce (Escom) em Angola, é apontado como tendo sido o "facilitador" na concessão de empréstimos à cúpula do MPLA. Contas feitas, também recebeu empréstimos do BESA no valor de US \$500 milhões.

Os empréstimos concedidos pelo BESA a altas figuras do regime são actualmente considerados



como "activos tóxicos", pela elevada improbabilidade de serem pagos. A extensão do buraco financeiro criado por Álvaro Sobrinho apenas se tornou conhecida, mesmo pela sede do Banco Espírito Santo (BES) em Portugal, após o termo do mandato do então presidente da comissão executiva.

Recentemente, para evitar o colapso do banco, o governo angolano teve de conceder uma garantia soberana ao BESA destinados à cobertura dos créditos concedidos à nomenklatura

Tanto a administração do BESA como o seu accionista maioritário, o BES (com 51.94%), têm estado a gerir a referida crise e o escândalo que ela envolve com um certo secretismo. Há o receio de que uma fuga de informação possa comprometer, a nível internacional, a já frágil imagem do Banco Espírito Santo.

A exposição pública des-

ta actual crise do BESA pode igualmente afectar a credibilidade do Banco Valor, recentemente adquirido por Álvaro Sobrinho, após ter saído da presidência do BESA. O bancário, segundo apurou Maka Angola, encontra-se a viajar pelo estrangeiro em busca de eventuais parceiros para a sua nova empreitada.

Para evitar a degradação da imagem externa da banca nacional, à qual está indexada a actividade da sua unidade de supervisão, o Banco Nacional de Angola também tem recorrido ao secretismo para lidar com o caso BESA.

Em Portugal, Álvaro Sobrinho é arguido num processo intentado pelas próprias autoridades angolanas, por alegada cumplicidade no desvio de US \$137 milhões do Banco Nacional de Angola. Álvaro Sobrinho detém, além disso, investimentos significativos na comunicação social. Em Portugal, é

proprietário do jornal Sol e de 15% da Cofina, por sua vez proprietária do Jornal de Negócios e do Correio da Manhã. O bancário detém ainda acções na Impresa, proprietária da estação televisiva SIC e do semanário Expresso. Em Angola, Álvaro Sobrinho é dono dos semanários Novo Jornal e Agora, entre outros bens.

Nos últimos anos, Álvaro Sobrinho tem procurado projectar-se na arena internacional como um grande homem de negócios e filantropo africano.

Por exemplo, é co-fundador e presidente do PlanetEarth Institute, uma organização filantrópica que conta entre os seus trustees com o lorde Paul Boateng, membro da Câmara dos Lordes da Grã-Bretanha, e com Sir Christopher Edwards, presidente do Chelsea & Westminster Hospital e do Fundo do Sistema de Saúde Nacional da Grã-Bretanha.

TAMBÉM POR CÁ A TORTURA

No lançamento de uma nova campanha mundial, a Amnistia Internacional (AI) diz que a tortura está a ganhar força em todo o mundo. E nós por cá? Em Angola e Moçambique, a AI diz que continuam os abusos contra os detidos, com espancamentos e até violações. A isso, nós acrescentamos as mortes e a certeza de que a regra é matar primeiro e interrogar depois.



A tortura está, dir-se-ia apesar de um conhecimento de causa que nem sempre é mensurável, de boa saúde, a proliferar. E, diz a AI, nem os países democráticos escapam. Na Europa, os casos mais preocupantes localizam-se nos países da antiga União Soviética, sobretudo na Ucrânia, mas há também referência a abusos das forças policiais em manifestações contra as medidas de austeridade na Grécia, Espanha, Itália e Roménia. Portugal não aparece no

relatório, mas em todo o mundo, a organização detectou casos de tortura em 141 países, 79 dos quais, como mandam as regras de hipocrisia, ratificaram a convenção das Nações Unidas contra a tortura.

Ainda na Europa, são apontados abusos contra imigrantes, nas zonas de fronteira, sobretudo entre a Grécia e a Turquia e entre Espanha e Marrocos.

No Brasil, é destacado o caso de Amarildo, um jovem da Rocinha, no Rio de Janeiro, que foi morto pela polícia.

A Amnistia Internacional alerta que muitas vezes, a tortura não é punida nem sequer investigada. Onde é que nós já vimos isto? A

luta contra o terrorismo, contra as tentativas de supostos golpes de estado, servem de desculpa. Servem, aliás, para que as forças de segurança matem primeiro e interroguem depois.

Entretanto, Angola aprovou as contribuições apresentadas pela Comissão Africana dos Direitos Humanos para a promoção e protecção dos Direitos Humanos em África, com destaque para a aposta em considerar 2016 “Ano dos Direitos Humanos da Mulher”, para destacar o envolvimento desta franja da sociedade na resolução de questões sobre direitos humanos no continente.

E se em vez de apenas se falar de direitos humanos se opta, neste caso, para especificar as mulheres, urge criar o “Ano dos Direitos Humanos da Criança”, dos velhos, dos de meia idade, dos que ainda não nasceram.

Esta posição foi assumida, em Luanda, pelo ministro da Assistência e Reinserção Social, João Baptista Kussumua, quando discursava no acto de encerramento da 55ª sessão ordinária da Comissão Africana dos Direitos Humanos, em representação do Presidente da República, José Eduardo dos Santos, paladino destes direitos, como se comprova pelos índices que temos

de miséria, analfabetismo, corrupção e desigualdades sociais.

“Angola apoia essa iniciativa, na esperança da mesma marcar o início de uma nova fase de maior afirmação e espaço para as mulheres desempenharem plenamente o seu papel a favor da dignidade e respeito da pessoa humana, e de tornar o ano de 2016 como o precursor do grande aumento da presença feminina nos órgãos de decisão dos nossos respectivos países”, realçou João Baptista Kussumua, sem ter indicado – como se esperava – como padroeira dessa causa, a deusa Isabel dos Santos.

ESTÁ DE MUITO BOA SAÚDE

João Baptista Kussumua mencionou que ações do gênero são desafios e oportunidades que o continente africano enfrenta, em matéria de Direitos Humanos, pelo que, com a implementação de iniciativas de boas práticas e de mecanismos de acompanhamento, “seremos capazes de registrar progresso e avaliar positivamente o cumprimento dos objetivos traçados nesse domínio”.

O ministro precisou que os resultados da sessão, nomeadamente as realizadas em matéria de Direitos Humanos, dão a firme convicção de que a África assumirá, a breve trecho, uma dimensão histórica na promoção, defesa e salvaguarda dos direitos humanos, contribuindo assim para um maior respeito pela vida humana.

“O sucesso que a mesma registou deve-se à competência, ao profissionalismo e sentido de missão demonstrados pelos representantes dos diferentes estados e organizações, que fizeram do fórum um espaço de diálogo aberto, responsável e construtivo, onde os assuntos e as matérias mais pertinentes sobre os Direitos Humanos do nosso continente merecem uma profunda e profícua análise”, ajuizou João Baptista Kussumua.

Foram apresentados e examinados os relatórios sobre a situação dos direitos humanos em Moçambique, Libéria e República Árabe Saharaui Democrática, discutidos os mecanismos especiais que serviram de base para a constatação da implementação das recomendações sobre os Direitos Humanos no continente, bem como abordadas possíveis soluções e planos para o fortalecimento da agenda sobre a matéria em África.

Participaram no fórum, o primeiro do gênero realizado em Angola, 385



delegados, sendo 143 em representação de 26 estados, quatro de órgãos da União Africana, 18 de instituições nacionais dos Direitos Humanos, 14 de organizações internacio-

A Amnistia Internacional alerta que muitas vezes, a tortura não é punida nem sequer investigada

nais, 180 de organizações não-governamentais africanas e internacionais, bem como 26 representantes dos meios de comunicação social e outros observadores.

Entretanto, por cá e por outros lados, a vida volta ao normal, ou seja, como salienta a Amnistia Internacional, aos abusos contra os detidos, com espancamentos, violações e mortes.



PRIMEIRA VISÃO SOBRE OS ACORDOS

ACORDOS DO ALTO KAUANGO SÃO

Raramente o jornalista é notícia. Contudo, não deixa, antes e durante, de ser um cidadão que, mais do que qualquer outro, tem responsabilidades acrescidas, devendo por isso, sem pretensiosismos nem falsas modéstias, assumir junto daqueles a quem exclusivamente deve explicações, os angolanos, a verdade dos acontecimentos.

A História escreve-se com a verdade que, mesmo quando bombardeada insistentemente pela mentira, acabará por se sobrepôr a todo o género de maquinações e acções de propaganda. É, por isso, legítimo que se faça pedagogia e formação quando, por razões mesquinhas, alguns tentam apagar o que de bom alguns, muitos, angolanos fizeram pela sua, pela nossa, terra. E tentam apagar, revelando um manifesto complexo de inferioridade, por temerem que a verdade os mate. Esquecem-se que, mesmo recorrendo à história, a salvação só se consegue com respeito pela verdade.

E não é por esconder a verdade que ela deixa de existir. Em 1991, quando as forças da UNITA sitiaram por 57 dias a cidade do Luena, William Tonet, que cobria o conflito, enquanto jornalista da Voz da América, foi confrontado com uma interferência nas suas comunicações, por parte do então general da UNITA, Mackenzi, nos seguintes termos: “senhor William Tonet, você já é um jornalista internacional e não pode ter uma visão só de um lado”. Estranhando a abordagem,



não se fez rogado e desafiou o general a aceitar que este atravessasse a linha de fogo, para o lado, sob controlo das então forças militares da UNITA. Feito o acordo, o jornalista andou cerca de 20 km à pé, para se avistar com o seu então amigo General “Ben Ben”.

Aí chegado, empreende um conjunto de propostas no sentido de viabilizar uma trégua, para pôr fim ao conflito, ao que este sugeriu, contacto com Jonas Savimbi, que poderia aceitar ou não a iniciativa, face as muitas suspeitas em relação ao adversário. Coincidentemente os mesmos receios encontrados no lado contrário, com o então coronel das FAPLA, Hígino Carneiro (actual general na reserva e governador do Kuando Kubango), que indicou igual caminho, para se contactar o presidente da República, José Eduardo dos Santos. Foram, quatro dias de intensas nego-

ciações que William Tonet, encetou com os líderes da UNITA e do MPLA, visando que estes aceitassem, que os seus cabos de guerra, rubricassem um acordo de tréguas de paz que ficou conhecido como os acordos do Alto Kauango, que foram a “mãe” dos acordos de Bicesse.

Não adianta o MPLA, o regime, os que se julgam donos da verdade, “esquecerem” a verdade dos factos. Eles são exactamente isso, factos. E um deles, o de ter sido um angolano a mediar pela primeira vez o conflito entre angolanos, deveria ser motivo de regozijo e de reconhecimento interno e externo. Só a mesquinhez de uns tantos pode levar a que se tente, sem sucesso – é certo, apagar esta verdade. Uma de muitas outras que, infelizmente, ainda se encontram enclausuradas por medo de represálias.

O facto de o cidadão, jornalista, William Tonet ser inimigo público do regime, mau grado a sua luta ter sido sempre em prol dos angolanos, revela igualmente que na História que o regime quer que se escreva só têm lugar os

que são livres para estarem de acordo com ele.

William Tonet é filho de um co-fundador do MPLA, já falecido, que chegou a ser deputado pelo partido no poder na mais longa legislatura do país.

Quando o nacionalista Guilherme Tonet foi para as matas, o pequeno William tinha 3 anos de idade e o pai levou-o consigo, para caso ele morresse, com uma bala colonial, “ele continuasse a luta”, segundo palavras do seu progenitor. É assim que passa a viver a sua infância nas matas, nos Congos; Kinshasa e Brazzaville e na cadeia de São Nicolau, ao lado do pai.

Mesmo que pintem a história de outra forma, a verdade é que William Tonet nasceu dentro do MPLA e assim se percebe a fidelidade racional, crítica e independente, que mantém a este partido que, todos os dias, o maltrata por discordar das suas práticas. Em finais da década de 70 esteve muito próximo a uma corrente de esquerda do MPLA próxima de Nito Alves. Foi detido. Passou cerca de dois anos nas masmorras da Segurança de Estado, depois de

ter sido preso por um seu “ex-canoa”, no campo de São Nicolau, transformado num dos mais terríveis membros da DISA, Carlos Jorge.

Durante o processo de “reinserção na sociedade”, depois de ter sido expulso por Costa Andrade Ndunduma do Jornal de Angola, fez estágio como “camaramen” na TPA, única forma de, um considerado “fraccionista” entrar num órgão de comunicação social. Posteriormente foi ascendendo, como camaramen, assistente de realização e realizador, dos programas de maior audiência de todos os tempos na Televisão Popular de Angola, como os Programas Horizonte e Panorama Económico.

Portanto já naquele tempo, monopartidarismo, William Tonet tinha um programa crítico, pelo que não se lhe pode apontar esta sua veia interventiva, apenas depois da instauração do multipartidarismo. Foi ainda ele quem abriu oficialmente a delegação da TPA em Benguela. Mudou-se depois para Portugal onde exerceu jornalismo, aprendendo com vários “monstros sagrados” da informação

DE PAZ ASSINADOS NO MOXICO/91

ESPINHA NA GARGANTA DO MPLA

lusa (Emídio Rangel, Cáceres Monteiro, Ferreira Fernandes, Luís Alberto Ferreira, Mário Crespo, Sérgio Ribeiro, entre outros) e tornando-se igualmente num dos melhores do nosso jornalismo.

“Comecei a fazer jornalismo depois de 1977, pois até essa altura estava nas Forças Armadas. Como fui apanhado na onda dos presos de 1977, ao sair fiquei bastante frustrado com a forma como esse processo decorreu.

Depois da cadeia e de ter sido colocado em Benguela e Kuando Kubango, entrei como assistente de operador de câmara na TPA, depois de ter sido rejeitado pelo “Jornal de Angola”, onde participei num concurso, orientado e fiscalizado por Victor Aleixo, um dos responsáveis da redacção. Tive boa prestação, mas o director da altura, Costa Andrade Ndunduma, disse não poder aceitar um fraccionista nos seus quadros. Tive de correr dali para fora,” conta William Tonet, certamente orgulhoso de, com derrotas e vitórias, nunca se ter desviado da missão de dar voz a quem a não tem.

Ao serviço da Voz da América (VOA), esteve na Jamba, o então quartel general da UNITA, a cobrir um dos seus congressos. Os serviços de inteligência da UNITA detiveram-no após notarem que trazia passaporte angolano. Acusaram-no de ser espião ao serviço do MPLA. Após intervenção norte-americana foi solto e Jonas Savimbi, o então líder rebelde desculpou-se. Esteve então com velhos amigos dos bancos da escola, no Huambo, entre os quais o general Arlindo Chenda Pena “Ben Ben”, Abel Chivukuvuku, Paulo Lukamba, Kainhale Vatu-



va, entre outros.

Na guerra do Huambo, após as primeiras eleições gerais em Angola, William Tonet esteve enquanto jornalista na frente de combate acompanhando as FAPLA. Perante a derrota destas e consequente recuo, foi baleado e andou cerca de uma semana a pé com os militares das FAPLA, até Benguela, onde seriam resgatados.

Totalmente fragilizado e com uma bala cravada na perna e as rotulas dos joelhos partidas, o jornalista na companhia da família, foi evacuado, para Lisboa, pela direcção de Informação da SIC (sua entidade empregadora), que fez deslocar, propositadamente, a Luanda, o jornalista Paulo Camacho.

A SIC foi o primeiro órgão internacional a ter um relato, mais imparcial sobre a realidade militar vivida no Huambo, até ao recuo das tropas governamentais, exibindo as imagens televisivas, o que acabou por irritar as autoridades angolanas, que até hoje não lho perdoam. “Eu

sou fiel aos meus ideais e compromissos. Na altura, a minha entidade empregadora era a SIC, tanto que estava acreditado em Angola, pelo Centro de Imprensa Aníbal de Melo, como correspondente internacional, portanto nunca traí ninguém, fui apenas fiel aos meus princípios e tudo o resto é diversão e calúnia de gente bajuladora e desinformada. No entanto um dia a verdadeira história sobre quem resistiu, quem comandou a resistência e quem fez o quê para que houvesse uma das maiores colunas de recuo organizado, virá a lume, e aí muita água irá correr por debaixo da ponte”.

No hospital foi-lhe detectada uma úlcera no estômago, por ter ficado longos períodos a comer mal e toda espécie de animais e plantas silvestres, úlcera que até hoje é responsável pelo seu estado de saúde. No seu regresso a Angola voltou ao jornalismo, criando um dos primeiros jornais privados no país, o

William Tonet – levar à implosão do país.

Aceita-se que todo o percurso profissional, mas sobretudo o de cidadania activa, que remonta, pelo menos, aos acordos do Alto Kauango, de William Tonet, sejam uma espinha enorme entalada na garganta de cidadãos como José Maria ou Hélder Vieira Dias “Kopelipa”.

Mas não é matando o mensageiro, reescrevendo a verdade, em parte já histórica, que se calará a mensagem. Essa está dentro de todos os angolanos.

A filosofia oficial é valorizar os que dizem que fazem e não os que fazem, os que colocam a subserviência no lugar da competência, os que trocam um prato de pirão em pé por uma lagosta de cócoras. Mas, não nos parece que seja esse tipo de sociedade, de dirigentes, que os angolanos querem. É, à revelia ou não das ordens de José Eduardo dos Santos, um sistema que mata mesmo. O número de assassinatos não têm parado de crescer. O MPLA e o seu regime tentam eliminar todos quanto pugnem por uma imprensa livre, liberdade de expressão e a implantação de uma verdadeira democracia. À revelia ou não das ordens de José Eduardo dos Santos, o regime ao invés de trabalhar para uma verdadeira reconciliação nacional, pretende consolidar o seu regime com a eliminação física dos seus adversários políticos, como aconteceu com Ricardo de Melo, Nfulumpinga Landu Victor ou Jonas Savimbi.

“Folha 8”

Recorde-se que por cá passaram jornalistas como Graça Campos, Reginaldo Silva, Gilberto Neto, Salas Neto, Gustavo Costa, Nsolele Kimpuanza, João Paulo Nganga, Jorge Eurico, entre outros. Foi detido por diversas vezes e é o jornalista com um número recorde de processos judiciais no mundo, mais de 92.

Não deixa, entretanto, de ser curioso que o Presidente José Eduardo dos Santos tenha consciência do desempenho patriótico de William Tonet, tal como conhece bem o seu papel nos acordos do Alto Kauango, ma se deixe enredar pelos mais extremistas membros do MPLA que, por uma questão de sobrevivência, fazem do nosso Director a razão de todos os males.

A passividade do Presidente tem, aliás, levado a que a força da razão seja assassinada pela razão da força, situação que pode a todo o momento – como insistentemente alerta

SEGUNDA VISÃO SOBRE OS ACORDOS

ACORDO DO ALTO KAUANGO

UMA PONTE PARA A PAZ

Comemorou-se, em “surdina”, no passado dia 18 de Maio, o vigésimo aniversário dos acordos de paz do Alto Kauango, Luena. Só que as cerimónias comemorativas não chegaram a sair dos domicílios dos que estiveram presentes nesse acto histórico, entre os quais se contam o ex-Chefe das Operações do Estado-Maior General das FAA, o então coronel e hoje alto dignitário do Estado, Higino Carneiro, o falecido general Ben-Ben e o director do Folha 8, William Tonet (WT), de facto principal protagonista de um alto feito patriótico ao conseguir que se estabelecesse então um estádio de paz provisório entre as forças da Unita e o governo de Luanda. Antes desse encontro, WT passou do arraial do MPLA para o da UNITA, atravessando a pé a linha de fogo e conseguiu realizar um espantoso trabalho de mediação que se concretizou na assinatura em pleno campo de batalha de um cessar-fogo histórico, do qual mais ou menos ninguém fala nem ouve falar. O mais curioso é que os Acordos de Bicesse são continuamente citados e, no fundo, talvez deva a sua visibilidade a este quase esquecido cessar-fogo.

TEXTO DE ARLINDO SANTANA

Moxico, Luena, no Alto Kauango. Estamos no mês de Maio

do distante ano de 1991. Foram quarenta e cinco dias marcados pela entrada do cacimbo desse ano de 1991 vividos a ferro e a fogo no Moxico. De um lado das barricadas, as forças da UNITA comandadas pelos generais Arlindo Chena Penda “Ben-Ben”, Demóstenes Amós Tchilingutila, Nogueira Canjundo e os brigadeiros Januário Consagrado e Adriano Wayaka Mackenzie, preparavam-se para entrar em Luena, ou melhor, organizavam-se para tomar de assalto essa cidade; do outro lado, estavam as forças do governo instalado em Luanda, à cabeça das quais se reconhecia a presença do então coronel Agostinho Fernandes Nelumba “Sanjar”, o tenente-coronel José Alexandre G. “Lukama” e os majores



Bento “Sozinho Vencemos” e Manuel Henrique Gomes. Nessa altura, Angola en-

contrava-se em vésperas de negociações relacionadas com a guerra civil, que deveriam realizar-se

algum tempo mais tarde na cidade de Bicesse, em Portugal, e as duas partes do conflito sabiam que

esse processo negocial estava dependente do desfecho do combate que se estava a travar pela pos-

DE PAZ ASSINADOS NO MOXICO/91



se da cidade de Luena. A UNITA tinha pretendido tomar essa cidade de assalto, depois de o governo ter decidido, em virtude de fortes pressões internacionais, parar com uma ofensiva sobre Mavinga, bastião do Galo Negro, dando-se então a ocorrência de a capital do Moxico estar desguarnecida pela deslocação de efectivos para aquela frente.

Foi necessário dar provas de muita força de vontade e desenvolver uma actividade frenética, para as forças destacadas pelo governo de Luanda conseguirem organizar a defesa da cidade em menos de três dias, pois as forças da UNITA já ameaçavam.

Como supra mencionado, o facto de estar em posse da capital da província, Luena, antes da assinatura do que viria a ser os Acordos de Bicesse, era o objectivo das duas partes, na medida em que essa posse colocaria o seu detentor em posição de força para levar avante as negociações.

Os combates começaram mal as tropas do Galo Negro se dispuseram em círculo à volta da cidade. De imediato se estabeleceu uma extrema violência no campo de batalha. Combates muito intensos aconteciam sem pausas, era de dia e de noite.

Segundo afirmações feitas mais tarde pelo ex-CEMGFA, general "Sanjar", manter a posição sob controlo das forças do governo, era uma questão de vida ou de morte. «Éramos atacados por todos os lados e de todas as direcções, aí até ao 15º dia. Nessa altura eu transmiti ao Comando que, se a UNITA não tinha tomado a cidade até essa altura, já não a tomaria. No 40º dia já se podia sentir a acalmia.

Segundo fontes da mesma água, teria sido precisamente nessa altura,

para não dizer no 40º dia, como nos foi relatado, que aterraram na cidade dois helicópteros duma equipa do Estado-Maior chefiada pelo coronel Higino Carneiro, com alguns jornalistas, nomeadamente William Tonet, a portuguesa Luísa Ribeiro e a moçambicana Rosa Nguani.

Esses jornalistas estavam habilitados a ter contactos com o exterior, mediante uma tomada de precauções indispensáveis, evidentemente, e foi durante um desses contactos que as comunicações que



WT pretendia emitir para a Rádio Voz da América foram interceptadas pelo coronel Mackenzie da UNITA, chefe das telecomunicações do partido, que decide então entrar na linha e questionar William sobre a parcialidade do seu trabalho. Este último responde a essa crítica fazendo lembrar ao oficial da UNITA que ele reporta apenas aquilo que vê e que até estaria disposto a ir para o outro lado. Para ver mais. A conversa prossegue num tom ameno e numa linha construtiva, a pontos de se fixarem outros encontros via rádio.

Assim, estas conversas irão se repetir em diversas ocasiões e a alturas tantas dá-se o tão esperado assentimento, ou seja, a ideia de os jornalistas ali presentes, em pleno campo da batalha de Luena, passarem para o lado da UNITA é aceite.

Informados os respectivos Estados-Maiores, William Tonet, Luísa Ribeiro e Rosa Nguany são autorizados a ir ver o que se passa do outro lado. São deixados sós numa zona neutra, vêm-se obrigados a percorrer mais de 10 quilómetros a pé e acabam por chegar ao acampamento da UNITA.

Aí, William Tonet, segu-ro de a sua iniciativa ser apoiada por Luanda, propõe a Ben-Ben que se entabulem de imediato conversações entre as duas partes em litígio, evitando assim mortes inúteis durante todo esse período do conflito ainda a correr até à eventual assinatura dos Acordos de Bicesse. Ben-Ben está de acordo com a ideia, contacta Savimbi, que, à duas da manhã do dia seguinte, entra em contacto com a base da UNITA e fala directamente com William Tonet, prevenindo-o que seria bom que todo esse palavreado sobre propostas de tréguas fosse outra coisa

mais do que era costume ser, isto é, uma cilada banal de Lineu.

William Tonet consegue persuadir Savimbi do bem fundado da sua proposta, parte para o outro lado e obtém luz verde do governo de Luanda. Não obstante o presidente José Eduardo dos Santos, continuar preocupado com um possível avanço das tropas do Galo Negro durante as negociações. Procedeu-se pois à tomada de providências para que o encontro entre uma delegação da UNITA e outra do MPLA pudesse se realizar em lugar a combinar, nas imediações de Luena, no Alto de Kauango.

A situação era tensa, extremamente tensa.

Agendado o encontro, com data, local e hora marcados de antemão, a delegação do MPLA parte na devida altura para o lugar combinado, mas, mais ou menos a uns duzentos metros do local combinado, é avisada de que a delegação da UNITA está atrasada.

A tensão que era enorme, sobe ainda mais.

Chega-se ao ponto de desconfiar dos passarinhos que passam a voar. Tudo parecia ameaçar um fracasso iminente do encontro, mas a delegação do governo soube manter o seu sangue-frio, esperou até que, por fim, chegou uma mensagem rádio da parte de Mackensi, explicando o atraso a William Tonet. Finalmente, o encontro realizou-se nesse mesmo dia, 18 de Maio de 1991.

Assim, doze dias antes dos Acordos de Bicesse, é assinado no Alto Kauango, Luena, um cessar-fogo entre as tropas da UNITA e o governo de Luanda. O general "Sanjar" explicou mais tarde o papel desempenhado por William Tonet: «Foi extremamente importante. Ele foi o mediador entre nós. A ponte. É isso, ele foi a ponte».

OS COMPLEXADOS E DISCRIMINADORES

“QUEREM ESQUECER OS

Como cada vez mais assistimos a um virar de costas total por parte da imprensa nacional e do regime a um importante acontecimento, que foi o primeiro Acordo de Paz, assinado entre as tropas militares da UNITA e do Governo, no 18 de Maio de 1991, pelo jornalista William Tonet, vimo-nos obrigados a abrir o livro de uma parte da História de Angola, precisamente nessa página propositadamente omitida e esquecida da sua saga.

Folha 8 - Em 1991 houve o primeiro acordo de Paz em Angola entre a UNITA e o MPLA/Governo no Alto Kauango. Como foi esse acordo?

William Tonet - Foi um acordo importante entre angolanos. Eu estava a cobrir a guerra dos 57 dias de cerco ao Luena, inicialmente, pelo lado das FAPLA, tropas do MPLA/Governo e, para mim não fazia sentido aquele conflito na medida em que os políticos já se encontravam a negociar em Portugal visando um acordo de entendimento. O prosseguimento da guerra poderia inviabilizar o entendimento entre os políticos e mesmo adiar a Assinatura dos Acordos de Bicesse, no dia 31 de Maio de 1991, caso as FALA (tropas militares da UNITA) e as FAPLA (tropas militares do MPLA/Governo) continuassem a procurar vantagens no teatro das operações.

F8 - O “encontro rádio” com o gen. Mackenzie foi mesmo por acaso?

WT- Foi! Estava preparado para enviar um trabalho para a Voz da América em Washington quando, de repente, houve uma interferência na comunicação. A voz do outro lado desafiou-me a não reportar só o lado governamental, pois a realidade era outra. Respondi que não poderia fazê-lo ao mesmo tempo, por estar com as tropas governamentais, mas desafiei o general Mackenzie,



ACORDOS DO ALTO KAUANGO”



em como queria ir para o lado da UNITA. Fez-se silêncio na linha. Não me poderia responder na altura por ter de contactar o seu superior hierárquico, para a devida anuência ou não. Assim que o fez, retornou à linha, dando conta do aceite. Coloquei a questão ao general Higinio Carneiro que não deixou de colocar resistências iniciais, por desconfiar poder tratar-se de uma armadilha, pois acontecendo-me alguma coisa como correspondente da VOA, o Governo poderia ser responsabilizado. Mas depois de alguma insistência da minha parte lá se realizou o combinado ao telefone e atravessei a linha de fogo para ir ao encontro do comando geral das FALA/UNITA.

F8 - Quem ia consigo?

WT- Nesta empreitada convidei as jornalistas Luisa Ribeiro, da Lusa e Rosa Inguane, da Agência de Informação de Moçambique (AIMO), na alturas destacadas em serviço em Luanda.

F8 - Essas pessoas participaram na sua iniciativa?

WT- Não, apenas testemunharam. Encontrei do outro lado também um amigo, que era o general Ben-Ben. Conversamos madrugada adentro e perguntei-lhe se não seria possível e melhor um cessar-fogo, uma vez se estar a negociar em Bicesse-Portugal. Este mostrou-se sensível à minha iniciativa e prometeu contactar Jonas Savimbi, que na altura estava no exterior de Angola. Na madrugada do dia seguinte Jonas Savimbi

ligou para saber mais pormenores sobre a minha ideia. Mostrou-se muito desconfiado e quase não acreditava na iniciativa, mas deu-me a sua primeira anuência e parti para o outro lado para negociar com o general Higinio Carneiro e Sanjar. Tive igualmente de fazer o mesmo com o Presidente José Eduardo dos Santos.

F8 - Como é que os chefes (Jonas Savimbi e Eduardo dos Santos) reagiram à sua “intromissão” no caso quando estavam em curso as conversações de paz?

WT- Não foi uma intromissão, mas sim uma oportunidade de se calarem as armas. Eu tinha um argumento de peso para convencer os contendores. Não os trairia, pois era amigo dos generais dos

dois lados: Ben Ben e Mackenzie da UNITA e Higinio Carneiro e Sanjar do MPLA/Governo. Depois de quatro dias a ir e vir de um lado para o outro e de negociar com as respectivas lideranças conseguimos chegar a um acordo que satisfizesse as duas partes (MPLA/UNITA) e conseguimos parar com a guerra fratricida.

F8 - Os Acordos de Bicesse tiveram lugar a 31 de Maio de 1991, menos que 15 dias depois das tréguas de Alto Kauango. Que benefícios trouxeram essas tréguas?

WT- Os angolanos tiveram muitos benefícios. Basta ver que com o fim das hostilidades militares, no teatro das operações, onde inicialmente, os contendores gladiavam para obtenção de controlo territorial,

instalou-se o calar das armas, com o cessar-fogo e a criação das primeiras comissões militares conjuntas, permitindo desta forma dar-se um impulso as negociações em Bicesse, Portugal.

Apesar das autoridades desvalorizarem estes Acordos, que foram os primeiros mediados por um autóctone angolano, com eficácia prática no terreno, reza a História que nunca antes do Acordo do Alto Kauango os militares da UNITA e do MPLA se tinham sentado à mesma mesa para assinar tréguas. Alto Kauango foi a mãe de Bicesse, que o complexo político de alguns pretende perversamente apagar da História, talvez por eu ser preto, pensar pela minha cabeça e defender ideais de esquerda, democracia e liberdade.

F8 - Tem alguma explicação para o facto de ninguém falar destas três guerras?

WT- Quando diz que ninguém fala, está a referir-se ao Governo. Mas isso está no quadro da lógica da discriminação, tudo porque continuo com ideias próprias. Sou um homem livre, repito, de Esquerda, autóctone e com cultura do Sul. Esse pensamento contraria as teses de subjugação e bajulice dos defensores da política luso-tropicalista, que apenas exaltam os feitos dos seus, apagando acontecimentos históricos. Se eu fosse estrangeiro, traficante de armas, chinês corrupto ou um bajulador invertebrado este acontecimento nunca seria esquecido e até teria passaporte diplomático. Mas ainda assim fico contente por ter emprestado a minha modesta contribuição sem pretensões a honorárias. A minha maior medalha foi ter evitado a morte de muitos inocentes. Muitas pessoas conseguiram viver e outros sobreviver às balas e aos canhões. Isso foi bom! Por outro lado os Acordos estão aí com 19 pontos para a posteridade. Foi a partir do Alto Kauango que se estabeleceram os telefones vermelhos, as patrulhas mistas, reuniões conjuntas e outras questões militares sensíveis.

F8- Recuando no tempo. Quando é que começou a fazer jornalismo?

WT- Comecei a fazer jornalismo depois de 1979, pois até essa altura estava nas Forças Armadas e depois estive nas fedorentas e sanguinárias masmorras da DISA, cujas prisões ilegais e arbitrarias da DISA de Agostinho Neto, em 1977, levaram muitos jovens para os calabouços e morte. Infelizmente o meu algoz, tinha sido meu "canao" (companheiro) na cadeia de São Nicolau, o sinistro Cajó (Carlos Jorge). Depois de sair da prisão fiquei bastante frustrado com a forma como esse processo decorreu, com

desterro em Luanda e Kuando-Kubango. De saída, em 1979, participei num concurso no Jornal de Angola, supervisionado pelo então chefe de redacção, o jornalista Victor Aleixo, mas o director da altura, o

anti-nitista ferrenho, Costa Andrade "Ndunduma", expulsou-me dizendo estar vedada a entrada no "seu órgão" de fraccionistas. Tive de correr dali para fora. Depois fui para um outro concurso na TPA,

mas não expus na informação, entrei como assistente de operador de câmara. Na televisão tive um percurso lindo, pois trabalhei em quase todas as áreas de produção e jornalismo. De assistente ascendi a

câmara, depois concorri a realização e comecei a trabalhar com grandes nomes de então, como Cândido e o Ladislau, na qualidade de assistente de realização, no programa "Conheça Angola". Mais tarde subi a realizador e fiz dois grandes programas de que me orgulho muito, sobretudo "O Horizonte", programa juvenil. Depois deste, fui abrir oficialmente a delegação da TPA em Benguela e o objectivo seria também abrir a do Huambo, mas por incumprimentos da direcção decidi regressar a Luanda e à realização e propus realizar um programa diferente, que se denominou "Panorama Económico", que versava temas económicos e já naquela altura era um programa de crítica à má gestão e ao desperdício. Levou um ano a ser aprovado pela direcção económica do MPLA. Como programa de crítica fui tendo muitos problemas e quase fui expulso de Angola, principalmente quando ia lutando com um membro do Comité Central do MPLA, na altura, Cabelo Branco, por ter conseguido descobrir fábricas inteiras que o país havia importado estragadas nas matas do Cacuaco. Foi uma investigação que levou cerca de três meses e no final tive, inclusive, de ser "desinfestado" no Hospital Militar, pois o local estava empestado de animais mortos para dissuadir as pessoas de se aproximarem do local. O meu operador de câmara, na altura, desistiu e regressou, mas como me encontrava tão próximo não desisti e consegui algo que foi um grande furo, pois teve grande repercussão e levou o Presidente da República a tomar uma decisão instaurando uma comissão de inquérito.

F8- Depois foi para o estrangeiro, Estados Unidos, Espanha, Alemanha, França, Portugal, quanto tempo ficou no exterior?

WT- O tempo suficiente que me levou a passar pelas redacções mais importantes destes países.

ACORDO DE CESSAR - FOGO ENTRE AS FAPLA E AS FALA

Acta final do primeiro encontro ao mais alto nível entre as FAPLA e as FALA, realizada nas áreas do Alto-Kauango (Luena) mediado por William Tonet.

No dia 14-05-91 e devido os combates entre as tropas da UNITA e do governo, o Jornalista William Tonet ofereceu os seus bons ofícios no sentido de possibilitar um encontro ao mais alto nível entre o General Arlindo Chenda Pena "Bene-Bene", chefe do Estado Maior General das FALA e do Coronel Higinio Carneiro, Chefe da Direcção Principal do Estado Maior General das FAPLA. Aceite o princípio o jornalista atravessou a fronteira que delimitava as duas partes e contactou o General Bene Bene, que anuiu a ideia que se veio a materializar no dia 18-05-91, as 12 h 30 minutos na região do Auto-Kauango, Luena.

As delegações integraram as seguintes personalidades:

- 1- Generais Arlindo Chenda Pena "Bene-Bene", Demóstenes Amós Tchilingutilla, Nogueira Canjundo, Brigadeiros, Januário Consagrado, Adriano Wayaka Makenzy, pela UNITA.
- 2- Coronéis Higinio Carneiro, Agostinho Fernandes Nelumba, Tenente-coronel, José Alexandre G.lukama, Majores, Bento Sozinho "Venceremos" e Manuel Henrique Gomes, pelo Governo.
- 3- Os pontos propostos para discussão foram os seguintes:
- 4- Discussão do posicionamento das tropas envolvidas nas últimas actividades combativas, 1º Luena, 2º, outras frentes.
- 5- Regularização das tropas da UNITA que fizeram movimentações depois dos dias 14 e 15-05-91, para o interior e proximidade do Luena.
- 6- Estabelecimento de corredor de segurança num raio de 10 quilómetros (km) entre as duas forças.
- 7- Garantias para a circulação de colunas rodoviárias e aéreas para transporte e abastecimento às populações
- 8- Diversos.
- 9- O resultado dos contactos permitiu alcançar os seguintes objetivos:
- 10- Reafirmar a posição dos militares poderem cumprir e fazer respeitar os acordos alcançados em Portugal, para se alcançar a paz em Angola.
- 11- As partes aprovaram por unanimidade estabelecer um canal oficial de contactos telefónicos, para a resolução de todos os incidentes a nível do Luena e Nacional.
- 12- As partes sugeriram e consideraram imperativo transformar as Delegações em Comissão Militar Provisória para a resolução de assuntos referidos no ponto anterior.
- 13- As partes acharam imperativo a criação de Sub-Comissões para verificação e controlo, a livre circulação rodoviária, aérea e ferroviária, para o transporte de pessoas e bens, desde que não transportem material letal, para o efeito condicionam o movimento a verificação por uma Sub-comissão de cinco pessoas por cada parte, no Luena.
- 14- As partes concordaram indicar a localização das minas em todas as rotas de circulação, pelo que decidiram proceder desde já a sua desminagem na Zona Militar do Moxico, em primeiro lugar.
- 15- As partes decidiram exercer um maior controlo das tropas de ambas as partes que se encontram próximas, no sentido de se evitar confrontos.
- 16- As partes propõem a cessação da difusão de comunicados militares que façam referência a incidentes pontuais e esporádicos, cuja solução deverá ser feita através dos canais criados.
- 17- As partes acordaram a troca de informações diárias por via rádio, no Luena.
- 18- As partes agradeceram a mediação do senhor Jornalista, William Tonet, que permitiu a realização do encontro.
- 19- O encontro realizou-se num ambiente de cordialidade, franqueza e irmandade entre as partes militares angolanas.

Luena, Alto Kauango, aos 19 de Maio de 1991.

Arlindo Chenda Pena "Ben Bem"
General

Higinio Carneiro
Coronel

William Tonet
Mediador

F8- Trabalhou para que órgãos?

WT-Trabalhei para a DW (Voz da Alemanha) RFI, Gazeta Económica de Espanha, em Portugal, no semanário "O JORNAL", que se transformou na actual revista "Visão". Tive uma rádio pirata, antes da abertura da legislação que liberalizou a rádio em Portugal, depois disso fui dos quadros fundadores da primeira rádio privada de grande informação, a TSF-Rádio-Jornal e no primeiro canal privado de televisão a SIC, onde tive o privilégio de ser o primeiro rosto negro, levado por um grande homem do jornalismo português e angolano: Emídio Rangel.

F8 -Quando é que entrou para a Voz da América (VOA)?

WT- Entrei na VOA em 1989/1990 em substituição de Ricardo de Mello, por concurso liderado pelo director da emissora de então, Greg Pirio. Foi uma grande escola e os ameri-

canos confiaram-me responsabilidades que nunca antes o meu País me havia conferido, pois eu cobria quase toda a região Austral e Central

F8- Confirma que esteve para ser fuzilado por Jonas Savimbi?

WT- Foi um episódio triste. Estava eu na VOA quando sou convidado para ir à Jamba por Norberto de Castro, que na altura era o responsável da informação em Lisboa. Antes de chegar à Jamba vejo que tinha na bagagem um passaporte nacional antigo e então me lembrei de o apresentar. Foi o fim da picada; pois todos esperavam que eu apresentasse o passaporte americano. Isso foi o suficiente para me confiscarem a bagagem e revisitarem-na. Encontraram no meio de um livro que levo sempre uma folha da minha biografia, onde conta o percurso no MPLA e de que era oficial de comunicações. Acredito que isso os irritou e pensaram que era um agente da DISA,

pois nem abriram o passaporte angolano, porque senão veriam que o mesmo estava caducado. Fui interrogado e só acabou quando os americanos tomaram nota disso e terão explicado à UNITA e a Jonas Savimbi que sabiam do meu passado. Fui então solto e convidado a continuar a trabalhar. Na altura tive a solidariedade de todos os jornalistas presentes, em especial do meu amigo Jonuel Gonçalves e do general Ben Ben que se deslocou do Likua, sua base, para vir pessoalmente dar-me a sua solidariedade e dizer que condenava a situação em que me encontrava. Ele agiu como um verdadeiro amigo, dos tempos que nos conhecemos no Huambo.

F8 - Depois disso guardou contactos com gente da UNITA?

WT- Sim, mantive todos os contactos e nunca deixei de os criticar quando a isso era obrigado. Daí ter feito coisas boas para An-

gola com base nas relações humanas que tenho com todos os actores políticos. Antes de ser de um partido político sou angolano e é isso que em mim está em primeiro plano. Logo, contacto com todos independentemente dos pontos de vista divergentes.

F8 - Quando é que voltou para Angola?

WT- Voltei para Angola depois de me ter cansado da emigração e na véspera do período eleitoral.

F8- Porquê que foi acusado de pertencer à CIA?

WT- Pelo facto de pensar com a minha cabeça. Muitos pensaram que não conseguiria fazer Jornalismo no exterior e então quando me viram na VOA começaram a inventar esta história.

F8 - E não é verdade?

WT- Nunca fui agente da CIA, se calhar por não ter o perfil desejado. Mas se a memória dos meus detractores não fosse fraca iria reportar o positivo da minha passagem pela VOA. Pois foi com a minha presença que pela primeira vez o Presidente dos Santos e outros governantes passaram a sua voz naquela rádio. Angola passou com a minha presença a ter outro tratamento noticioso, mais realista e imparcial

F8- O que é que o fez regressar para Angola?

WT- Uma vontade férrea de poder participar na mudança de um novo ciclo, que havia sido interrompido em 1975/7. Acreditei na força e na vitalidade do meu partido, o MPLA. Pensava que podia assumir o seu passivo e concertar com todas as vozes internas as divergências que tinham acontecido e que macularam a sua imagem. Mas o tempo passou e ao invés de unidade e reconciliação interna somamos mais divergências. É triste, mas o MPLA está muito fragmentado e só não se nota isso porque o poder encobre as nossas divergências com bastante

violência, discriminação e ostracismo. Estou decepcionado com o MPLA e com o rumo que o país está a tomar, pois a qualquer momento pode resvalar.

F8 -Porquê?

WT - Não é possível conviver com tanta discriminação, com tanta pobreza, com tanto desemprego, com tanta fome, com tanta miséria, concomitante com tanta riqueza, selectivamente concentrada numa minoria ligada e ao redor do poder. As desigualdades são brutais e só ainda não existem manifestações, em função da cultura do medo. Mas temos de reconhecer que esta não é eterna. E acredito se o MPLA se despir de determinados complexos, tem ainda capacidade de reverter a situação e fazer de Angola, na prática, um país mais justo e com menos discriminação. É preciso haver coragem para mudar para lá do umbigo partidário

F8 - O que falta?

WT- O mundo está numa crise. Corremos um sério risco de extinção se nada for feito. Temos uma crise energética, uma crise financeira, uma crise económica, uma crise de fome e uma crise de lideranças como no passado. Isto quando, por capricho do destino, o último grande líder mundial surgiu em ÁFRICA na pessoa de Nelson Mandela. Angola bem carece de um líder suprapartidário. Um líder dessa dimensão estaria forçosamente mais comprometido com as aspirações dos vários povos e nações que habitam o território angolano. Mas em Angola o que é legítimo é que se dê prioridade, primeiro ao seu partido e aos militantes do partido, como forma de recompensa de fidelidade e disciplina. Isso é certo, mas partidária, e, portanto, discriminatória. Este modelo já mostrou a sua ineficácia, logo deveríamos evitar, no futuro, que um Presidente da República fosse ao mesmo tempo presidente dum partido.



DE ROSA CASACO A JOSÉ RIBEIRO DO 27 DE MAIO A JONAS SAVIMBI

Comissão Política da UNITA resolveu pôr não um dedo mas todos os dedos nessa ferida, que já é uma autêntica cratera putrefacta, que dá pelo nome de “Jornal de Angola”, também conhecido por Pravda ou Boletim Oficial do regime. E, sem meias palavras acusou este órgão de propaganda de “incitação à intolerância absoluta e à violência”. Acrescentando que a subserviência e sabujice é de tal ordem que atenta “contra a reconciliação nacional e a paz”.

Vai daí, os líderes do regime mandaram os sipaios editoriais do pasquim supostamente dirigido por José Ribeiro reagir, dando-lhes as coordenadas a seguir. Assim sendo, o Boletim Oficial escreve que Isaías Samakuva “recriminou a passividade das autoridades” por não verem na liberdade de expressão as coisas terríveis que o líder da oposição viu. E ainda que vissem, era sempre intolerável que nos silenciassem como evidentemente é a vontade da direcção da UNITA”.

Convenhamos que o Boletim Oficial do MPLA tem razão. Os seus sipaios só vêem, só podem ver, o que o patrão quer que se veja. Daí que sejam realidades diferentes. Uns vêem a floresta e outros apenas a árvore. Uns olham para os angolanos, outros apenas para os interesses do MPLA. Uns olham para as barrigas cheias... de fome, outros comem a lagosta que o chefe de posto coloca na sua mesa.

“O Jornal de Angola emite opiniões que não agra-



dam a Isaías Samakuva e ele acusa as autoridades de “passividade”. Se o líder da UNITA estivesse no poder, era certo e seguro que nos forçava a calar. E atendendo ao passado da organização, é legítimo supor que os meios usados para a mordaza fossem ferro ou fogo. Felizmente vivemos num Estado de Direito e Democrático. Até agora a única acção que sentimos no sentido de atentar contra a liberdade de imprensa foi só o comunicado da direcção da UNITA. Ainda bem que o maior partido da oposição revela de uma forma clara e directa o seu

compromisso ideológico com a censura. Nós cá estamos, sempre livres, rigorosos, responsáveis e ao serviço do Povo Angolano, sem discriminações nem preconceitos. Somos jornalistas, não somos paus mandados nem estamos a soldo de ninguém. Quando for calada a nossa voz, os leitores ficam a saber que há censura em Angola e pelo menos um partido, a UNITA, defende a lei da rocha contra os jornalistas incómodos”, escreve o Boletim Oficial num Editorial não assinado, provavelmente para evitar a revelação do verdadeiro autor ou, também é possível, para não ter de

colocar a impressão digital no lugar da assinatura. O Boletim Oficial tem, reconhecamos, razão em muitas coisas. “Vivemos num Estado de Direito e Democrático”, alega o sipaio que, na verdade, não pode ser culpado, muito menos jugado, por ter copiado a frase. É natural que ele, assalariado e mercenário contratado, não saiba a diferença entre ser ou não um Estado de Direito e Democrático. Para ele, ser amante da Maria José ou do José Maria é a mesma coisa. Urge, portanto, ser paciente com estes aprendizes que nada mais querem do que chupar os angolanos.

Também a alusão a que no Boletim Oficial trabalham jornalistas e que existe liberdade, tem de ser, benevolmente, entendida no seu contexto. Eles não sabem mais e, como mandam as regras divinas estabelecidas pelo “escolhido de Deus”, se o querido líder diz que eles são jornalistas, é porque são. Se Kundi Paihama, que nem militar foi, é um general das FAA, é justo que um qualquer analfabeto funcional possa ser

jornalista. O mesmo se passa com a dita liberdade. Eles são livres para dizer tudo. Tudo o que o chefe manda. Portanto...

A UNITA diz, tal como outros partidos, que o Boletim Oficial promove a intolerância e a violência. O Povo, que não as elites corruptas e os mentores dos sipaios, sabe que é verdade. É contudo, natural que “jornalistas” da propaganda, digam o contrário, jurando a pés juntos (muitos deles aprenderam a estratégia com a PIDE e com o regime “democrático” de Salazar) que nunca defenderam a violência ou puseram em causa a reconciliação nacional.

Também é natural que a direcção do MPLA e do regime (são a mesma coisa) os tenha mandado “assinar” um texto a dizer que quem incita à violência e põe em causa a reconciliação nacional é a UNITA. O mesmo texto servirá, aliás, para amanhã dizer o mesmo da CASA-CE ou de qualquer outro. É só alterar o nome do partido e do presidente.

No mesmo texto, o Boletim Oficial, dá um eterno e indestrutível exemplo do seu contributo para a paz e para a reconciliação nacional, quando critica a UNITA por querer homenagear Jonas Savimbi, um angolano que o pasquim trata como “o condecorado herói do apartheid, o que reduziu Angola a pó, só porque perdeu as eleições de 1992, o que destruiu barragens, postes de alta tensão, pontes, vias-férreas, aeroportos, escolas, hospitais, o que matou, ao serviço do apartheid, milhões de angolanos, queimou mulheres vivas na Jamba, instrumentalizou crianças para a guerra, assassinou friamente dirigen-

EXUMAÇÃO DO LÍDER DA UNITA

A UNITA criou uma comissão para tratar do processo de exumação dos restos mortais do seu fundador, Jonas Savimbi, que visa também “homenagear condignamente” o seu líder histórico.

“Foi uma decisão tomada após profunda reflexão. Achamos por bem, para dar resposta também à vontade da família, criar esta comissão para começar a trabalhar num programa de exumação dos restos morais do doutor Savimbi”, disse o porta-voz da UNITA, Alcides Sakala, sem apontar, contudo, qualquer calendário para este processo.

Esta pretensão da UNITA é duramente criticada, em editorial, pelo Boletim Oficial do regime, o “Jornal de Angola”, em que Savimbi é apelidado de “condecorado herói do apartheid”.

Além dos restos mortais de Jonas Savimbi, cuja morte levou ao fim das hostilidades no país, em 2002, permitindo a assinatura do Memorando de Entendimento do Luena, complementar ao Protocolo de Lusaka, de 1994, a Comissão agora criada tratará da exumação dos restos mortais de outros dirigentes do partido durante a guerra.

O corpo do líder da UNITA, morto em combate nas imediações do rio Lungué-Bungo, foi enterrado na província do Moxico e familiares de Savimbi têm vindo a reclamar a realização do seu funeral.

tes da UNITA só porque estava de mau humor” etc. etc.

Alguém quer melhor e mais explícita confissão do que é para o regime a Democracia e o Estado de Direito, a liberdade, a paz e a reconciliação nacional?

Mas então nessa de queimar mulheres vivas na Jamba, o pasquim oficial esqueceu-se de dizer, ter Savimbi cabulado o que Agostinho Neto, havia feito antes, precisamente, em 1966, no Leste de Angola, quando mandou queimar o comandante Paganini e alguns dos seus homens e mulheres, acusados precisamente de feitiçaria e tentativa de golpe de estado a direcção, que se encontrava em Brazzaville....

Contundo e temendo que a sua raiva não fosse mesmo assim entendida, o Boletim Oficial acrescenta, num estilo que ultrapassa Kim Jong Un, que homenagear Savimbi “é um atentado de morte à reconciliação nacional. É igual a glorificar Hitler ou negar o Holocausto”.

E então o que falar do gesto de Neto, quando em 1965, enterrou vivo Matias Miguéis, ex-vice presidente do MPLA, deixando por dois dias a sua cabeça de fora, até este sucumbir, diante do masoquismo do seu antigo companheiro de movimento. Estes actos, praticados por Agostinho Neto, enquanto presidente do MPLA, são de magnanimidade?

Pese estas aberrantes omissões da verdadeira história dos movimentos de libertação de Angola, cujo tratamento deveria ser mais responsável, para não se arbitrem feridas que o tempo deveria sarar, aqui sim, em nome de uma imparcial e cidadã reconciliação nacional.

No entanto, para reforçar a tese de glorificação dos massacres de 27 de Maio de 1977, perdão, da filantropia que separa Savimbi de Agostinho Neto e Eduardo dos Santos, nada melhor do que chamar à colação a obra daquele

que é o representante divino da Deus em Angola, em África e não só.

“O Presidente José Eduardo dos Santos salvou a vida a milhares de dirigentes da UNITA e seus familiares. Abraçou todos os que estavam nas matas do Lucusse quando o herói do apartheid, Savimbi, morreu em combate. Quem foi salvo da morte certa, tratado como amigo, libertado da sarna e dos piolhos, alimentado, recebeu tratamento médico especial, considerado irmão, não pode acusar o seu salvador de assassi-



no. Fazer isso é mais do que violência gratuita e intolerância fanática: é ingratidão e imoralidade. Todos os angolanos de bem se sentem violados e agredidos”, diz o Boletim Oficial. Parafra-sean-

do António de Oliveira Salazar, também “o regime colonial português salvou a vida de milhares de pessoas do MPLA, libertou-as da sarna e dos piolhos, e ensinou alguns deles a viver fora das copas das árvores”. Pelos vistos, as teses do ditador português continuam a fazer escola. Compreende-se. Alguns dos que mandam no Boletim Oficial estudaram na mesma escola da Polícia Internacional e de Defesa do Estado e privaram com Rosa Casaco e seus muchachos.

Jornal de Angola

EDITORIAL

INCITAÇÃO À VIOLÊNCIA

A Comissão Política da UNITA esteve reunida em Viana e no comunicado final acusa este jornal de “incitação à intolerância absoluta e à violência”. Mas disparou mais uma rajada afirmando que atentamos “contra a reconciliação nacional e a paz”.

O senhor Isaiás Samakuva recriminou “a passividade das autoridades” por não verem na liberdade de expressão as coisas terríveis que o líder da oposição viu. E ainda que vissem, era sempre intolerável que nos silenciassem como evidentemente é a vontade da direcção da UNITA.

O comunicado revela uma tendência inquietante para a censura. O Jornal de Angola emite opiniões que não agradam a Isaiás Samakuva e ele acusa as autoridades de “passividade”. Se o líder da UNITA estivesse no poder, era certo e seguro que nos forçava a calar. E atendendo ao passado da organização, é legítimo supor que os meios usados para a mordida fossem ferro ou fogo. Felizmente vivemos num Estado de Direito e Democrático. Até agora a única acção que sentimos no sentido de atentar contra a liberdade de imprensa foi só o comunicado da direcção da UNITA. Ainda bem que o maior partido da oposição revela de uma forma clara e directa o seu compromisso ideológico com a censura. Nós cá estamos, sempre livres, rigorosos, responsáveis e ao serviço do Povo Angolano, sem discriminações nem preconceitos. Somos jornalistas, não somos paus mandados nem estamos a soldo de ninguém. Quando for calada a nossa voz, os leitores ficam a saber que há censura em Angola e pelo menos um partido, a UNITA, defende a lei da rolha contra os jornalistas incómodos.

A UNITA diz que este jornal promove a intolerância e a violência. Rejeitamos liminarmente tal acusação. Em nenhuma página deste jornal o senhor Isaiás Samakuva encontra uma expressão ou um texto a defender a violência ou a pôr em causa a reconciliação nacional. Mas o contrário é possível. Podemos dar mil exemplos de atitudes de dirigentes da UNITA que apelam à violência e põem em causa a reconciliação nacional. Podemos dar o exemplo mais recente e que vem expresso no comunicado da comissão política da UNITA: a anunciada homenagem a Savimbi, o condecorado herói do apartheid. O que reduziu Angola a pó, só porque perdeu as eleições de 1992. O que destruiu barragens, postes de alta tensão, pontes, vias-férreas, aeroportos, escolas, hospitais. Savimbi matou, ao serviço do apartheid, milhões de angolanos. Queimou mulheres vivas na Jamba. Instrumentalizou crianças para a guerra. Assassinou friamente dirigentes da UNITA só porque estava de mau humor. Desde 1992 a 2002 fez Angola recuar económica e socialmente mais de 100 anos. Ainda hoje estamos a sofrer com os problemas estruturais causados pela sua doentia ambição. Homenagear em Angola um herói do apartheid é de uma violência inusitada. É um atentado de morte à reconciliação nacional. É igual a glorificar Hitler ou negar o Holocausto. Savimbi protagonizou no solo sagrado da Pátria crimes hediondos contra a Humanidade. Não pode ser homenageado nem glorificado. Intolerância imperdoável é o que Isaiás Samakuva fez ao publicar uma “carta aberta” em França onde lança graves insultos ao Chefe de Estado. Faltar ao respeito a um símbolo da Nação é violência, intolerância e agressão. O líder da UNITA agrediu todos os angolanos, mesmo os que votaram nele. Intolerância cega e altamente reprovável é dizer que o Chefe de Estado anda a assassinar opositores políticos, quando a realidade mostra o contrário: o Presidente José Eduardo dos Santos salvou a vida a milhares de dirigentes da UNITA e seus familiares. Abraçou todos os que estavam nas matas do Lucusse quando o herói do apartheid, Savimbi, morreu em combate. Quem foi salvo da morte certa, tratado como amigo, libertado da sarna e dos piolhos, alimentado, recebeu tratamento médico especial, considerado irmão, não pode acusar o seu salvador de assassino. Fazer isso é mais do que violência gratuita e intolerância fanática: é ingratidão e imoralidade. Todos os angolanos de bem se sentem violados e agredidos.

Violência e intolerância é publicar uma carta aberta por ocasião da visita do Chefe de Estado a Paris e acusá-lo de burlão. Chamar-lhe “ditador dos Santos” e dizer que quem se lhe opõe “definha nas prisões do sistema ou são simplesmente suprimidos fisicamente”. Só um sinédrio de biltres insanáveis pode fazer tais acusações. Violência e intolerância é afirmar que os jornalistas angolanos são assassinados quando querem informar. Só se for pela UNITA!

Intolerância e violência moral, é dizer na carta aberta que “o presidente angolano enriquece a sua família com o dinheiro do petróleo em detrimento do povo”. E a UNITA atenta, sem qualquer pudor, contra a honra e o bom nome da empresária Isabel dos Santos, apenas por ser filha de quem é. Quando um líder político se comporta como um mero escriba de pasquim pode esperar tudo da vida, menos que os angolanos lhe confiem o país. Nós vamos continuar a dizer que esse rei vai nu, desde que despiu a farda das tropas do apartheid.

CONSUMIR ÁLCOOL ESTÁ-NOS NO SANGUE



Os angolanos, os cabo-verdianos e os são-tomenses são, dos africanos lusófonos, os que mais álcool consomem, com níveis acima da média africana, conclui o “relatório global sobre o álcool e a saúde 2014”, publicado pela Organização Mundial de Saúde, e que disponibiliza perfis dos 194 países membros da organização.

Segundo os dados disponíveis, referentes a 2010, os angolanos são os africanos lusófonos que mais álcool consomem em média (7,5 litros de álcool puro por ano, quando a média africana é de 6,0). Esta taxa tem vindo a aumentar, já

que entre 2003 e 2005, a média per capita era de apenas 5,4 litros por ano. Como 64,9% dos angolanos não consomem álcool de todo, a OMS estima que aqueles que bebem de facto tenham consumido em 2010 uma média de 20,9 litros de álcool. A prevalência de perturbações do consumo de álcool, incluindo a dependência do álcool, em Angola é de 4,9%, também superior à média africana (3,3%).

A OMS estima que 3,2% de todas as mortes em Angola possam ser atribuídas ao álcool - a média africana é de 3,3%.

Com um consumo per capita de 7,1 litros de álcool puro por ano, São Tomé e Príncipe é o segundo país africano de língua portu-

guesa com maior média, embora a taxa tenha vindo a diminuir, de 8,7 em 2003-05. Retirando das contas os 61,9% de são-tomenses que se declaram abstêmios, o consumo per capita sobe para 18,5 litros de álcool anuais.

Do total de mortes registadas em São Tomé e Príncipe, 3,5% podem ser atribuídas ao álcool, mais do que a média africana (3,3%).

São Tomé e Príncipe, assim como Cabo Verde, são os países com maior prevalência de perturbações do consumo de álcool entre os lusófonos africanos, com uma média de 5,1%.

Os cabo-verdianos consumiram em 2010 uma média de 6,9 litros de álcool puro por ano, ligeiramente mais do que em 2003-05 (6,5),

número que sobe para 17,9 litros quando se excluem os 61,4% de abstêmios do país.

Com a mais alta percentagem de mortes associadas ao álcool entre os lusófonos africanos (3,6%), Cabo Verde tem também uma frequência superior à média africana de perturbações ligadas ao consumo de álcool (5,1%).

Moçambique e a Guiné-Bissau têm ambos consumos per capita inferiores à média africana, com valores de 2,3 e 4,0 litros de álcool puro por ano, respectivamente.

A percentagem de mortes atribuíveis ao consumo de álcool também é inferior à média do continente nestes dois países (1,3% em Moçambique e 1,8%

na Guiné-Bissau), assim como a prevalência de perturbações do consumo (2,6% em Moçambique e 1,8% na Guiné-Bissau).

De entre os restantes países de língua portuguesa, Portugal é o que tem maior consumo de álcool per capita - 12,9 litros anuais na população em geral e 22,6 entre os que bebem.

Estes valores estão acima da média da Europa, que é a região com o consumo per capita mais elevado (10,9 litros de álcool puro anuais).

Segue-se o Brasil, que tem um consumo médio de 8,7 litros de álcool puro por ano entre a população em geral (acima da média regional de 8,4), e de 15,1 litros quando se retiram os 42,3% de abstêmios. No total, 6,4% das mortes registadas no Brasil podem ser atribuídas ao álcool e o país tem 5,6% de prevalência de perturbações do consumo.

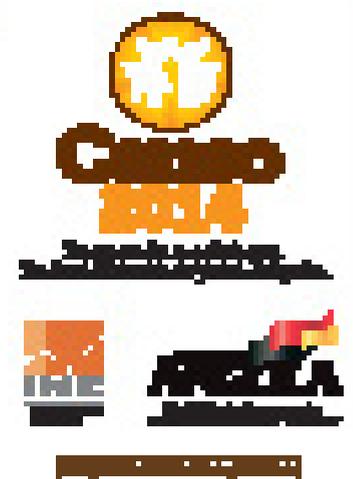
Os timorenses são, de todos os cidadãos lusófonos, os que menos álcool consomem, com um consumo per capita de 0,6 litros de álcool puro por ano, quando a média regional é de 3,5.

Um total de 92,9% dos timorenses declara-se abstémio, pelo que aqueles que bebem consomem em média oito litros de álcool puro por ano. A percentagem de mortes atribuíveis ao consumo de álcool em Timor-Leste é de 1,2% e a prevalência de perturbações ligadas ao consumo de álcool é de 1,5%.

O vinho é o álcool mais consumido em Portugal e em São Tomé e Príncipe, enquanto a cerveja é a bebida alcoólica mais consumida em Angola, Moçambique, Cabo Verde e Brasil.

PARA ELES NÃO HÁ DISTÂNCIA NEM TEMPO.
NÃO HÁ DIA NEM NOITE.
APENAS A CERTEZA DE QUE ESTÃO A CONTRIBUIR
COM A MISSÃO DE FAZER DE ANGOLA
UM PAÍS CADA VEZ MELHOR.

De 16 a 31 de Maio
receba bem
os reconhecidos





“MADE IN CHINA” A BEM DO RÈGIME

A China vai abrir ainda mais os cordões à bolsa para financiar investimentos em Angola. Haverá a supressão de vistos em passaportes diplomáticos e de serviço. Estes são, em resumo, os resultados da recente visita do primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, a Luanda. Por cá, o Governo quer um maior incremento da cooperação, mais crédito e mais parcerias. O volume de negócios com Pequim,

hoje a rondar os 37 mil milhões de dólares, tem de ser alavancado, diz o regime que como contrapartida aceita alargar o âmbito da neo-colonização chinesa. Sabe-se que foram assinados seis acordos financeiros, mas os montantes ficaram no segredo dos deuses. Também não é relevante. Em democracia a plebe tem direito ao conhecimento, por cá esse é um privilégio da casta superior do regime. Conhecido foi apenas, e pela boca do primeiro-ministro chinês, que o seu país

vai doar a Angola cerca de 29 milhões de dólares. O presidente Eduardo dos Santos pediu à China mais parcerias com empresas angolanas, afirmando que “essas parcerias permitem a formação profissional e técnica dos quadros nacionais, para que adquiram competências e habilidades para contribuir para o desenvolvimento do país”. A isso juntou também “mais créditos para a modernização das infra-estruturas”. Reconheça-se que os financiamentos da China foram fundamentais para

a edificação do país, também à imagem do regime de partido único, quando mais nenhum país se disponibilizou para conceder créditos para financiar um país partido pela guerra até 2002. Hoje, todos os sectores da vida do país têm financiamento chinês, até na formação profissional, como refere o ministro do Trabalho, Pitra Neto. “Para que os angolanos possam ocupar cada vez mais postos de trabalho - e não só actividades auxiliares, mas também de ponta, de domínio com-

plexo - é preciso que haja formação profissional”, frisa o ministro, acrescentando que “este projecto na área da formação profissional é um bom ponto de partida para a ‘angolanização’ da força de trabalho”. O acordo de supressão de vistos diplomáticos e de serviço entre os dois países é visto como um grande ganho. Falta saber para quem. Mas isso não importa. Segundo o ministro das Relações Exteriores terá sido descoberta a pólvora e, como diria La Palisse, George



Chicoti explicou perante o espanto geral que com a supressão de vistos “facilita-se a circulação entre os dois países”.

Em declarações à Voz da Alemanha, a docente universitária do Centro de Investigação Científica da Universidade Católica, Regina Santos, assinala os benefícios para Angola da cooperação com a China, frisando que “este acordo bilateral foi, de algum modo, um catalisador para esta movimentação de outros países para conseguirem também um posicionamento em Angola”.

Angola é, por sinal, o maior fornecedor de petróleo à China, que, por sua vez, injecta biliões de dólares na modernização do país. Não faltará gente que, graças à sua visão avançada, até estará disposta em falar da filantropia chinesa na ajuda ao nosso país. Esta foi a primeira visita que o primeiro-ministro da China realiza a África, um ano depois de o Presidente Xi Jinping ter visitado o continente africano, sendo Angola o terceiro périplo africano que incluiu Etió-

pia, Nigéria e Quênia.

Certamente por amor aos angolanos, a China é o país que mais consome petróleo de Angola, chegando a cota de mercado de 45% em 2013.

Só por manifesta má-fé é que se pode chamar à colação a queda de 4,51 por cento no comércio entre os dois países em 2013, relativamente ao valor de 2012. No ano passado, os dois países movimentaram cerca de 26 mil milhões de euros em negócios. Em 2012, as relações comerciais entre os dois países teve um volume recorde, chegando a 27 mil milhões de euros.

Também não fará muito sentido recordar que a quebra no volume das relações comerciais pode ter feito tocar o alarme em Pequim, tanto mais que os chineses estavam acostumados a considerar o nosso país como um dos seus quintais em África.

Para a especialista em política africana contemporânea e pesquisadora do Chatham House, Elisabete Azevedo Harman, o esfriamento não deve ser encarado como uma ameaça ao comércio com China.

“Penso que foi considerada, mas não penso que seja um sinal de alarme de que a relação está a reduzir-se e perder importância. Foi uma mudança mais contextual e de conjuntura do que uma mudança radical na política de Angola em relação à China”, explica Elisabete Azevedo Harman.

Já o presidente da Asso-

ciação de Indústrias de Angola, José Severino, pensa de maneira diferente e realça que a falta de qualidade dos produtos chineses está a levar-nos a abrir as portas a outros fornecedores, nomeadamente europeus. A isso acresce que, de uma maneira geral, as empresas chinesas a trabalhar em Angola preferem empregados chineses. Por outras palavras, os angolanos que se lixem.

José Severino considera cada vez mais relevantes os padrões de qualidade, dizendo que estes antes não existiam mas que, com naturalidade, estão não só a existir como a elevar a fasquia, pelo que ou a China compreende que Angola tende a deixar de ser o seu quintal ou vai perder a corrida.

Para este ano, de acordo com dados do Fórum para Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, as trocas comerciais até Abril já chegam a quase 7 mil milhões de euros.

Os frutos da relação comercial, ou da neo-colonização, são fáceis de

identificar em qualquer esquina do nosso país, basta ver que a comunidade chinesa é a mais populosa, calculando-se que sejam perto de 300 mil os chineses que por cá andam.

O grande salto ocorreu em 2010 quando teve início a estratégia “oil for money” (petróleo por dinheiro), sendo que isso quis e quer dizer que as linhas de crédito chinesas corresponderiam à exportação do petróleo angolano. Daí um foi já um passo para que eles tomassem conta da construção civil (estradas, escolas, hospitais etc.).

Entretanto, Angola poderá só atingir em 2017 a produção de dois milhões de barris de petróleo por dia, segundo um estudo da revista britânica “The Banker”.

“Os analistas são da opinião que a previsão da Sonangol, de que as exportações vão chegar a dois milhões de barris por dia em 2015, são irrealistas e, mesmo que as empresas estejam optimistas relativamente aos blocos terrestres e ultra-profundos quaisquer descobertas daí provenientes vão demorar anos até que fiquem operacionais”, indica a “The Banker”.

O Governo angolano prevê atingir a meta de dois milhões de barris por dia em 2015, uma estimativa confirmada pela agência de notação financeira Moody's. Actualmente Angola é o segundo maior produtor de petróleo no continente africano, atrás da Nigéria.

De acordo com a “The Banker”, este ano Angola deverá produzir 1,79 milhões de barris por dia. Para 2015 está prevista uma produção de 1,85 milhões, acelerando para os 1,90 milhões em 2016, pelo que só daqui a três anos é que o país deverá atingir a meta propalada pelo Governo.

A publicação britânica é especializada em assuntos financeiros internacionais e pertence ao grupo “Financial Times”.

George Chicoti explicou perante o espanto geral que com a supressão de vistos “facilita-se a circulação entre os dois países

PEQUENOS INVESTIDORES TEMEM LEI DE INVESTIMENTO PRIVADO

A Especialistas internacionais dizem que a Lei do Investimento Privado, que obriga a um investimento mínimo de 1 milhão de dólares para ter direito a benefícios fiscais, tem afastado pequenos investidores estrangeiros que, pelo menos desde 2011, procuram outras paragens, deixando Angola sem a actividade de pequenas e médias empresas consideradas vitais para o sector intermédio da nossa economia.

“Apesar de muitas pequenas empresas estrangeiras estarem interessadas em Angola, desde 2011 que as suas perspectivas de expansão para este país têm-se desvanecido por causa da adopção de uma lei do investimento que requer um investimento mínimo de 1 milhão de dólares para poderem aceder a reduções fiscais e outros incentivos”, escreve, por exemplo, a prestigiada revista britânica “The Banker” num conjunto de artigos dedicados a Angola na edição deste mês.

A Lei do Investimento Privado, actualmente em discussão pública, foi um dos poucos motivos que levou alguns membros do próprio MPLA a criticarem a legislação, “uma raridade num país habituado a que ninguém desafie o ‘status quo’”, lê-se no artigo na edição de Maio da “The Banker”, publicação do grupo “Financial Times”.

A mudança numa lei considerada estrutural, menos de três anos depois de ter sido implementada, é, aliás, uma das principais

críticas da revista, para quem “a frequência com que a legislação muda em Angola é uma das dores de cabeça que os investidores enfrentam quando tentem penetrar naquele mercado que já tem um ambiente empresarial complicado”-

“O país - conhecido pelos engarrafamentos de tráfego, pesada burocracia e altos custos empresariais - está em 179º numa lista de 189 no relatório ‘Doing Business’ (medidas objectivas de regulamentações de negócios para as empresas) do Banco Mundial”, acrescenta o artigo, que argumenta, no entanto, que como é um país em crescimento, tudo tem de ser implementado, e o facto de a legislação mudar mostra que o Governo aprende com os erros e que quer

melhorar o ambiente empresarial e atrair investidores privados.

A Lei do Investimento Privado está em revisão, devendo o valor mínimo de investimento necessário para negociar directamente com a Agência Nacional do Investimento Privado (ANIP) descer para os 500 mil dólares para os cidadãos angolanos e manter-se no milhão para os estrangeiros, mas com uma importante mudança: o valor deverá passar a ser contabilizado por projecto e já não por investidor, bem como deverão ser alteradas as chamadas zonas de investimento.

Por outro lado, o antigo vice-ministro das Finanças, Fernando Heitor, afirma que os empresários não se devem assustar com a nova pauta aduaneira, su-

blinhando que as taxas de importação só aumentam nalguns produtos.

“A minha mensagem para os empresários que exportam para Angola é para não se assustarem com a nova pauta aduaneira, que aumenta as taxas nalguns produtos, nomeadamente de luxo, produtos produzidos em Angola com grande potencial de crescimento, e bebidas alcoólicas e alguns sumos”, disse Fernando Heitor.

Quando questionado sobre a previsível quebra nas exportações portuguesas para o nosso país e consequente diminuição do consumo, o antigo vice-ministro das Finanças com o pelouro dos Impostos e do Património considerou que “não vai haver quebra nenhuma”, admitindo, no entanto,

que “só a médio prazo é que, provavelmente, vai haver um decréscimo”.

Todo o enquadramento legislativo económico, como outros, preocupa cada vez mais os empresários portugueses, sobretudo porque há, de acordo com a AICEP (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal), 8.800 empresas lusas que exportam para o nosso país, cá trabalhando regularmente cerca de 200 mil portugueses.

Além disso, num contexto de crise económica, importa realçar que Angola é o 4º maior cliente de Portugal, sendo este o 4º maior investidor estrangeiro no nosso país em 2012 (em 2011 era o terceiro), assim como no primeiro trimestre de 2013.

Informações da Embaixada de Portugal em Luanda revelam que os investidores portugueses têm uma especial apetência por sete das nossas províncias: Luanda, Benguela, Huíla, Huambo, Malange, Cabinda e Namibe.

Embora garantindo que o nosso país estará sempre na primeira linha dos investimentos portugueses, o ministro da Economia, António Pires de Lima, considera que a nova pauta aduaneira “obviamente não é uma boa notícia para as empresas portuguesas que fazem de Angola um mercado muito relevante”, sobretudo em sectores vitais para as exportações portuguesas, como vinho, cervejas, produtos agro-alimentares, mobiliário e materiais de construção.

O ministro da Economia recorda os tempos em que, como CEO (Chief Executive Officer) da Unicer, tentou crescer no





nosso mercado. “Conheço por experiência própria o risco que este aumento da pauta aduaneira pode significar para alguns sectores exportadores para Angola”, diz Pires de Lima, reconhecendo contudo que “esta é uma medida que estava prevista há vários anos por parte das autoridades angolanas, portanto não pode, não deve, apanhar ninguém de surpresa.”

“Espero que, apesar das circunstâncias para alguns sectores serem agora mais difíceis, as empresas portuguesas possam continuar a crescer e a consolidar a posição que têm em Angola. Seja através das exportações, seja através da concretização de investimentos em Angola”, diz o governante luso, dirigente de um dos partidos, o CDS, que sustenta a coligação governamental com o PSD.

Pela parte de Portugal, Pires de Lima diz que “o Governo fez aquilo que pôde, durante estes últimos anos, para que esta medida entrasse em vigor o mais tarde possível e para que os próprios empresários pudessem adaptar os seus modelos de negócio a esta circunstância. O que é importante é que os empresários portugueses sintam que o Governo continua ao lado deles em Angola, apoiando-os não só nas actividades exportadoras,

mas também em projectos de investimento que queiram concretizar.”

Embora pareça ser um assunto tabu, tanto por parte de Angola como de Portugal, é certo que as trocas comerciais entre os dois países continuam em risco com o fim, ou adiamento, ou suspensão temporária, da parceria estratégica que tinha sido estabelecida entre os presidentes Cavaco Silva e José Eduardo dos Santos, em Julho de 2010.

Importam recordar que a cooperação, nos últimos anos de uma clara subserviência lusa, entre o nosso país e Portugal abrange praticamente todos os domínios, desde os comerciais à formação de quadros, passando pela educação, luta (claramente falhada) contra a pobreza, investigação científica e tecnológica, saúde, segurança alimentar e suposta boa governação do Estado.

Recorde-se que Cavaco Silva e José Eduardo dos Santos decidiram, em Julho de 2010, numa altura de “vacas gordas” na Europa, mudar o rumo das relações bilaterais. A oficialização dessa “irmandade” aconteceu durante aquela que foi a visita oficial mais demorada, cinco dias, de um chefe de Estado português a Angola.

Assim, querendo ir mais

além das famigeradas mas pouco produtivas relações históricas e culturais, avançaram para a dita cooperação estratégica.

Ficara, todavia, algumas – dir-se-iam muitas – pontas soltas. “A parceria estratégica precisa de um programa que defina as prioridades e estabeleça os instrumentos jurídicos para a sua viabilização e o objectivo de curto, médio e longo prazos”, disse então José Eduardo dos Santos, se bem que enaltecendo que “a cooperação multilateral com Portugal assumiu um carácter estratégico desejado pelos dois Estados, com uma base sólida de sustentação”.

Por sua vez, Cavaco Silva falou da convergência de interesses dos dois países, concluindo que, “mesmo sem se assinar documentos e sem ser institucionalizada”, essa parceria teria obrigatoriamente de seguir em frente.

Mais, muito mais, satisfeito que Eduardo dos Santos, o Presidente Cavaco Silva foi peremptório ao dizer que “nunca as relações entre os dois países no campo político, económico, empresarial e cultural foram tão intensas, como agora”.

Mais pragmáticos do que os políticos, seis empresários de Vila Nova de Famalicão (Portugal)

“enterraram” a parceria estratégica e, recentemente, assumiram que têm unhas para tocar viola, não deixando os seus créditos por mãos alheias. Vai daí, institucionalizaram a designação de “Embaixadores de Vila Nova de Famalicão” em Angola. Este é o primeiro resultado visível do projecto “Famalicão Made INternacional” que agora arrancou na escola Didáxis de Riba D’Ave, e contou com as presenças do presidente da Câmara Municipal, Paulo Cunha, do cônsul-geral de Angola no Porto, Domingos Lopes, entre vários empresários da região.

As empresas Vieira de Castro, José Manuel Fernandes, Primor, Certaine/Caixaive, Adigeste e Cetrus, exemplos de sucesso na internacionalização dos seus produtos, nomeadamente no nosso mercado, assumiram o compromisso de apoiar novas empresas que estejam interessadas em explorar as potencialidades angolanas. A Câmara Municipal também se incluirá no processo, assumindo-se como elemento institucional facilitador.

“A Câmara Municipal de Famalicão, tal como qualquer outra, não é nem tem vocação empresarial, mas assume a responsabilidade de ser plataforma facilitadora e indutora do desenvolvimento do tecido empresarial do concelho. Este projecto do Made INternacional tem esse propósito, de criar condições para que exista uma acção concertada de forma a atingirmos esses propósitos”, assinalou Paulo Cunha.

O objectivo é, no fundo, que os embaixadores famalicenses se disponibilizem a prestar informações diversas sobre o nosso mercado, facilitando a entrada de novas empresas e proporcionando novos negócios.

“Hoje já não se fala em mercados locais, nem sequer em mercados na-

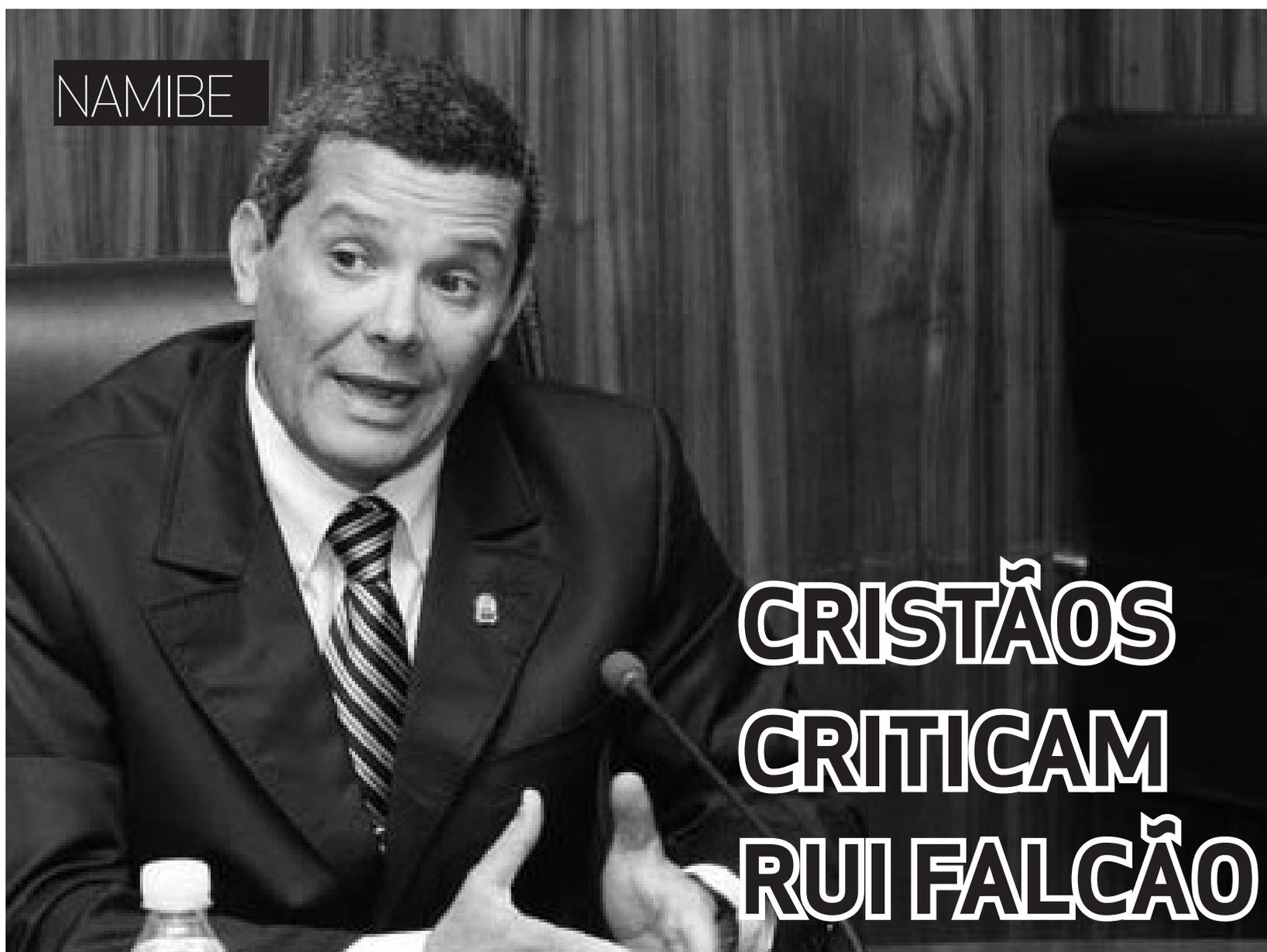
cionais, só há uma escala para o mercado – o global. Nós queremos empresários famalicenses arrochados, com capacidade para arriscar, que vão à luta, mas não queremos experimentalismos e muito menos aventureirismos”, afirmou o presidente da Câmara Municipal.

Por sua vez, o nosso Cônsul no Porto destacou que, “apesar de Angola ter uma riqueza substancial, ainda tem muita pobreza e precisamos de bons parceiros, como os empresários portugueses, que têm colaborado no nosso desenvolvimento, criando possibilidades de emprego e participando na formação técnica profissional e outras dos nossos jovens”.

Paulo Cunha explicou ainda a razão pela qual o município escolheu Angola para iniciar este périplo de internacionalização da economia famalicense: “Existem laços profundos com Angola, não só a língua, mas a cultura e a história. É esta ligação profunda que nos permite começar por Angola este périplo da internacionalização da economia famalicense. Uma dinâmica que desejamos que seja recíproca, ou seja, que os empresários angolanos venham também para Famalicão”.

Consolidado o ciclo ‘Made In Famalicão’ que a autarquia tem vindo a promover nos últimos meses pelas empresas de referência do concelho, bem como pelos projectos inovadores e diferenciadores, surge agora este projecto “Famalicão Made Internacional”, com o mesmo intuito de fomentar o empreendedorismo e de potenciar as empresas do concelho mas, desta vez, fora de portas.

O programa “Famalicão Made INternacional” será composto por um conjunto de sessões públicas, abordando sempre novos mercados com potencialidades de investimento.



Os cristãos, melhor, uma grande maioria, está agastada com o que considera interferência política, por parte do executivo da província do Namibe, nos assuntos ligados a Religião e a forma de se encarar a fé cristã. Tudo isso por no passado dia 04 de Abril, Rui Falcão, coincidentemente, católico, pois foi escuteiro e responsável nacional, deste braço da Igreja, ter proibido a celebração da missa ecuménica, substituindo-a por uma feira “vulgo” da paz.

TEXTO DE ALEXANDRE CORTES, NO NAMIBE

O gabinete de Rui Falcão defendeu a celebração do dia da PAZ, com a realização de uma feira com a mesma denominação, uma vez, a realização da missa ecuménica, nem sempre enquadrar todos os angolanos; os cristãos e os não cristãos. “Acho que o governador tem razão, mas isso não poderia impedir a realização da missa ecuménica, as duas actividades poderiam complementar-se, mas o problema é que as

empresas gostariam que fosse o governo a bancar com as despesas e elas apenas aparecerem a dar o show”, argumentou ao F8, João Dinis. Opinião diferente têm os cristãos-reclamantes, para quem a decisão é como um recuo nos tempos do governo monolítico, em que as congregações religiosas eram como “escória” da sociedade, filhos menores. “Não achamos que tenha sido uma atitude prudente, coerente e cristã, principalmente, por ser da parte da mais alta entidade da província, que não

deixou de ofender muitos de nós cristãos, face a sua indiferença e desrespeito”, declarou o pastor Mário Njonga Abdel. Por sua vez o secretário provincial do CICA, reverendo Simão Mavanda, pastor - líder da Igreja Metodista, aconselhou o executivo de Rui Falcão a não ingerência nos assuntos da Igreja, “sobretudo por muitos cristãos ainda sentirem no fundo do coração a mágoa resultante da decisão inesperada do Governo da Província do Namibe, de repente abortar todo esforço empreendido pelos cristãos durante

um mês de preparação para a celebração do culto ecuménico do passado dia 4 de Abril”, disse. Para este eminente pastor, “humanamente é difícil digerir este caso, pois todas igrejas estavam engajadas na preparação e por decreto do governo local, alegando uma orientação de Luanda, a Acção de Graças, pela dádiva da paz, foi simplesmente proibida”, asseverou. Parece ponto assente que nos próximos tempos, os cristãos caminharão sozinhos, desfazendo-se de estarem incluídos num amplo programa gover-

namental provincial, até por não ser este comportamento ilegal ou inconstitucional, face a laicidade do Estado. “Esperamos que nos próximos tempos deixem a Igreja realizar a sua actividade de louvor a Deus, porque está escrito; primeiro o Senhor, todo Poderoso e só depois outras coisas”, concluiu. Procuramos ouvir a directora da Cultura e o próprio governador Rui Falcão, mas todas tentativas foram infrutíferas por indisponibilidade dos visados, segundo os respectivos secretariados.

ABUSO DE PODER

GOVERNADOR ACUSADO DE PARAR INVESTIGAÇÃO DA POLÍCIA ECONÓMICA NA KATIAVALA BWUILA

TEXTO DE PAULO VILELA*

O Governador Provincial de Benguela, Isaac dos Anjos está a ser acusado de ter impedido, a continuidade de uma investigação, da Direcção Provincial das Actividades Económicas, na Universidade Katiavala Bwila, por alegados crimes de corrupção, durante a inscrição de novos alunos no ano lectivo 2013/2014.

Na abertura de cada ano lectivo na única universidade pública em Benguela, as vagas são sempre inferiores ao número de inscrições, pelo que emerge, uma engenharia de certos funcionários da reitoria da UKB, na cobrança de valores entre os três à quatro mil dólares, por cada lugar fora dos procedimen-



tos regulamentares.

Uma fonte do F8 assegurou que a polícia económica tem reunido provas suficientes sobre o envolvimento de figuras da reitoria da UKB e que tudo estava preparado para darem início as respectivas detenções, mas a acção policial teria sido travada, porque o reitor da UKB Albano Ferreira recorreu ao governador de Benguela e



argumentou que a detenção dos alegados envolvidos no caso de vendas de lugares para acesso a sua universidade, poderia desfalcocar a orgânica da instituição e que seria um mau precedente para a imagem da universidade pública.

Por outro lado, argumento que tem sustentação jurídica, foi o alertar do gover-

nador, para não se cometer o erro de “prender para investigar, ao invés de investigar para prender”. Com este alerta as autoridades policiais decidiram continuar as suas desinências, para se apurar as provas e então se decidir se o crime não prevê liberdade provisória.

“Foi desta forma que Isaac dos Anjos, alertou o delegado Provincial do Ministério do Interior, Sub-Comissário Simão Queta”.

Um conceituado jurista da praça benguelense, convidado a falar sobre o assunto, afirmou que de acordo com o artigo 17.º da lei 17/10, o governador Isaac é o representante do Estado na província, a quem incumbe em geral conduzir a sua governação e assegurar o normal funcionamento dos órgãos da administração local do Estado.

O jurista considerou que nos termos do artigo 105.º n.º 3 da Constituição da República de Angola, conjugado com a Lei 17/10 de 29 de Julho (Lei sobre a organização e o Funcionamento dos órgãos da Administração local do Estado) refere que os órgãos de soberania e os órgãos da administração local, deve existir o respeito da interdependência e separação de funções, isto é, o poder executivo não deve interferir na actuação do poder judicial, visto que o mesmo começa da instrução preparatória até a decisão transitada em julgado.

Nestes termos o jurista considera questionável, a ser verdadeira a acção do governador, mas não deve ainda ser considerada como ilegal ou inconstitucional.

*Em Benguela

INQUÉRITO NA DIRECÇÃO DA POLÍCIA ECONÓMICA DE BENGUELA

DETECTADOS “PENTES” AOS

EMPRESÁRIOS LIBANESES E AFRICANOS

TEXTO DE PAULO VILELA*

A Direcção Provincial das Actividades Económicas do Comando Provincial da Polícia Nacional de Benguela, está a braços com uma crise de direcção, depois da realização de um inquérito relacionado com uma gestão operativa, considerada fraudulenta, envolvendo o director provincial Pembele Zanzo e o oficial operativo Prazeres Germano Monteiro. O mote do inquérito está relacionado, segundo fonte do F8 com um processo de

extorsão de valores junto de empresários libaneses e africanos, a que Pembele Zanzo negou todas as acusações sobre alegado envolvimento, acusando sim, com alegadas provas, o seu oficial Prazeres G. Monteiro de utilizar o seu nome para “pentear” os empresários estrangeiros.

Encurralado PGM endereçou a Direcção Nacional da Polícia Económica uma exposição onde detalhou os esquemas do seu superior hierárquico, com destaque para a criação de uma alegada conta bancária onde os empresários

estrangeiros depositavam supostas infracções económicas, mas que os referidos valores caíam de facto em conta privada.

Com a gravidade do caso a fonte do F8 afirmou que os dois implicados foram acareados em Luanda perante uma comissão de inquérito da DNPE cujos resultados se desconhecem, mas tudo aponta, que para além da instauração de um processo disciplinar os mesmos poderão ser transferidos, para outra província ou, numa medida mais radical, se provados os factos, expulsos da corporação, por conduta

indecorosa.

No entanto o delegado provincial do Ministério do Interior Simão Keta esta solidário com o homem forte da Polícia Económica, pese as suspeições, tendo mesmo este, segundo a nossa fonte, numa assembleia-geral de trabalhadores, afirmado “tenho extrema confiança no actual director da PE e que seria difícil manter um mesmo nível de relacionamento com um novo responsável da área”.

A crueza destas palavras, atribuídas ao delegado do Interior de Benguela, estão a ser interpretadas no

seio da corporação como um sinal de protecção ao seu subordinado, ambos naturais do Uíje e pelo facto da Polícia Económica e a Direcção Provincial de Investigação Criminal, serem tidas como os centros de “facturação” através do pagamento de importantes quantias monetárias de pessoas envolvidas em grandes crimes e que o conhecido triângulo das Bermudas (Delegado Provincial do Interior, Directores da PE e DPIC) é preponderante para abafar ou não os respectivos processos.

*Em Benguela

CIÚMES AO RUBRO

CIDADÃO “AMEAÇA” MATAR A ESPOSA E OS FILHOS

TEXTO DE ANTUNES ZONGO

O ancião luso-angolano, Domingos Tavares de 75 nos de idade esta a ser acusado pela sua companheira, Maria da Conceição de 35 anos de idade, de ameaças de homicídio a ela e aos filhos, caso ela decida pôr termo a relação conjugal. Na realidade a diferença de idade, pese os nove anos de convivência, pois tudo começou numa noite de cacimbo, tinha a esposa, radiantes 26 anitos e ele 66 anos, a diferença, dizíamos parece constituir o grande empecilho, pois a visão do mundo é diametralmente oposto, entre ambos.

No entanto, estas relações apenas assumem relevância, quando emerge o sentimento possessivo de um dos lados, que não aceita a rejeição, passando para a violência e ou intimidação, como parece ser o caso. Mas, o visado nega a acusação, considerando-a uma calúnia e “falso testemunho”, por parte da sua esposa, a jovem professora de profissão, Maria da Conceição.

Mas a verdadeira razão, afinal, conta em exclusivo ao F8, a professora, vem do fraco desempenho sexual do kota. Sempre tu óh SEXO, na vida dos outros a atrapalhar o sonho de “até que a morte nos separe”.

Ela é peremptória na cátedra dos seus 35 anos de idade. “O sexo é importante!” E explica ter o problema raízes de longa data, um motivado por ciúmes (dele) e outro devido à fraca erecção e rápida ejaculação (ataca ela), para além da pouca contribuição financeira, nas despesas do lar, por parte do esposo. “Para além de



tudo isso quem sustenta a casa sou eu, pois, os 19 mil Kz que ele (esposo) recebe como pensionista não chega para o nosso sustento, mas também ele gasta em bebidas, mesmo após os médicos o aconselharem a deixar de consumir álcool por ter

princípios de trombose”, recordou a jovem professora para mais adiante acrescentar, “ele (esposo) sente ciúmes do médico da família e, sobretudo dos meus colegas da Faculdade. Há tempos, foi a minha busca na universidade, encontrou-me a debater

com alguns colegas e começou a me ofender tanto, pedi desculpas aos colegas pelo sucedido e subi no carro que ele conduzia, mesmo assim continuou a ofender-me no interior da viatura, descontrolou-se e, em face disso, descontrolou mal a curva e fomos

embater noutra viatura. Na sequência, quebrei a cabeça devido o embate no vidro da frente, mas o meu esposo ao invés de se preocupar comigo, disse-me que seria bom que eu morresse na pancada”, notou e continuou, “ele já não respeita a minha família, apelida-nos todas como prostitutas”, contou. Domingos Tavares é ainda acusado de ter vandalizado o “alombamento” (a maior festa matrimonial de cariz africano) da irmã da esposa por, alegadamente, desconfiar haver no local, um namorado de “sua” cara metade.

“Naquele dia ele (Tavares) chegou a destruir mesas em que estavam sentados familiares do esposo da minha irmã mais nova. Imagine a envergonha que tivemos. Por tudo isso, estou cansada de tanto desrespeito, humilhações e desconfiança, por isso não mais pretendo continuar a relação”, desabafou. Portanto, de acordo as informações em nossa posse, Domingos Tavares está a chantagear a esposa de que irá recebê-la os três filhos (fruto de uma paixão intensa de nove anos) caso a esposa Maria da Conceição, insista na separação, e “por último recurso, ameaça-me de morte”, contou. Por sua vez, o acusado classificou de falso testemunho as acusações, e prometeu não mais desentender-se do mesmo jeito com a esposa “porque a amo muito e não a quero deixar”, confessou. Portanto, o que auguramos é que o casal, possa entender-se e devolver a harmonia no lar, para bem do desenvolvimento sadio dos filhos.



NO CACUACO

FUNCIONÁRIO DO “NOSSO SUPER” MORTO A TIRO

TEXTO DE ANTUNES ZONGO

O trabalho do vendedor Augusto Mário, da Loja de bens alimentares, “Nosso Super” em Cacuaço, foi assassinado, alegadamente, por demonstrar resistência aos marginais que tentavam roubar a sua motorizada de marca “Lingkeny”, no dia 10.05, às 19h00, na Estrada Direita

da Funda. No mercado a moto está avaliada em 70 mil Kz. Fazendo fé nas informações postas a circular pelo amigo da vítima e testemunha ocular do incidente, no momento da chacina, ele era “pendura” (rebocado) na motorizada conduzida pelo defunto, Augusto Mário que negou dar a moto aos marginais por ser nova e adquirida no mesmo dia.

“Ele (Augusto) não era de sair à toa de casa, era muito responsável. Só estava na rua àquela hora porque precisava fazer rodagem a motorizada. Foi neste momento que os marginais surgiram e quiseram receber o meio de transporte”, contou Moisés Lumeta, irmão mais novo do falecido. O defunto como fez resistência aos marginais estes dispararam antes de levar

a moto, “pois estavam armados com arma de guerra, daí lhe terem dados tiros no braço direito e no peito que originou a morte imediata”, contou. Enfurecida, a família do falecido acusa a Polícia Nacional de impotência por, até ao momento, não se fazer presente no bairro, “aqui é sempre assim, para o Comando Geral da Polícia Nacional, somos ZERO, por isso nunca há

patrulhamento no bairro, o meu irmão foi morto hoje, mas para além dele, outras pessoas também foram mortas devido as motorizadas, mas a Polícia só vem recolher o corpo, faz autópsia e não passa disso”, desabafou. A vítima, ex-trabalhador do Nosso Super, deixou quatro filhos e uma viúva tendo sido enterrado no Cemitério Comunal da Funda, no dia 13.05.14.

“MBORA LÁ” SABER QUANTOS HABITAM NO PAÍS



Lá se vão os anos em que aos estudantes ensinava-se que a população angolana estava estimada em cerca de 12 milhões de habitantes como resultado do último. Lembrar-se-ão os estudantes do ensino de base, e não só, dos anos 80. A estimativa foi variando para cima e em 2013 fixou-se em cerca

de 20 milhões de habitantes. Porém, apenas em 1970 realizou o último Censo no País pelo que grande parte das cifras adiantadas carece de rigor científico. Este rigor que se espera que seja aplicado no Censo que ora arrancou. É neste sentido que o coordenador geral do Censo, Camilo Ceita desencorajou os inquiridores a optarem por uma prática muito comum em actividades do género: en-

“
Censo deve trabalhar no sentido de evitar descontentamento que motivaria situações do género
”

costarem-se debaixo de uma alvore e inventarem dados.

Sendo, de facto, um risco possível, resta apelar aos inquiridores para evitarem. Porém, não basta os apelos. O Gabinete Geral do Censo deve trabalhar no sentido de evitar descontentamento que motivaria situações do género, situações que concorreriam para que no final dos dias de trabalhos os resultados apresentados viessem a ser falsos.

No entanto, algumas situações apontam para descontentamento entre os diversos técnicos. Pagamentos de salários em conta-gotas e com valores abaixo do previamente anunciado. Alimentação insuficiente. Falta de meios técnicos e transportes. Porém, Camilo Ceita reforça que está tudo pronto, “mas como sabe pode haver um ou outro constrangimento de última hora que temos sempre de

responder”, explicou. Continuando adiantou que um total de 105 mil pessoas estão mobilizadas para o processo censitário, incluindo agentes de campo (78 mil), organização, grupos técnicos, bem como equipas técnicas executivas ao nível dos bairros e aldeias.

“Esse número (105 mil) vai trabalhar com o INE até finais de Maio, reduzindo depois para 20 mil pessoas que deverão laborar connosco mais um mês e meio depois da recolha de 31 de Maio”, elucidou. Portanto, “mbora lá saber” quantos habitam o País.

O último censo em Angola foi realizado em 1970, cinco anos antes da independência a 11 de Novembro de 1975, tendo sido registadas 5,6 milhões de pessoas.



A actual população de Angola está estimada em 21 milhões de habitantes.

AS QUESTÕES

Entre outras, os recenseadores pretenderão saber quantas pessoas compõem um determinado agregado familiar, descriminando os respectivos géneros, bem como a actividade e dados pessoais das mesmas. Vão ainda pretender ter dados das pessoas falecidas das famílias.

No que diz respeito ao Censo habitacional irão questionar sobre o regime ocupacional da casa em que residem, assim como o tipo de chão, tecto, paredes das casas, assim como a divisão das mesmas.

COFRE DE PREVIDÊNCIA DA POLÍCIA COM MAIOR ROBUSTEZ FINANCEIRA

O Cofre de Providencia do Pessoal da Polícia Nacional (CPPPN) tem maior capacidade financeira para dar seguimento aos vários projectos que possui onde destaca-se a construção de moradias, assim como de equipamentos sociais como é o caso de hospitais e escolas.

Tal deve-se ao facto de beneficiar de um financiamento de cerca de 1,5 bilhão de USD como resultado do acordo que assinou com a associação mutualista e a empresa chinesas China-Africa Development Fund e a Beijing Hasan Holdin Co, LDT, representados, respectivamente, por Chi Jianxin e Zheng Gang presidentes das referidas organizações.

Luís Alexandre, presidente de direcção do CPPPN rubricou o referido contrato,



enquanto o comandante-geral da Polícia Nacional e presidente da Mesa da Assembleia Geral, Ambrósio de Lemos disse que o financiamento irá permitir

a efectivação de projectos de grande impacto sociais que encontram-se parados por falta de verbas financeiras.

Luís Alexandre, por sua

vez, considerou que o acordo tornará o cofre “mais forte e capaz de responder aos desafios e exigências institucionais atendendo os objectivos

preconizados pela associação”.

Já Chi Jianxin explicou que o seu fundo há muito procurar aliar-se a projectos similares aos do CPPPN.

SOS HABITAT CONTRA GOVERNO ANGOLANO

TEXTO DE DIONÍSIO HALATA

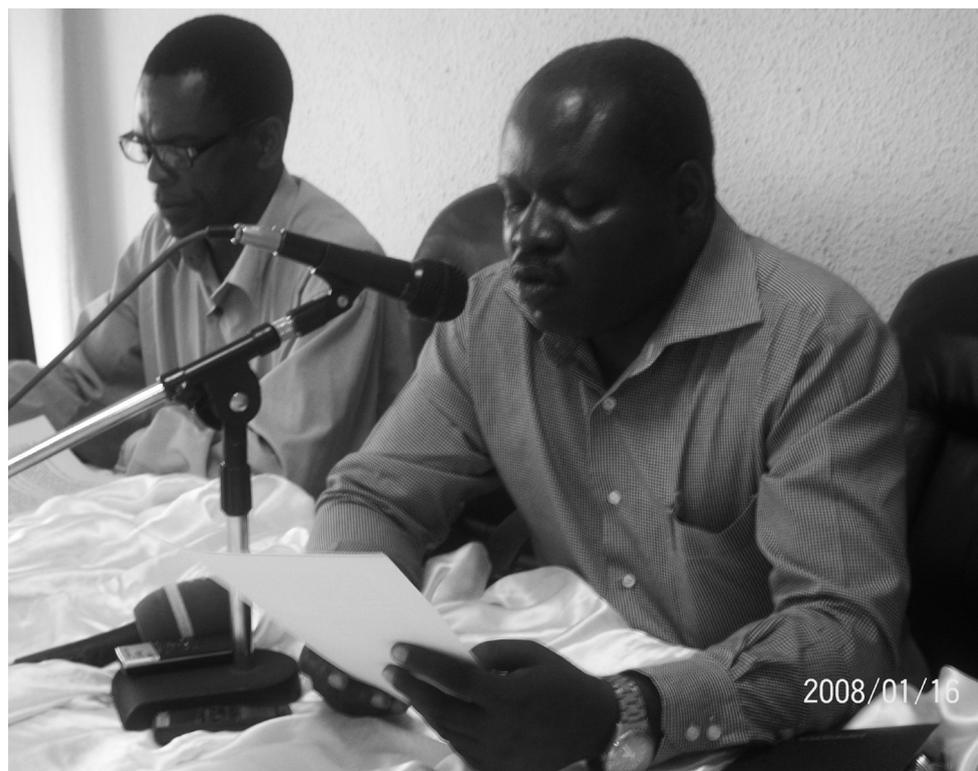
O coordenador da SOS Habitat, Rafael Morais, acusou o Governo de ter feito lobbies

junto da Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos para inviabilizar a concessão do estatuto de membro-observador das ONGs nacionais durante a 55ª Sessão daquela instância, encerrada no passado dia 12 de Maio de 2014.

Segundo Rafael, Morais o Executivo angolano alegou que a SOS Habitat não reunia as condições necessárias para o processo, fazendo alusão ao facto da organização não possuir um certificado de admissibilidade para o exercício da actividade emitida pelo Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos.

Essa situação é refutada pelo responsável, pois considera haver instituições que foram acreditadas por aquele órgão da União Africana sem possuírem o referido documento, como é o caso da AJPD.

A Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos



Povos é o principal órgão, a nível de África, para dar tratamento a matérias ligadas ao respeito dos direitos humanos e prevê a participação de organizações não-governamentais que se dediquem aos mesmos fins. Para terem acesso ao estatuto de membro-observador, as ONGs submetem os

processos de candidatura que são analisados por especialistas, incluindo um representante de cada Estado cuja missão é aferir a situação legal das associações ao País de que é originário.

A SOS Habitat - Ação solidária é uma agremiação de reconhecido mérito na defesa da cidadania e ha-

bitação condigna para os angolanos, mas viu os seus intentos frustrados. “Nós solicitamos a candidatura há dois anos e pensamos que este ano iríamos receber o estatuto. Infelizmente houve uma forte campanha do Governo angolano contra nós”, disse Rafael Morais.

“O certificado de admissibilidade não é da nossa responsabilidade. Remetemos todo o processo legal ao Ministério, o cartório também recebeu, autenticou e mandamos uma cópia para publicação em Diário da República. Vamos trabalhar, certamente, no sentido de esclarecer junto à presidência da comissão o que está a acontecer e de quem é a responsabilidade”, reafirmou aquele responsável.

A AJPD, Open Society e a Omunga são algumas das instituições que já possuem esse estatuto. Em condição idêntica da SOS Habitat está a Plataforma Mulheres em Acção que também foi “boicotada”.

André Augusto, coordenador-adjunto da SOS Habitat endereçou uma nota de protesto à Presidente da Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos, Kayitesi Zainabo Sylvie, visto que a Sessão Ordinária realizada em Luanda, de 28 de Abril a 12 de Maio de 2014, terminou sem reconhecer a luta diária desta ONG.

Durante o evento, a organização humanitária apresentou um relatório sobre “Acesso à Justiça e os Desalojamentos Forçados em Luanda”, que espelha o comportamento marginal das autoridades quando se registam casos de demolições de habitações. “As demolições e os desalojamentos forçados continuam a afectar milhares de cidadãos”, afirmou André Augusto.

Para exemplificar, o coordenador-adjunto da SOS Habitat apontou as demolições nos bairros Maiombe, Areia Branca, Chicala, Kilombo e Cinco Fio-Progressso (localizado nos arredores da Centralidade do Kilamba), província de Luanda, bem como a expropriação de terras dos camponeses em Icolo e Bengo pelo projecto integrado de desenvolvimento agrícola da Kiminha.



LAMENTOS DO MWANGOLÉ



Quantos foram os ditadores que viveram até serem velhos sem se poder aguentar nas canetas e toda a gente esperou que ele tivesse dado à sola para dizer que é um assassino?

É, infelizmente, o que talvez venha a acontecer em Angola, quando o nosso “pobre” JES – é filho de um alfaiate e nasceu na miséria criada pelos colonos - desaparecer do mapa. Milhões de pessoas vão dizer mal do seu nome. E, quando isso acontecer, o que será feito do MPLA?... Um ninho de marimbondos? Um cesto de caranguejos!? Acertaste. Mo mano. Acredita em mim: JES já não joga, só jogam os que o vão substituir. Já viste uma equipa de futebol do topo? Por exemplo, no Real de Madrid, um Zidane. A certa altura dizem-lhe assim: «Sai. Sai, há muita gente atrás de ti, sai, antes que seja tarde!» E o Zidane saiu. Tudo fixe, hoje está nas calmas. Zizu é um Senhor, o filho tá li para o substituir.

“ Com JES!!!, calma, aí vai ser preciso chamar a Elisal” , é o que diz o meu vizinho, que eu tento acalmar como posso, quer dizer com uma de inputs alimentares, gasolina para o gerador e água que sai do poço da ti Maria. “Este país é uma brincadeira, meu irmão!” e JES insistir, e é de temer que insista depois de 2016, Angola vai ser um festival de mortandade. Não te esqueças do que eu aqui escrevi. UM FESTIVAL DE MORTANDADE!

MÁQUINA DE VENDER CARANGUEJOS

Um dos maiores males do milénio chama-se “consumite”. Nos países mais ricos do mundo é mesmo “Consumite aguda”! A esse propósito e como se não bastasse tudo o que Internet nos impinge, continuamos a ser bombardeados por toda uma gama de invenções perfeitamente pueris, inúteis, mas que uma vez que lhes seja dado espaço nos nossos usos e costumes, transformam-se numa espécie de nova droga imprescindível. E aqui vai mais uma, asiática, que entra para nossa lista de invenções malucas. Depois da já famosa máquina que vende bananas da qual falamos noutra artigo, os nossos amigos chinocas inventaram algo ainda mais bizarro – a máquina que vende caranguejos vivos. Afinal, todos sabem que frutos do mar devem ser preparados frescos! No entanto, a criação não é japonesa e sim chinesa. Ela libera caranguejos vivos, armazenados em pequenas embalagens de plástico. Eles ficam em um estado de hibernação, em uma temperatura de 5 graus Celsius. A máquina garante que seu produto é fresco e se o caranguejo que sair da máquina estiver morto, você ganha três outros vivos, por ter passado pelo inconveniente. Os preços variam de 1 a 6 dólares. Olha o que pode fazer um pai para criar os filhos!



CIRURGIÕES ROBÔS. E ESTA!?!...



Você confiará sempre, por tradição, a sua rica vida a médicos. Mas confiaria a vida a dois robôs, baptizados de McSleepy (Dorminhoco) e DaVinci? Um camarada muito corajoso confiou! Os robôs removeram a sua próstata no hospital da Universidade McGill, em Montreal. Foi a primeira cirurgia realizada apenas por robôs no mundo. O DaVinci é um robô que pode ser controlado remotamente por médicos e o McSleepy faz jus ao seu nome, já que é o anestesista da dupla. Como foi o primeiro procedimento do tipo, os robôs foram monitorados de perto. O DaVinci enviou ao cirurgião imagens em 3D e o médico deu as devidas ordens aos seus braços robóticos. Mas nenhuma intervenção foi necessária e eles alcançaram um nível de precisão maior do que se a cirurgia tivesse sido feita por humanos.

O sucesso da dupla indica que DaVinci e McSleepy logo estarão juntos em novas cirurgias. Os cientistas responsáveis pelos robôs planejam testá-los em outros tipos de cirurgia e anestésias, para analisar a versatilidade da dupla de cientistas condenados a enferrujar.

BANCA COMERCIAL

CLIENTES RECLAMAM PÉSSIMO ATENDIMENTO



O atendimento na maioria dos bancos comerciais em Luanda e mesmo no resto das províncias do país, foi considerado, na generalidade medíocre, com alguns a receberem a

nota péssima. Os clientes reclamam, por vezes, não só o mau atendimento humano, fruto de deficiente formação profissional dos quadros bancários, quanto a lidar com o público alvo, como as péssimas condições das agências, que vão da falta de ar condicionado, geradores

avariados ou má higiene. Celmira da Silva, cliente do BIC, mostra-se revoltada por registar sempre enchentes nas várias dependências deste banco, por quebra constante de sistema, em algumas das suas dependências, que a impede de fazer transacções bancárias, na hora, tal

como a quase inexistência de cartões multicaixa para troca.

O BPC, lidera as reclamações, pois Alexandre Coelho disse estar há mais de 4 meses sem conseguir obter uma caderneta de cheques e um cartão multicaixa, situação que está a criar-lhe sérios embaraços

para realizar transacções bancárias.

“O BPC não consegue satisfazer por parte alguns serviços básicos necessários aos clientes”, disse. Igual sentimento tem Millennium Suzete Afonso, para quem a situação é não só grave como vergonhosa. “Aqui, tal como nos outros bancos, a falta de informação e forma de atendimento ao público, piorou”, ressaltou, solicitando a administração do banco a rever a situação.

Para a cliente é inadmissível os bancos comerciais brincarem com os principais consumidores. “Na hora de receber os nossos depósitos são rápidos, mais na hora de levantar nunca há dinheiro, fora a emissão de cheques e cartão multicaixa”, denuncia, acrescentando haver necessidade dos bancos melhorarem os serviços de forma a satisfazer as necessidades dos clientes. F8 procurou contactar, alguns responsáveis das dependências acusadas, mas todos os esforços foram frustrados.





BENGO CONTA COM NOVOS EMPREENDEDORES

A província do Bengo, no âmbito do programa de desenvolvimento e crescimento da economia local, formou mais de 80 jovens no curso de empreendedorismo, promovido pelo Instituto Nacional de Apoio a Pequenas e Médias Empresas, visando uma melhoria na captação de investimentos da região. As aulas incidiram em ma-

térias sobre investimento inicial, despesas fixas, variáveis e invariáveis, gestão de recursos humanos e capital fixo, de modo a aplicá-las nos diferentes sectores, como a agricultura, pecuária e comércio.

Augusto Fula, responsável do Instituto Nacional de Apoio a Pequenas e Médias Empresas no Bengo, esclareceu que a formação visou capacitar os jovens com ferramentas para a criação de empresas e na captação de novos inves-

timentos. O responsável, estimulou os empreendedores a continuarem a aderir as acções formativas do INAPEM, úteis para uma classe empresarial forte.

Finalmente, o director provincial da Administração Pública, Trabalho e Segurança Social, Miguel da Silva, apelou aos formandos a aplicarem os conhecimentos adquiridos, para melhor contribuir para o desenvolvimento da província do jacaré bangão.

MEMBROS DA “AGÊNCIA DE OURO” TOMAM POSSE

Os membros do Conselho de Administração da Agência Reguladora do Mercado do Ouro “Agência do Ouro”, Moisés David, presidente, Marcelina Augusto Camuto da Costa e Jânio da Rosa Correia Victor,

administradores, tomaram posse no passado dia 15, com o objecto de garantir o controlo das empresas exploradoras deste importante mineiro, numa cerimónia orientada pelo ministro da Geologia e Minas, Francisco Queiroz, que esclareceu ser objectivo da agência garantir os interesses comerciais dos produtores mediante um eficiente sistema de concorrência, marketing e promoção de vendas, assim como manter a segurança das transacções sobre o ouro, mediante a aplicação de regras de conduta, ética comercial e prevenção de fraudes.

“Um dos objectivos é o desta agência estabelecer uma relação institucional com a Comissão do Mercado de Capitais e a Bolsa de Valores mobiliários de Angola”.

Por outro lado, Moisés David, presidente do conselho de administração, garantiu que a instituição vai trabalhar no sentido de conhecer em profundidade o sector e capacitar com urgência os quadros contratados, de forma a possuírem conhecimentos capazes, bem como realizar visitas de estudos comparativos, junto de países com realidades próximas as de Angola.

Será da responsabilidade da agência a comercialização do ouro em toda extensão do mercado nacional e a relação com o mercado externo, uma vez ter sido criada ao abrigo do Decreto presidencial 2/13 de 25 Junho.

BANCO MILLENNIUM INVESTE NO PROJECTO “ANGOLA INVESTE”

No âmbito do programa Angola Investe, o Banco Millennium Angola disponibilizou cerca de 728 milhões e 700 mil Kwanzas, para a implementação de mais de 80 projectos que foram aprovados

entre 2012 e 2014, segundo avança Hermenegilda Bengue, vice-presidente da comissão executiva do Banco. De acordo com a gestora, que falava no acto do lançamento do programa Pequenas, Médias Empresas “PME por Excelência”, o projecto Angola Investe, criado em 2012 pelo regi-

me angolano para apoiar as micros, pequenas e médias empresas, já aprovou um total de 242 projectos ligados ao sector produtivo. Dos programas aprovados, 133, foram financiados por 17 bancos envolvidos no projecto e 42 exclusivamente pelo Millennium Angola, perfazendo um valor

total de cerca de 46 mil milhões de kwanzas, no qual o Banco contribui com um total de 728 milhões e 700 mil kwanzas, permitindo a criação de cinco mil novos postos de trabalho. O objectivo do governo é atingir até ao próximo ano, 150 mil milhões de kwanzas e 300 mil postos

de trabalho, segundo Hermenegilda, acrescentando que o financiamento para o sector da indústria transformadora e Geologia e minas anda à volta de 51 por cento, agricultura pecuária e pescas 30%, materiais de construção 9%, enquanto os serviços de apoio ao sector petrolífero 10 por cento.

MOÇAMBIQUE

ONG ACUSA PARTIDO NO PODER DE ESQUEMA DE IMPORTAÇÃO ILEGAL DE MERCADORIAS

O Centro de Integridade Pública (CIP) de Moçambique acusou no 13.05 a Frelimo, partido no poder, de estar envolvida num esquema ilegal de importação de mercadorias com isenções aduaneiras, que são depois vendidas por grandes distribuidores comerciais do país.

A denúncia da organização não-governamental moçambicana de probidade pública é expressa no relatório “Isenções Aduaneiras da Frelimo”, no qual o CIP acusa o maior partido moçambicano de auxiliar a importação ilegal de mercadorias, como “motorizadas, congeladores, pneus, cadernos escolares, pilhas e capulanas”.

“Na verdade, o partido Frelimo não chega a importar, apenas transmite o seu direito de isenção aos agentes comerciais em troca de dinheiro que devia ir para os cofres do Estado em pagamento de impostos”, lê-se no relatório, que o CIP diz ser sustentado em diversos comprovativos de isenção aduaneira emitidos ao partido.

De acordo com a organização, no espaço de dois anos, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) terá “importado quase três mil motorizadas”, através dos portos de Nacala (norte) e da Beira (centro), que foram depois vendidas por distribuidores formais.

“O CIP sabe que grande parte dos produtos importados com isenção pela Frelimo, ao nível da zona norte, são vendidas nas lojas da Rassul Trading, em Nampula”, refere o relatório.

Em Moçambique, os partidos políticos gozam de



isenções fiscais na importação de bens, um direito consagrado na Lei dos Partidos Políticos, que o CIP considera “desactualizada”, uma vez que estará a permitir que o Estado moçambicano “seja lesado em vários milhões de meticais”. “A lei não fixa o limite mínimo de importações para um partido político isentas de pagar direitos aduaneiros, o que faz com que os partidos políticos abusem desse direito”, entende a organização.

O CIP publicou recentemente uma investigação semelhante envolvendo vários partidos políticos, entre os quais o Movimento Democrático de Moçambique (MDM), da oposição parlamentar, que importavam viaturas sem pagar direitos fiscais aduaneiros, para depois os revenderem ilegalmente no país.

GOVERNO VAI ABRIR LICITAÇÃO DE CONCESSÕES MINEIRAS

Depois deste facto, o governo vai abrir brevemente um concurso para a licitação de concessões mineiras na região carbonífera de Tete, no centro

de Moçambique, anunciou a ministra dos Recursos Minerais, Esperança Bias.

“Entre esta e a próxima semana, iremos abrir um concurso para a atribuição de concessões, que pertenciam a empresas que não cumpriram os requisitos contratuais estabelecidos”, afirmou Esperança, não adiantando o número de licenças disponíveis para licitação. Actualmente, a província de Tete conta mais de duas centenas de talhões concessionados para efeitos de exploração de minerais, sendo a actividade de exploração de carvão a mais sonante, atendendo aos megaprojectos explorados pelas mineiras Vale e Rio Tinto, na região de Moatize.

Sobre a revisão da Lei de Petróleo e Minas, Esperança Bias referiu que o parlamento moçambicano deve aprovar a nova legislação durante o mês de Junho.

JUIZES INDIGNADOS COM COLEGA ASSASSINADO

No domínio da justiça, os juizes manifestaram-se no 12 indignados por suspeitas em relação ao carácter do colega assassinado na

semana passada, que estava a investigar casos de raptos e em cujo carro foi encontrada uma avultada soma de dinheiro.

Dinis Silica, tinha em mãos processos relacionados com a onda de raptos em Moçambique, foi mortalmente baleado por homens, que ainda estão a monte, no centro da capital e logo após o homicídio, a polícia afirmou ter encontrado na viatura do juiz mais de 60 mil dólares (mais de 43 mil euros) e mais de um milhão de meticais (cerca 23 mil euros), estando a investigar a origem do dinheiro.

Falando no velório da vítima, realizado no fim de semana, em Maputo, a presidente da Associação Moçambicana de Juizes, Vitalina Papadakis, manifestou indignação face a alegadas tentativas de “assassinato de carácter”, numa alusão a sugestões de que o dinheiro encontrado no veículo do magistrado poderia ter origem em actos de corrupção relacionados com os raptos.

Silica havia ordenado a prisão preventiva do empresário moçambicano Hanish Cantilal, por supostos

indícios de envolvimento em raptos nas cidades de Maputo e da Matola, sul do país. Dados do Governo moçambicano referem que mais de 40 pessoas foram raptadas nas cidades do país em 2013, incluindo cidadãos estrangeiros, entre os quais portugueses.

A maioria das vítimas tem sido libertada mediante o pagamento de avultadas somas de dinheiro de resgate.

FMI DEFENDE TRANSPARÊNCIA NO RECURSO À DÍVIDA PÚBLICA

Por outro lado, face ao crescer da corrupção a nível institucional, o Fundo Monetário Internacional (FMI) defende transparência na análise de projectos de infraestruturas financiadas pela dívida pública em Moçambique, assinalando o agravamento do crédito não concessional.

O Governo moçambicano estima a dívida pública externa em 6,8 mil milhões de dólares, considerando esse nível sustentável, mas organizações da sociedade civil moçambicanas que monitorizam o comportamento da dívida pública estão alarmadas com o ritmo de endividamento do país. “Os empréstimos externos podem ajudar a financiar investimentos em infraestruturas, contudo, usar tais recursos de forma eficaz requer uma análise transparente dos projectos”, diz a avaliação.

Aquela organização financeira internacional sublinha igualmente a necessidade de criação de mais emprego, a capacitação do capital humano e o favorecimento do clima de negócios para as pequenas e médias empresas, como forma de alargar os benefícios do crescimento económico a mais estratos da população.

GUINÉ-BISSAU

FUTURO PRIMEIRO-MINISTRO GARANTE PERMANÊNCIA DE CONTINGENTE INTERNACIONAL

O futuro primeiro-ministro da Guiné-Bissau, Domingos Simões Pereira, afirmou no 13.05 ter garantido a vários parceiros africanos o seu compromisso de manter no país o contingente internacional militar e policial ali colocado desde o golpe de Estado de 2012.

Durante dez dias o líder do país mais votado nas eleições legislativas visitou a Gâmbia, o Senegal, o Burquina-Faso e a Costa do Marfim, tendo sido recebido, nalguns casos, pelos chefes de Estado e noutros por mandatários de presidentes. Em conferência de imprensa na sede do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), Simões Pereira afirmou que nalgumas capitais

africanas “circularam rumores” acerca do próximo governo da Guiné-Bissau. Entre eles, terá sido referido que o próximo governo iria colocar em causa a presença da Ecomib, contingente de soldados e polícias da África Ocidental estacionados na Guiné-Bissau desde o golpe de Estado de Abril de 2012.

“Podemos esclarecer e tranquilizar os nossos interlocutores quanto à posição do PAIGC sobre a continuidade da Ecomib”

na Guiné-Bissau, cujo papel o partido reconhece, disse Domingos Simões Pereira.

Quanto à Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), o futuro primeiro-ministro guineense disse ter reafirmado aos responsáveis dos quatro países que “é um espaço de integração natural” da Guiné-Bissau, o que, referiu, não poderá inibir o país de reforçar a presença noutras organizações e

com outros países.

Domingos Simões Pereira disse ter recebido “de todos” os responsáveis sub-regionais a abertura para cooperar com o futuro governo guineense.

A CEDEAO junta 15 países: Benim, Burquina-Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Ghana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Senegal, Serra-Leoa e Togo. A Guiné-Bissau realiza no dia 18.05 a segunda volta das eleições presidenciais entre o candidato José Mário Vaz, apoiado pelo PAIGC, e o independente Nuno Nabian, cuja candidatura é suportada pelo Partido da Renovação Social (PRS), segunda força política mais votada nas legislativas de 13 de Abril. Por seu turno o chefe da Missão de Observação Eleitoral da União Europeia (UE) na Guiné-Bissau, Krzysztof Lisek,

apelou para que se mantenha a transparência do processo na segunda volta das presidenciais. “Gostaria de apelar novamente para que se mantenha a transparência do processo eleitoral, em conformidade com a legislação nacional e com os compromissos internacionais assumidos pela Guiné-Bissau”, referiu. Krzysztof Lisek pede especial atenção para o papel da Comissão Nacional de Eleições (CNE). “É importante que todos os interlocutores nacionais e internacionais colaborem, criando as condições que permitam à CNE cumprir de forma independente a gestão do processo eleitoral”. Um grupo de 14 observadores da UE reforçou a actual presença (equipa central e observadores de longo prazo). No total, a missão é composta por 49 pessoas.



NIGÉRIA

CAMPANHA INTERNACIONAL PARA LIBERTAR NIGERIANAS USOU FOTOS DE GUINEENSES

A autora das fotografias usadas pela campanha mundial a exigir a libertação das nigerianas, raptadas em Abril por islamitas, disse apoiar totalmente a iniciativa, mas reconheceu que usar imagens falsas, de crianças da Guiné-Bissau, pode desvalorizar a acção. Pelo menos uma das fotos usadas pela campanha “Bring Back Our Girls” não é de uma rapariga nigeriana, mas de uma adolescente de 13 anos da Guiné-Bissau fotografada por Ami Vitale, em 2011. “Apoio totalmente as raparigas e a campanha,

mas usar imagens de pessoas que nada tem a ver com o caso, e portanto dar uma imagem falsa, não ajuda as raparigas raptadas na Nigéria, nem as raparigas da Guiné-Bissau”, disse a fotógrafa Ami Vitale, autora das fotografias inicialmente usadas na campanha. Quando detectou o uso indevido das imagens, Ami Vitale contactou as pessoas que divulgaram inicialmente a “Bring Back Our Girls” para impedir a difusão. Em Abril, o grupo fundamentalista islâmico raptou 276 raparigas, cristãs e muçulmanas, de uma escola em Chibok, no norte da Nigéria. Até agora, 223 jovens continuam desaparecidas. “Estas fotos

nada têm a ver com as raparigas que foram raptadas. Estas raparigas [nas imagens usadas] são da Guiné-Bissau, e a história que retratei é sobre algo completamente diferente. Elas nada têm a ver com estes raptos terríveis. Conseguir imaginar a imagem de uma filha usada em todo o mundo como o rosto de tráfico sexual?”, disse Ami Vitale, na semana passada, num blogue do jornal norte-americano New York Times (NYT). “Isto é informação errada (...) conheço estas raparigas, as famílias, que ficariam muito chocadas por verem as imagens das filhas, espalhadas por todo o mundo como o rosto de uma situação horrível”,

acrescentou.

As raparigas das fotos usadas “não são vítimas”, afirmou. “Usar estas imagens como se fossem vítimas não é verdade. A história que fiz era uma história de esperança”, de acordo com as declarações ao blogue “Lens” do NYT.

A campanha mundial, iniciada na Nigéria através da rede social de mensagens instantâneas Twitter, ‘Bring Back Our Girls’, pretende chamar a atenção para a situação no país e salvar as raparigas sequestradas. Activo há cinco anos, o Boko Haram foi responsabilizado por mais de 1.500 mortos, só este ano, de acordo com as autoridades nigerianas.

A fotógrafa norte-americana Ami Vitale trabalha com a revista National Geographic e o seu trabalho já foi publicado em muitas outras publicações, como Adventure, Geo, Newsweek, Time, Smithsonian. Vitale conquistou vários prémios de diferentes organizações, como a World Press Photos, Lowell Thomas, Lucie, Daniel Pearl e o prémio Magazine Photographer of the Year, entre outros.

Recentemente, Ami Vitale tem colaborado com a organização Ripple Effect Images, que procura ilustrar os problemas específicos das mulheres nos países em desenvolvimento e os programas que as podem ajudar.



QUANDO KUBANGO?

TEXTO DE DOMINGOS KAMBUNJI

Ainda não há muito tempo um dos escribas dum Órgão de Comunicação e Propaganda do Reigime afirmava que o Kuando Kubango possuía as melhores e mais seguras estradas do mundo. Nós, que já viajámos por alguns continentes do planeta Terra, rapidamente concluímos que o mundo desse megafone-escriba é demasiado pequeno e não vai além do perímetro de propaganda dos Novos Ricos da republicana-monarquia angolana.

De facto, as estradas do Kuando Kubango, comparadas com as auto-estradas da Alemanha, da Austrália, do Canadá, da Inglaterra, da França, da Espanha, só para citar alguns exemplos, não passam de picadas asfaltadas, que os Órgãos de Comunicação do Reigime, fanaticamente incapazes de comunicar, apenas de informar propagandisticamente, decidiram promover à categoria de Estradas. Coitados desses escribas que, apesar de se colocarem nas pontas dos pés para parecerem adultos, não passam de infantis anões intelectuais ou eunucos cerebrais.

Os troncos dessas árvores são laminados numa serração artesanal e essas tábuas são comercializadas fora da província.

Há alguns dias, na RPT África, na RTP Internacional e nos Órgãos de Propaganda do Reigime surgiram reportagens sobre a indústria de produção e transformação de madeiras exóticas no Kuando Kubango. Pensámos inicialmente que iriam aparecer engenheiros agrónomos e silvicultores a falarem sobre a implementação de planos e projectos de plantio para a exploração de espécies silvícolas, a fim de garantir um futuro sustentado na produção de madeiras exóticas. Não! Apareceu nos ecrãs das televisões e foi citado noutros Órgãos de Comunicação um anafado governador provincial explicando

que andavam a cortar as árvores de madeira valiosa, não plantadas pelo Reigime, nascidas muito antes de ele ser diGerente do MPLA, talvez ainda durante o tempo colonial. Os troncos dessas árvores são laminados numa serração artesanal e essas tábuas são comercializadas fora da província.

No início da apresentação dessa reportagem nós também chegámos a pensar que o Kuando Kubango tinha desenvolvido uma indústria de fabricação de móveis de elevada qualidade, o que permitiria a formação profissional de alguns desempregados ou sub-empregados, promovendo a retenção de mais valias a nível provincial.

Não! A indústria de produção e transformação de madeiras exóticas do Kuando Kubango é exactamente igual à indústria da exploração de petróleo, diamantes e outros recursos naturais, comercializados nas trocas com países estrangeiros, para benefício das elites do Reigime Feudal angolano. Trata-se de uma indústria de saque e usurpação das riquezas naturais da província e do país.

Quem conhece o que são as indústrias de produção e transformação de madei-

ras, em países civilizados só poderá concluir que o governador provincial do Kuando Kubango é demasiado tosco, oportunista, ao aparecer de forma tão bonacheirona a anunciar desenvolvimento e crescimento económico regional.

Acreditamos que esta empresa de televisão, ao emitir este tipo de entrevista, pretendeu caricaturar, de uma maneira muito sarcástica e/ou trágico-cómica, a boçalidade das personalidades que ocupam os cargos de “Altos Dirigentes Provinciais”, sem terem sido eleitas para esses cargos, com uma formação académica muito deficiente. As pessoas em todo o mundo, graças aos serviços dessa empresa de televisão, ficaram a saber que o MPLA não tem líderes e pessoas bem formadas para ocuparem cargos governamentais e de gestão, a nível provincial e nacional. O MPLA é um dirigido apenas por capatazes, por vezes vergonhosamente matumbos.

Essa indústria de produção e transformação de madeiras do Kuando Kubango não passa de uma actividade artesanal de moto-serras e serração. No Kuando Kubango as moto-serras e as serrações produzem

tábuas para carregarem uma camionete, de vez em Kuando, e não existem planos de reflorestação e desenvolvimento regional sustentado inteligentes.

A melhoria da qualidade de vida do Kuando Kubango poderia também passar por campanhas de florestação da província, para a produção de madeiras de grande valor, como investimento de futuro, e pela formação profissional de jovens angolanos para a indústria de fabricação de mobiliário de alta qualidade. Os diGestores do Reigime estão mais interessados no enriquecimento fácil do que no desenvolvimento social harmonioso e sustentado.

O Reigime, para garantir a continuidade, prefere investir em meios militares, em adquirir “aviões que estavam para ser enviados para a sucata, numa situação caquética, uma despesa nada barata, comprados à Nova União Soviética”. Dessa maneira conseguirão intimidar e eliminar as pessoas mais bem formadas e as mais construtivamente cépticas, para não desafiarem os mais poderosos senhores empresários da Indústria do Saque das receitas provenientes da venda dos recursos naturais do país.



DOMINGOS CHIPILICA EDUARDO

CIDADANIA

A CÓPIA DA HISTÓRIA

O fim da 2ª Guerra Mundial trouxe consequências inapagáveis na nossa

memória colectiva, atrocidades e monstruosidades de actos que ultrapassaram o cúmulo da razão humana. Duas grandes “ideologias comuns” atraíram milhares e milhares de almas ao abismo infernal: a Alemanha de Adolfo Hitler e a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) de Joseph Estaline.

Inicialmente, companheiros no auge da amizade assinaram um “pacto secreto”, partilha territorial do “mundo” e da não-agressão entre ambos. Mas ambição incontrolável de Hitler quebrou o “contrato”, atacou a URSS. Fala-se que o frio intenso anulou as ofensivas alemãs. Mais tarde, os aliados impediram e aniquilaram as pretensões alemãs de colonizar o mundo. Esta derrota permitiu aos EUA, Inglaterra e URSS a criação de instrumentos legais cujo objectivo era julgar e condenar nazis capturados e escolhidos a dedos, a prisão perpétua ou morte, no Tribunal de Nuremberg. Enquanto outros foram “reaproveitados” como cientistas, agentes secretos e abrigados em “esconderijos abertos”.

O totalitário Estaline praticou actos hediondos apenas comparadas à Alemanha, campos de concentração, extermínio da oposição, lavagem cerebral ao povo, culto de personalidade, espírito de superiorida-

de, assassinos selectivos, restrições severas de liberdade pessoal e um sistema de espião “sofisticado”.

Foram os modelos para perpetuação do poder. Mas como esteve ao lado dos vencedores, saiu impune. É assim que acontece sempre aos gloriosos. É indiscutível que quer Estaline como Hitler rastaram cegamente para os seus intentos grandes homens, desde cientista ao mais humilde cidadão, que arduamente apresentavam relatórios agradáveis. E depois? Perguntar-nos-iam.

Pode parecer ridículo para algumas pessoas, ilustrarmos estes dados, a nossa intenção é fazermos um paralelismo das páginas do nosso arquivo nacional histórico com alguns acontecimentos do passado que conduziram o mundo à guerra e que podem ser evitáveis no nosso contexto. «É no fundo uma reflexão preventiva».

Intelectualmente falando, podemos afirmar que Angola é um Estado Democrático e de Direito e não ditatorial como propagam algumas vozes. É verdade que ainda existem restrições que um grupo faz e desfaz. Mas quem estudou ou viveu em ditadura, não caí no discurso populista que o país é ditatorial.

O dia 4 de Abril não é somente o dia da paz, é também o da Reconciliação Nacional. O que frequentemente não acontece nem é referenciado. Todos sabemos que foi um grande sacrifício de milhares de pessoas principalmente jovens que eram escorra-

çados das salas de aula, do trabalho, de casa ou da rua para depois de um treino relâmpago combaterem a sério.

Por isso, não é individualizado o mérito da paz como forçosamente nos querem fazer crer. Quem entre nós não perdeu pais, filhos, irmãos...? Quem sentiu na pele a fome da guerra? Onde estiveram os seus parentes? É preciso prudência para pessoalizar a nossa estabilidade e às nossas conquistas.

Hitler e Estaline instrumentalizaram o povo com “métodos eficazes” até génios não escaparam as mandrines dos dois. No nosso caso a “fé e a idolatria” aos chefes quer no partido no poder quer na “maldita oposição” e em outras instituições dos mais pequenos grupos de amigos, igrejas... quem se atreve a contrariar esses líderes, mesmo tendo razão é combatido severamente. Habitúamos-mos a ter o chefe como um semi-deus. Cá entre nós, houve apenas metamorfose em relação aos métodos, são menos “hediondos” mas com uma arma legal refinada, culto a personalidade a todos os níveis, os cabeças de listas das organizações/instituições/grupos são apenas responsáveis pelos êxitos, nunca os fracassos. Os seguidores defendem-nos até o mais absurdo erro ou acto, e quando os equívocos são graves e indesejáveis, acusam-se. Tristemente, confirmam o dito popular “o rei nunca erra.” Aí de quem ousar critica-lo abertamente! Desde o ber-

ço que a criança é ensinada assim. O Estado de Estaline “condecorava” meninos que denunciavam os pais ou outras pessoas de inimigo do povo (no caso angolano lembram-se do Augusto Ngangula?!).

Na URSS de Estaline a intoxicação propagandística atingiu a medula do povo. Quando ele morreu milhares de pessoas ocorreram para o ver “pessoalmente morto”. Por causa da ansiedade morreram muitas pessoas que tentavam enfrentar às filas longas e os empurrões. Talvez, seja por dor nacional, a perda do seu líder supremo. Pode ser verdade. Porém a figura de Estaline ultrapassou os limites da dor, tornou-se idolatria. São efeitos desastrosos da propaganda!

Aquando da nossa luta para independência e depois da sua conquista, todos os movimentos montaram um sistema de propaganda e contrapropaganda que em alguns casos cheiravam absurdo e irracionalidade. Acusando-se de canibais, terroristas, tribalistas, crioulos... E lamentavelmente, o povo de cada lado da estrada acreditava efusivamente.

No período de guerra interna com os meios de comunicação social em cena e os interesses das potências mundiais em jogo, aconteceram simulações de victórias, imagens e áudios trabalhados, entrevistas camufladas... Tudo que era “digno” para exhibir os avanços das ofensivas e as derrotas dos outros. Sempre funcionou a lei do vale tudo, quem diz o contrário? Até que a paz chegou, não foi apenas resultado ou vontade dos angolanos, existirem jogos dos bastidores que estão longe dos olhos do povo, são ultrasecretos.

Após a paz em Angola os métodos propagandistas aperfeiçoaram-se em todas as dimensões, alguma imprensa cumpre agenda do poder, “publicidade institucional do Executivo”, atrai dolosamente o exercício experimental da cidadania. Tal como em Nuremberg, onde os derrotados foram humilhados, esta imprensa

faz perfeitamente isso.

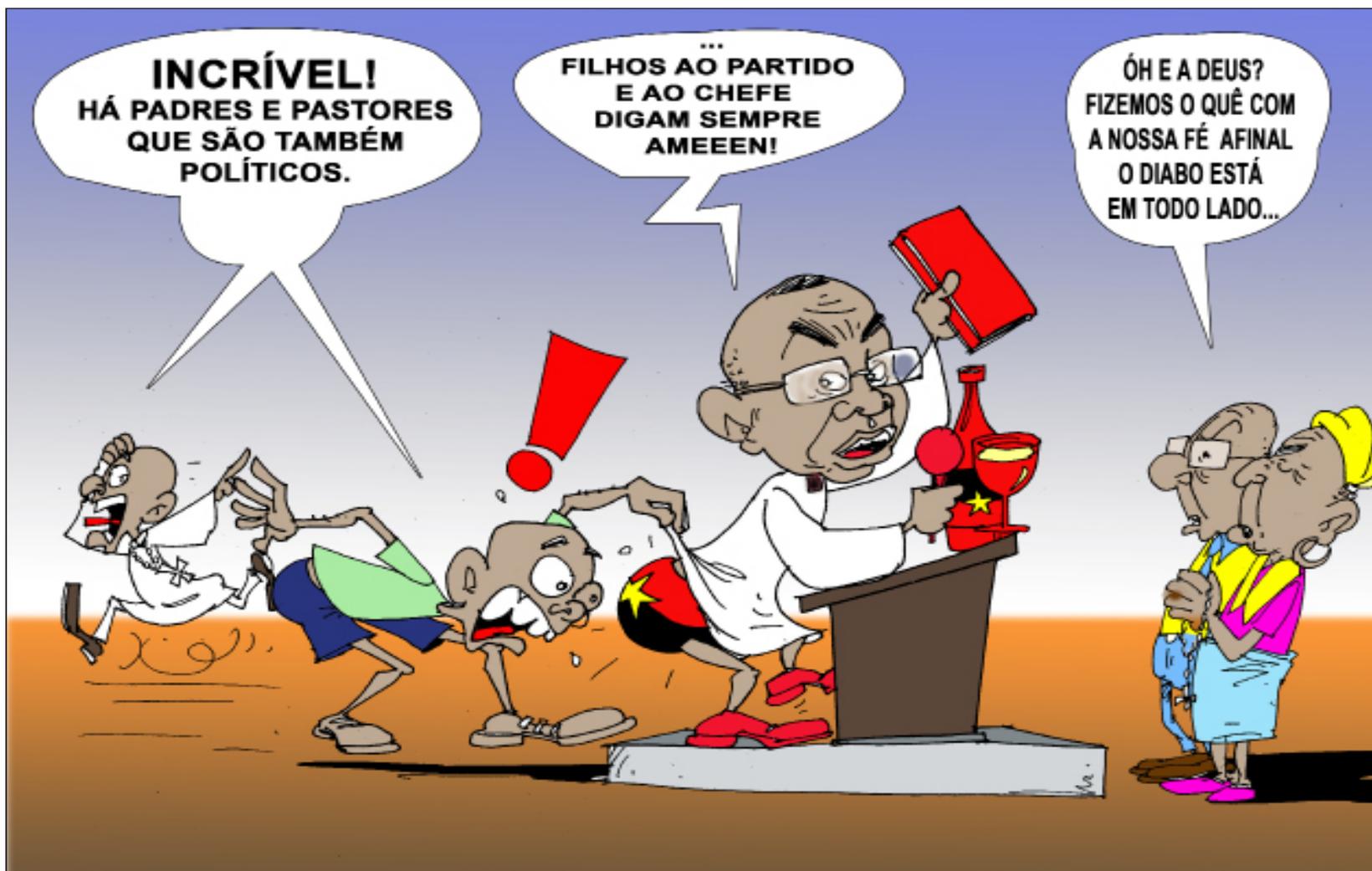
Torna em delírio político partidário as festividades nacionais, é o eco comum dos ganhos, que tudo está bem e quando há evidência que está mal cria-se uma vítima. Há um clima de verdadeira obstrução as vozes contrárias! A outra imprensa e os seus adeptos procuram incansavelmente uma nódoa para noticiar ou relevar.

São muito perigosos estes comportamentos, estão armadilhar o futuro. De um lado o país tem rumo do outro lado vive-se do prazer dos contrários, discussão aberta dos números 69 ou 96. Na generalidade a sociedade angolana com pouquíssimas excepções, sente o ser e fazer cidadania. Há holofotes para todos!

A história se repete da concorrência política ou de outra índole que é benéfica. Todavia há aspectos que devem ser reprovados e analisados, foram “erros” do passado que se alicerçaram na nossa vida e fazem hoje “hábitos alimentares”. A discriminação e a exclusão do próximo demonstraram-nos que retrocedem o país a todos os níveis, é uma condenação do vindouro.

Os nacionalistas Agostinho Neto nasceu 17 de setembro de 1922 e morreu 10 de setembro de 1979, aos 57 anos, se vivesse até hoje teria 92 anos. Holden Roberto nasceu 12 de janeiro de 1923 e faleceu 7 de agosto de 2001, aos 78 se estivesse vivo teria 91. E, Jonas Savimbi nasceu 3 de agosto de 1934 e morreu 22 de fevereiro de 2002, aos 68 anos, se vivesse hoje teria 80 anos.

O mais velho deles é Neto depois Roberto e o mais novo Savimbi, tinham grandes divergências e às costas forças estranhas. Se Estivessem vivos apesar de muitos ganhos da paz, entenderiam que o foco do problema continua ser o mesmo. Excesso de protagonismo, egoísmo unilateral de grupos e elites. Estão a repetir a história, sem nada aprender dela. É o momento de pensar e fazer Angola.



PUBLICIDADE

W WILLE

Moda & Decoração

Rua António Manuel de Noronha, 42
Maculusso
(Junto à Liga Nacional Africana e BFA)
Telefone 923 506 652/ 917 045 142
Luanda/Angola

E



DOMINGOS DA CRUZ

TICA & EXISTÊNCIA

O JORNALISTA NAS DEMOCRACIAS MODERNAS (I)

“A função da imprensa é ser o cão-de-guarda, o denunciador incansável dos opressores, o olho omnipresente e a boca omnipresente do espírito do povo que guarda com ciúme sua liberdade”. – K. Marx

Inicialmente gostaria de informar aos possíveis interlocutores que este textinho é fruto de uma conferência proferida no dia 22/02/2013 na província do Huambo à convite do FORDUM.

Não acredito nas comunicações para mudar Angola. Não acredito mais em conferências. Neste país o diálogo para alterar a realidade é impossível porque os possíveis interlocutores não conhecem a lógica do diálogo, mas a das armas que os permite impôr todas as suas vontades porque partem do pressuposto de que todos que têm uma opinião contrária são inimigos e alvo a bater. Enquanto os ingênuos da sociedade civil acreditam na lógica da racionalidade discursiva para o convencimento, o poder adoptou a lógica da irracionalidade. Diante desta lógica, não temos outro caminho se não a revolução similar à do Egipto ou da Tunísia.

Por esta falta de crença no debate e no diálogo para alterar o estado das coisas em Angola, talvez alguém perguntaria o seguinte: se não acredita porque participa neste tipo de actividades? Participo nestas actividades por uma razão antropológica. Sendo humano sou um ser so-

cial, político e dialógico que precisa praticar estas dimensões sob pena de morrer: aqui está a razão da minha presença aqui e agora!

Expostos os pontos prévios, gostaria apresentar as ideias centrais que expressam o tema acima anunciado.

Aspectos-chaves da democracia numa sociedade moderna

A democracia é o sistema político que assenta nos direitos individuais dos cidadãos, tendo como substrato a hipótese ficcional segundo a qual todos nascemos com estes direitos. No caso de não ter nascido com estes direitos, os direitos historicamente construídos devem ser partilhados por uma questão de solidariedade. Isto significa que a democracia assenta nos direitos individuais das pessoas, que na realidade prática traduz-se na igualdade, fragmentalismo (pluralismo), tolerância, igualdade etc. Na democracia, a mídia tem o dever de promover estes valores de uma sociedade moderna.

O que é a modernidade? A sociedade moderna costuma ser entendida como um ideário ou visão de mundo relacionada ao

projecto empreendido a partir da transição teórica operada por Descartes, com a ruptura com a tradição herdada - o pensamento medieval dominado pela Escolástica - e o estabelecimento da autonomia da razão, o que teve enormes repercussões sobre a filosofia, a cultura e as sociedades ocidentais. O projecto moderno consolida-se com a Revolução Industrial e está normalmente relacionado com o desenvolvimento do capitalismo.

Que papel é reservado aos jornalistas numa sociedade moderna? Para a compreensão do papel do jornalista na sociedade democrática moderna, parece importante recorrer-mos ao auxílio de António Gramsci, filósofo Italiano: “Odeio os indiferentes. Acredito que viver significa tomar partido. Indiferença é apatia, parasitismo, covardia. Não é vida. Por isso, abomino os indiferentes. Desprezo os indiferentes, também, porque me provocam tédio as suas lamúrias de eternos inocentes. Vivo, sou militante. Por isso, detesto quem não toma partido. Odeio os indiferentes.”

Na mesma linha de Gramsci, o arcebispo Sul-africano Desmond Tutu,

afirma que “onde existe injustiça, quem se mantém em silêncio significa que está ao lado dos opressores”. Estas ideias mestras permitem-nos identificar de forma clara o papel do jornalista numa sociedade de opressão, que a lei diz ser democrática, mas esta modernidade e democracia não passa de um ideal no qual só chegaremos com o papel

de jornalistas sérios que não têm nada a ver com as máquinas de propaganda e ferramentas, instrumentos (pseudojornalistas) ao serviço da manutenção da dor, da corrupção, do mal, da humilhação, da espoliação em definitiva da destruição de um povo feliz e inocente de ser escravo por causa da ignorância politicamente construída.

Dr. Kassimu

Dr. Kassimu: um membro da Associação de curandeiros africanos, esta aqui para ajudar quem tem problemas e doenças, utilizando medicamentos árabes e africanos. Ele trata mais de 70 doenças a um preço razoável.

AQUI ESTÃO ALGUMAS DOENÇAS E PROBLEMAS

- | | |
|---|---------------------------------|
| 1-Fraca ereção | 10- Atrai clientes para negócio |
| 2-S.T.D.sifilis, gonorreia | 11- T.D. e tose |
| 3- Corrimento vaginal, aborto | 12- Asma e dores no peito |
| 4-Trais de volta um amor perdido e pessoas em culto prazo | 13- Dores de escota |
| 5-Resolve problemas matérias | 14-Diabetes |
| 6- Tira mãos espirito e demónios | 15- Dores de cabeça |
| 7-tira bruxaria | 16-Infertilidade |
| 8- Tira mal solte | 17-Ataque Súbito de cabeças |
| 9- Corpo encolhido | 18- Paralisia |
| | 19-Câncer |

Para mais informações contactar:
Angola-943580013/Zâmbia +260978485548
/Tanzânia +255784335781-DR.Kassimu

C



LUÍS FILIPE*

ONSULTÓRIO MÉDICO

TRATAMENTO DAS DOENÇAS CRÓNICAS PELA MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

APOPLEXIA

Apoplexia é um distúrbio manifestado por início repentino de hemiplegia, disfasia ou afasia e distorção facial, com ou sem perda de consciência. De acordo com a Medicina Alopática Ocidental, ela inclui hemorragia vascular cerebral, trombose cerebral, angiospasm cerebral, sangramento subaracnoide, encefalite e paralisia facial. Pelo facto de ser caracterizada por início súbito, desenvolvimento rápido e em sintomas alternantes semelhantes à variabilidade do Vento. Também é chamado por “Golpe de Vento”.

As causas da apoplexia são principalmente devidas ao esvaziamento de Qi e do Sangue, além de preocupação, raiva, dieta inadequada, sexo em demasia ou ataques de males externos. A hemorragia cerebral é causada pela debilidade dos vasos sanguíneos. Quando alguém que sofre deste mal se encontra num estado de descontração, normalmente não há problemas. Todavia qualquer aumento de circulação pode fazer um vaso sanguíneo fraco romper-se. Quando isto acontece com um dos vasos sanguíneos do cérebro, chama-se hemorragia cerebral, ou derrame. O segundo tipo de derrame

é chamado de “trombose cerebral” e resulta de um coágulo ou bloqueio num dos vasos sanguíneos do cérebro. Este estado tem como causa geral alguns tipos de alimentos que geram a arteriosclerose e ocorre muitas vezes quando a gordura ou colesterol depositado se desprende da parede de uma artéria e se aloja num dos vasos sanguíneos do cérebro. Todos nós sabemos que a

alimentação dos angolanos é completamente caótica! Eles abusam de gorduras, açúcares, álcool (muito álcool! O povo angolano é considerado um dos povos mais bêbados do mundo), produtos lácteos e usam e abusam de óleos, como é o caso do óleo de palma. Por isso o índice desta doença tem vindo a crescer em espiral! Quando vejo e ouço de notícias de angolanos que foram vítimas

desta doença, recordo-me dos ensinamentos de Zhang Jing - Yue, da Dinastia Ming:

“ Os que sofrem desta doença, em geral não cuidam de si mesmos, são lesados pelos extremos das sete emoções, ou abusam do sexo e do vinho (Recordemo-nos que o povo angolano é um dos povos mais promíscuos e também dos mais bêbados do mundo), e tudo isso

danifica o verdadeiro Yin dos cinco Zang...o esvaziamento do Yang! O Yin é atacado para baixo e o Yang é exaurido para cima. Isso causa perda mútua de Yin e Yang e o Jing e o Qi não se comunicam. Isso então resulta em colapso repentino e coma.”.

Portanto para evitar a apoplexia do vento, é preciso que a pessoa se dedique à preservação da própria vida. ***Continua....**



N



ANTÓNIO SETAS

A HORA DA LEITURA

O ISCO DAS MINAS DE PRATA IV

Após ter engolido algumas cobras e lagartos presentes e dadas pelo Ngola do Ndongo, Paulo Dias de Novais, farto de estar ali na foz do rio Kwanza à espera de ser recebido, meteu-se a caminho mato adentro sem medo por fora, só por dentro. Arribou à Mbanza (cidade) Real com alguns frades Jesuítas e homens da tripulação no mês de Novembro ou Dezembro desse ano (1560) e o Ngola, sim senhor, recebeu-o. Muito mal. O fidalgo português passou da condição de Senhor à de escravo e por aí ficou durante 6 anos, tal como Baltazar de Castro.

Ao fim desses seis anos, o Ngola mandou Paulo Dias de Novais com um embaixador da sua gente ao reino de Portugal, com o intuito de ficar a saber se seria possível fazer comércio pacificamente e se os Portugueses estavam dispostos a ajudá-lo numas lutas que ele travava com vizinhos mais belicosos. Novais regressou enfim a Portugal e só voltou à África alguns anos mais tarde, em 25 de Janeiro de 1575.

Início da invasão Quando Paulo Dias de Novais viajou de novo de Portugal até Angola, desta vez não ia como escolta

de uma brigada de padres, mas como beneficiário de uma benesse dos reis de Portugal, um território extensíssimo que o monarca luso lhe oferecia como se aquela terra africana fosse propriedade sua. Chegou a Luanda, como supramencionado no dia 25 de Janeiro de 1575, comandando uma grande frota carregada de muita coisa: armas e 400 soldados, mantimentos, materiais de construção, cerca de uma centena de famílias de colonos que, tirando as que já se tinham instalado no reino do Congo por ali se disseminaram, ali estavam os primeiros brancos a erguer casas, igrejas, a cultivar açúcar e mandioca, só que, a dominar toda essa instalação positiva que parecia destinada a perdurar, havia o projecto de saque das tais minas de prata que tinham provocado realmente este movimento de invasão de um território alheio. Entre Paulo de Novais e essas minas, perfilava-se, no entanto, o incontornável e ameaçador reino do Ngola Kilwanji kya Samba, cujo soberano, uma vez mais, não era aquele que o tinha encarcerado alguns anos atrás. Este era amável, mas depressa morreu para dar lugar a um outro, contrário, intransigente, alérgico à invasão do seu território. E houve guerra entre os homens de Novais e o

Ngola. Foram 25 anos de guerra, estúpida e inútil, pois minas de prata não havia no reino do Ndongo. Finalmente, depois da morte do Ngola Kilwanji, que foi decapitado em Luanda no ano de 1600, foram precisos mais 25 anos para os Portugueses poderem enfim entrar na capital do reino do Ndongo. De pouco ou nada lhes serviu a visita no que toca à tão cobiçada prata, porque essa, a da casa, não era o metal, eram a rainha Njinga a Mbandi e outros Kilwanji, Ekuiki e Mandume. Seres que nunca abandonaram a luta. Pareciam hidras gregas que, quando se lhes cortava uma das sete cabeças, logo apareciam outras para a substituir.

O fidalgo português passou da condição de Senhor à de escravo e por aí ficou durante 6 anos, tal como Baltazar de Castro

ALGUMAS DATAS A RETER

Partida de Paulo Dias de Novais de Lisboa
23 Out.1574

Chegada de Paulo Dias de Novais à Ilha de Luanda
11 de Fevereiro de 1575

Passagem de Paulo Dias de Novais para Morro de S. Paulo
25/Jan/1576 (?)

Morte de Paulo Dias de Novais
09 Mai./1589

Aparecimento da esquadra holandesa, desembarque e ocupação de Luanda
14 de Agosto/1641

Dr. M.K Rungwe

Grande Astrólogo
Especialista em medicina
tradicional Trata de quem sofre de:

1-Impotência sexual.
2-Esterilidade
3-Corrimento
4-Borbulhas no pénis
5-Sífilis
6-Doenças venéreas crónicas
7-Asma
8-Dores de útero
9-Período prolongado
10-Diabete
11-Hemorróide

12-Comichão
13-Dores de coração
14-Sonhar a fazer sexo
15-Deixar de fumar
16-Dar sorte no trabalho
17-Recuperação de amor perdido
18-Ajuda de todo tipo de problema que você tem
19-Ser apertado por maus espiritos

Os interessados deverá contacta - me no seguinte terminal: 932630361

REPÚBLICA DAS TORTURAS, DAS MILÍCIAS E DAS DEMOLIÇÕES



DIÁRIO DA CIDADE DOS LEILÕES DE ESCRAVOS

27 de Abril

Na verdade vos digo, manos e manas, que o MPLA já não existe, desapareceu. Dele só lhe resta as letras na lápide funerária, abandonada, empoeirada, a cair aos pedaços como as obras chinesas.

Mais uma vez elegendem-se maravilhas incorrectas, pois no lugar da eleição das sete maravilhas de Angola, o correcto será eleger as sete misérias de Angola.

28 de Abril

Luanda e a chuva. "Não mexam nas terras, deixem-nas estar como estão." Mexeram e agora?! Um exemplo: o bairro da Terra-Nova desapareceu.

Era uma vez uma cidade chamada Luanda que desapareceu misteriosamente. Uma equipa de arqueólogos estrangeiros, porque saiba não existe nenhum angolano, luta arduamente para decifrar o mistério.

Parafraseando o adágio popular: quando os cães são burros, ladram, mas a caravana dos corruptos passa.

E a beleza da Marginal de Luanda, reconstruída pe-



los inteligentes corruptos, também desapareceu, ou quase? Foi arrastada pelas águas? Alguém sabe informar?

Muito confrangedor. Os nossos políticos perderam-se no tempo, estão ultrapassados. Nova classe política precisa-se urgentemente. Isto estende-se

também ao nosso jornalismo, que alguém se lembrou de o chamar como tal, mas não, não tem nada que se pareça. Mas como insistem que isso é jornalismo, deixem-se andar a enganarem-se uns aos outros, enquanto os estrangeiros se apoderam de Angola nas calmas e depois

serão – já o são – meros escravos deles.

Num incêndio de grandes proporções na sua base, a TCUL- Transportes Colectivos Urbanos de Luanda, mais de setenta autocarros arderam. In Rádio Ecclesia.

Porque é que o nosso PR não consegue que a sua guarda presidencial desfile, marche e cante, por exemplo, o "Zamina" dos Camarões?

As vozes dos burros chegam ao céu do petróleo de Angola.

Respondam-me se tiverem coragem: quem tira um curso de jornalismo é jornalista? Uma moça de corpo sensual é jornalista? Uma modelo é jornalista? Só quem tem o cartão de militante do MPLA é que sabe escrever, e logo só ele pode ser jornalista? A locutora e o locutor são jornalistas? Quem não domina o português, e logo não sabe escrever, também pode ser jornalista? Se assim for, estamos perante um jorna-

lismo da tuji.

Mais um recorde: Angola, a pátria dos autocarros queimados.

E Angola será por vontade de Deus o país mundial das peregrinações. De quilómetro a quilómetro haverá um santuário. E um deles será o eleito de milhões de peregrinos que caminharão, reverenciarão o canonizado do Vaticano, santo Apolónio de Luanda. O santo defensor da religião do petróleo corrupto. É no dia da sua canonização, todas as torneiras do petróleo lançarão um jacto de forte pressão, e o petróleo o inundará, e esta terra corrupta de poluição se abençoará.

Onde há muitos prelados, o demónio está sempre presente.

A República de Angola é um Estado de direito ou um Estado de concubinato?

20.07 horas. Mais outro dilúvio em acção? Parece que sim, a chuva está como ontem, poderosa,



como se um castigo de Deus se abatesse sobre os governantes, prelados e políticos corruptos. Mas a miséria abate-se sempre sobre os indefesos, porque o dinheiro do petróleo não é deste mundo, é do Diabo. Outra arca de Noé precisa-se para Luanda. Uma não, várias.

E para a destruição provocada pelo nosso ciclone Katrina, o nosso Governo sempre na sua majestosa magnanimidade edificará centros de acolhimento condignos para os desgraçados vítimas das chuvas que cercam Luanda e arredores. Para já do saco especial dos rendimentos petrolíferos que só beneficiam a nossa nomenclatura, sairá um bilião de dólares, isto para as primeiras impressões, que se reforçarão quando necessário pois o saco não tem fundo. Nele, os dólares crescem como que por magia. É claro que isto nunca acontecerá.

29 de Abril

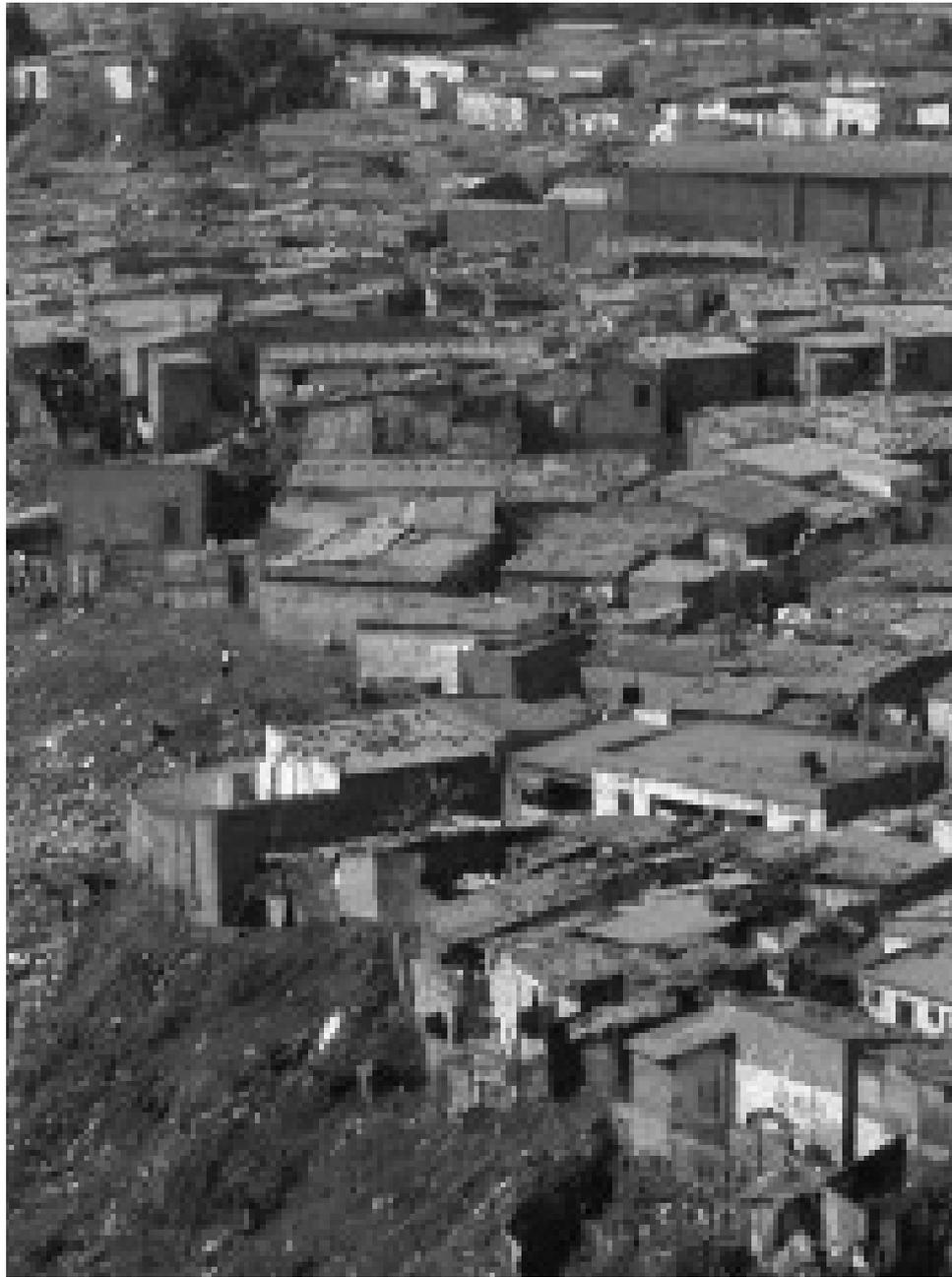
07.40, renovação do dilúvio, chove, chove!

A eleição da primeira das sete misérias de Angola. É o povo angolano num imenso jardim zoológico como atracção turística de Kabinda ao Kunene. E os turistas não se cansam de tirar fotografias a tanta gente enjaulada e atirar-lhes com jinguba e banana, e riem, e riem.

08.46, o dilúvio retorna. Esta cidade vai desaparecer.

Há uma coisa que me espanta nos "Portugueses em Angola" no Facebook. É que até agora nem uma palavra ou foto sobre o dilúvio que ataca Luanda. Porque será? Censura? Matumbice? Por mais voltas que dê na cabeça não entendo esta gente. Também não são para entender.

Ruas sem esgotos! Isso também é obra da Natureza? É! Da natureza chinesa! Sinceramente que não entendo! Claro que entendo! Então o nosso Governo só se preocupa com a construção de jardins zoológicos para os angolanos e que pomposamente lhes chama de zangos. E para



os estrangeiros constrói condomínios expulsando à força – até com a morte – os legítimos proprietários milenares da terra angolana.

E o nosso Governo já tem agendado para a próxima sessão a reconstrução integral de Luanda, a cidade submarina devido às chuvas da época. Um projecto ambicioso, aliás como todos, basta ver as consequências que todos sabemos e que ele não sabe, coisa absolutamente natural para quem apenas se preocupa com os sacos dos rendimentos do petróleo. Vai daí, para a implementação de tão imponente projecto, como se fosse um gigantesco santuário igual a esse da Muxima, serão importados cerca

de um milhão de chineses e quinhentos mil portugueses. Claro que isto é ficção, mas pode bem ser verdade. Até porque a seguir seremos vendidos aos franceses, e mais jardins zoológicos serão construídos porque os franceses adoram a fauna africana e em especial a angolana. É só petróleo.

Eugénio Costa Almeida, no Facebook. "Ainda há quem admita o fim da pobreza extrema em 2015, embora já prepare uma Agenda para 2063..." Hoje, com a experiência adquirida como técnico de contas, sorrio daqueles que impingem isso e dos que os seguem. Há muito nazismo disfarçado. O nazismo está no poder em muitos países.

30 de Abril

Mais um terrível dia nos espera em Luanda. Para nós a cidade do inferno, para os lordes do petróleo e estrangeiros, o paraíso eleito por Deus.

Um português na sua missão civilizadora junto dos infieis mwangolés, alugou um apartamento no terceiro andar do prédio muito bonito por dentro, mas por fora aos poucos a desabar devido à provável epidemia chinesa das fendas, está sem energia eléctrica há buéréré de dias, mas o prédio tem-na. Então o português vive de gerador na varanda, liga-o, ontem foi à uma da manhã, acordei assustado, porque o gerador faz muito barulho. O tipo não tem o mínimo respeito pelos vizinhos

que comentam: «Quando estiveres aflito não contes com os vizinhos porque não te ajudaremos.» Um casal português também alugou um apartamento no primeiro andar do prédio, já alugado a um português que lhes realugou, também em missão de civilização aos selvagens mwangolés. Não tem esgoto e resolveram com um tubo quase de dez metros que sai da varanda das traseiras e escoalgures por aí. Se a matumbice pagasse imposto esta cidade estaria carimbada. Há também um indiano que de vez em quando pelas seis da manhã reza a gritar. Nas traseiras, entre as seis e as sete da manhã, e todos os dias a qualquer hora, ouvem-se também gritos ferozes de chineses lançados aos jovens mwangolés que com eles trabalham, melhor dito, que eles escravizam. Depois serão os franceses?

Angola tem muitos poetas, muitos escritores, muitos jornalistas, muitos políticos, muitos economistas, muitos cientistas políticos, muitos advogados, muitos bajuladores, muitos corruptos, muitos hipócritas, - nisto é imbatível, recordista mundial - muito petróleo, muitos portugueses, muitos chineses, mas não tem engenheiros.

Há uma intensa actividade neocolonialista em Angola tão descarada, que se nota claramente que muitos países estrangeiros, incluindo tudo o que é igrejas, aceitam a oferta de venda de Angola, em troca da livre corrupção e aniquilação do mwangolé. Os mwangolés estão irremediavelmente perdidos na terrível escravidão que já lhes cai em cima com muita violência. Creio que uma nova luta de libertação nacional se inicia.

E então, manos e manas preparem condignamente as nossas sete maravilhas da miséria, para recebermos mais enxurradas, mais invasões que aí vêm, desta vez de franceses e de missionários do Vaticano.

Em Angola a religião é como o álcool, inebria-nos.

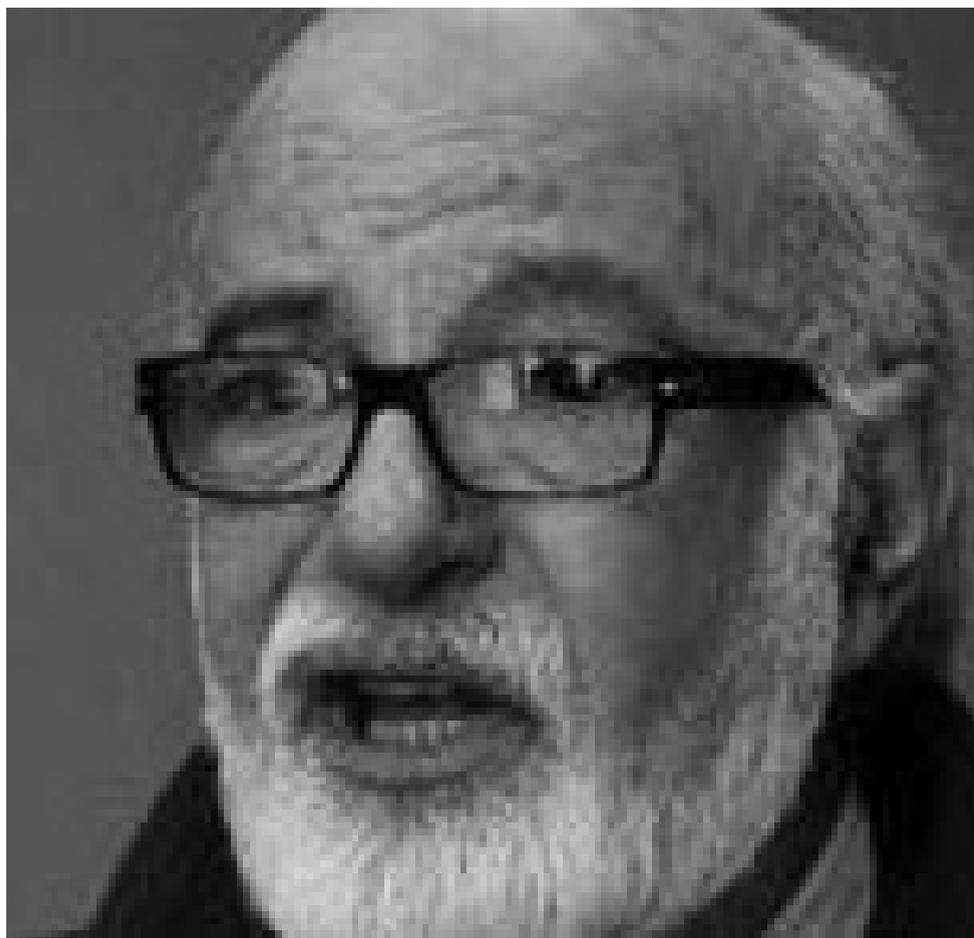
AGUALUSA E PAULO BRANCO RECORDAM RUY DUARTE DE CARVALHO

O escritor angolano José Eduardo Agualusa, a tradutora Marta Lança e o produtor Paulo Branco organizaram a 12 de Maio a sessão de homenagem ao antropólogo angolano Ruy Duarte de Carvalho. A cerimónia teve lugar no espaço NIMAS, arredores de Lisboa.

Durante a sessão foram exibidas três curtas-metragens documentais às quais se seguiu uma conversa com as participações do escritor JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, da editora, escritora e tradutora MARTA LANÇA e do produtor PAULO BRANCO. O escritor, poeta, cineasta, artista plástico, e antropólogo Ruy Duarte de Carvalho morreu em 2010 na sua casa na cidade de Swakopmund, na Namíbia, aos 69 anos.

Português, e naturalizado angolano na década de 1980, Ruy Duarte de Carvalho foi um autor multifacetado, cuja obra se estende das artes plásticas ao cinema, passando pela antropologia e também pela poesia. Ele costumava descrever a sua obra como “meia-ficção-erudito-poético viajeira”. Em 2008, o Centro Cultural de Belém realizou um ciclo sobre a sua vida e obra, o primeiro que dedicou a um autor de língua portuguesa. Autor de um percurso literário singular, RUY DUARTE DE CARVALHO publicou obras de

poesia e ficção mas também de ensaio. Estudou cinema em Londres tendo iniciado o seu percurso cinematográfico em Angola, tendo realizado diversos documentários, incluindo “Uma Festa para Viver” (1976), “Angola 76, É a Vez da Voz do Povo” (1976), mas também obras de ficção, como “Nelisita: narrativas nyaneka” (1982) ou “O Recado das Ilhas” (1989). Depois de se aposentar, em 2008, passou a residir na segunda maior cidade da Namíbia, Swakopmund, e foi em casa que foi hoje encontrado sem vida.



O CENSO SEM SENSO

E se inaugura o censo da população
O censo da propaganda comunista
É mais uma conquista da corrupção
É outra vitória da revolução prevista

É o resolver dos problemas do partido
Porque que mais resta da população?

Isto está irremediavelmente fodido
Restam-nos os comunicados da oposição
E a primeira cruzada da libertação

Será dos infiéis contra a Igreja nacional
Não vamos adorar o deus da corrupção
E a pedofilia da Igreja local e internacional
Ai de quem sair e em herói se aventurar
E depois na sua casa seguro se refugiar

Os assaltantes esperam-no para o assaltar
E sem contemplações disparam a matar
E nestas coisas de censos a Igreja não tem
Nas suas arbitrariedades não pode ter poder

Não queremos mais a Inquisição do Além
Mas em Angola usufruí do intenso ascender
É por isso que esta pátria é bem-amada
Porque está para além da corrupção
E ninguém quer saber de mais nada

As nossas vidas não valem um tostão
São bons actores no teatro da corrupção
Elinga Teatro, o que é isto? Nunca saberão!
Excepto o petróleo, cultura para eles é desilusão
Vivem da institucional cultura da prostituição
Ordenam o arrasar das lavras para construção
Facturar no petróleo, nada mais lhes interessa
Sim senhor! Isto é que é agricultura, não?!
Cantam milhões de dólares da próxima remessa
O Estado? É desalojar

O Estado? É desempregar!
E as igrejas a apoiar
E o katolotolo a matar
O Estado? A nos desmembrar
As peregrinações são a cruz do desenvolvimento
Como a peregrinação à nossa Senhora da Muxima
A religião é a cruz do nosso subdesenvolvimento
A desgraça das nossas vidas do aterrador sofisma

MANUEL RUI APRESENTA LIVRO “A TRANÇA” NO BENGO

O escrito Manuel Rui apresentou a 14 de Maio em Caxito, província do Bengo, a sua mais recente obra literária intitulada “A Trança”.

Se gundo a nota de imprensa enviada ao Folha8, a obra literária “A Trança” tem a chancela da editora Mayamba, e é segundo o autor, uma nova fase da sua escrita, sublinhando que poderá ser criticado pela mudança.

“Este livro é mais um curvo na minha obra. É fundamentalmente uma entrada na espiritualidade africana”, assegurou.

Durante a sua estadia em Caxito, o autor do Hino Nacional de Angola conversou com leitores sobre o seu processo de inspiração literária e motivações do conjunto das suas obras, com destaque para o livro “Quem me dera ser onda”. No final, o ensaísta, cronista, dramaturgo e poeta Manuel Rui procedeu a uma sessão de autógrafos dos livros

“A Trança” e “Quem me dera ser onda”. Depois de Caxito, Manuel Rui vai à cidade do Huambo e ao Bailundo, com a mesma finalidade. O conjunto de obras literárias de Manuel Rui inclui textos de poesia e de ficção publicados

desde 1967 até à presente data. É o autor do primeiro livro de poesia e do primeiro livro de ficção publicados em Angola após a Independência. Galardoado com inúmeros prémios, Manuel Rui recebeu o Prémio Cami-

nho das Estrelas 1980, pela emblemática obra “Quem Me Dera Ser Onda”, já adaptada para televisão e teatro em Moçambique, Portugal e Angola, e agora publicada pela Mayamba Editora. Em 2003, renunciou ao Prémio Nacional

de Cultura na área da Literatura atribuído pelo conjunto da sua obra. Os seus textos encontram-se traduzidos em diversas línguas destacando-se o umbundo, espanhol, francês, norueguês, hebraico e mandarim.



Temas do livro

- O papel do psicólogo na sociedade actual
- A motivação na produção laboral
- Cuidado com a violência doméstica!
- A satisfação sexual da mulher
- A propagação da religião na sociedade actual
- Necrófilo solto no Huambo
- O uso do preservativo: católicos e a sociedade
- O aborto
- A sexualidade: o vaginismo

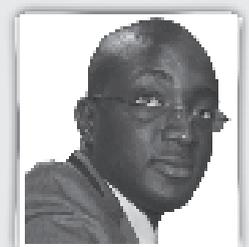
A leitura partilha-se. Lela e recomende aos amigos.

Infoline: 222 446 882 • 923 33 62 71 - E-mail: nwundat@gmail.com

À venda em livrarias seleccionadas:

Livraria Paulinas - R. Rei Katavala, José Pirão (Luanda)

Livraria Universitária Book House R. Jardim do Tabaco, 34 (Lisboa)



Nwanda Will Sérgio Tómet

Licenciado em Psicologia Clínica pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto - Luanda e em Cursos Tecnológicos Aplicados à Educação pelo Instituto de Psicologia (Mestrado, Espanha) e Pós-graduação em Saúde pela Faculdade de Psicologia da Universidade Nova de Lisboa (Lisboa). É docente de Psicologia Geral, Métodos de Observação em Psicologia Clínica e Psicologia Clínica Hospitalar na Universidade Agostinho Neto - Luanda e colaborador do Portal de Psicologia de Portugal e Filial de Cultura no Secretariado Folha 8

EM ANGOLA, AS TRADIÇÕES SÃO MARCADAS PELA ARTE

É a grande constatação feita após estudo da maravilhosa colecção de Nuno do Nascimento, que alberga a periférica Cacuo. O nosso país exibe um fabuloso património escultural tradicional, e que viu, nos tempos contemporâneos, a retomada artesanal de milhares de obras.

TEXTO DE SIMÃO SOUNDOULA

A referida colecção adquiriu centenas dessas fixações. São esculturas ou máscaras de origem ritual ou profana.

TALHES HÍBRIDAS

O seu perfil morfológico apresenta, invariavelmente, personagens ostentando um penteado ou de cabeça raspada, de pé numa peanha ou uma imobilização direta com pés no chão ou numa posição sentada. O peito e sexo são a descoberta. O Fundo apresenta obras com uma relativa originalidade tais como as dupla-cerâmicas, os pescoços ou pés cubistas, o mono baixo-relevo, o mascarado completo e os talhes híbridas antropro - animais.

Nota-se, nitidamente, no campo temático do acervo, obras ligadas a fertilidade, a virilidade, a gestação, ao parto e a maternidade.

Várias constituintes do agregado, presentes, ilustram as milenárias crenças bantu, tais como, a firme relação com a terra e o feitiço pregoado e irradiante.

Algumas são relacionadas com a vida política e social, sobretudo, do Oriente angolano, na senda do imperial Tchibinda Ilunga, do inevitável e musculado caçador das savanas, com seu inseparável kunyangulo, dos frenéticos músicos e dos bem trajados dançarinos. A linha escultural simbolizando os troféus e bem caracterizada com várias cabeças de antílopes.

O artesanato utilitário, do quotidiano, e atestado com tabaqueiras, que são repartidas por género.

Conexões ANTROPO-LINGÜÍSTICAS

A Colecção e, na sua temáti-

ca, uma amostra civilizacional de Angola.

Pode-se realçar, portanto, preocupações sociais, a exemplo, da vital fertilidade, da necessária virilidade, da boa gestação, do tranquilo parto e da serena maternidade.

Salienta-se, igualmente, as crenças com a vida humana, a terra e o cosmos.

Esses valores são, largamente, partilhados, pelas populações do país de Nyakatolo, que são, maioritariamente, bantu.

As estatuetas atadas a fecundidade garantem a aptidão dos homens e das mulheres de produzir uma descendência opulenta e abundante. Uma das reproduções sublimas, nada mais, nada menos, o divino coito. Isso e, absolutamente, necessário nas civilizações bantu, a riqueza e constituída, essencialmente, de seres humanos.

Assim, a fertilidade e ligada, logicamente, a poderosa varonilidade, a uma saudável prenhez, a um fácil parto e a uma feliz maternidade.

Essas representações antroproformes entram na prevenção ritual e no tratamento da esterilidade. Acompanham a manipulação fitoterapêutica. Constituem broquéis contra os maus espíritos.

MAGNOS-ADVINHOS

Algumas obras da galeria enquadram-se bem neste universo de feitiçaria protetora, redentora ou malfeitora.

As personagens são, fisicamente, preparadas para tocar as mezinhas mágicas, manipular amuleto e sortilégio versátil, para tentar impedir a chuva, seduzir uma amante, apagar um tabu, maximalizar a oratória, provocar inflamações, injetar doenças mentais, matar a distancia e comer vidas humanas.



Outros são especializados na confeição do cinto de feitiços, de ondyangu de protecção dos campos agrícolas, de luvevu de ganância financeira ou de aumento da riqueza, de chefia ou de viagem. Certas figuras são magno-advinhos com algumas de sexo feminino.

Os bruxos que deitam a ma sorte somente de noite, exibem o famoso kanyangulo são os mais temíveis, porque o seu disparo é fatal.

Outros tholi dispersam o fumo dos seus pés, são armados a fim de afastar o inimigo ritual e os animais ferozes.

PECA-MESTRA

As representações dos cimba integrantes da Colecção afiguram o poderoso Tchibinda Ilunga, fundador do Império Lunda, uma das obras plásticas, antigas, a mais acabada do país. É, uma verdadeira peca-mestra, cuja reprodução atinge as linhas de perfeição do original. Esta magnífica obra foi realizada em homenagem do Calo ou Cifungilo porque ele foi o organizador da caçada em que se fez a fundação do Império Luanda e a consagração da sua capital. As outras constituem a infinita serie que rendem homenagem ao caçador, figura

respeitada nas comunidades, porque homem corajoso, portador do feitiço das armas, o ochilolo.

TRANSE

Os mukwa - kwimba esculpados e representados em Cacuo são figuras de origem festiva, cerimonial, ritual ou fúnebre. São restituídos, tocando tambores, arcos musicais, lameliformes e xilofones. Nota-se exibicionistas de dança de iniciação masculina e feminina. Identifica-se danças de circuncisão e de possessos de espíritos bailarinos ou agitação de transe. Outros são cravados para, simplesmente, honrar a sua habilidade e destreza. Os tambores apresentados ou manipulados por personagens, na Colecção, tem uma pele só em uma das aberturas e a outra privada. São decorados.

GRINALDA

Quase todas estatuetas, em análise, apresentam um arranjo dos cabelos, feminino ou masculino, verdadeiro ornamento, com adornos, tachas, grinalda, coroa de ráfia, trancas finas, trancas maiores no meio da cabeça, trancas das moças, ao sair da festa da puberdade ou rolo de cabelos. Ostentam, igualmente, penteado com aparência de crista, com extensão ao longo da cabeça, compostura constituída por pequenas trancas isoladas entre si e que se besuntam com a mistura de óleo, caulino vermelho e pingentes metálicos.

Outra crina e constituída por trancas muito delgadas e longas.

RELICARIOS

As máscaras do Distrito de Cacuo são artefactos que representam, como os outros, caras estilizadas, em função das circunstâncias. Essas podem ser recreati-

vas, rituais ou funerárias. Representam, na sua extrema força simbólica, como relicários, rosto de defuntos. Distingue-se, aí, epi-piyos com grande penacho ou mitra, avolumados com roupagem, recheios, e que chicoteiam os circunstantes. Pode-se considerar a galeria do sul de Luanda com um dos maiores reservatórios, privado, das máscaras reproduzidos do país. O campo de inspiração e dominado pela declinação feminina, cuja particular atenção e dada as terras de Kondi a Lweji.

PREGUICEIRA

São cadeiras com encosto e tampo de pele, de recosto, verdadeira preguiçeira.

A reserva conte as inevitáveis esculturas, maliciosas, evocando o administrador colonial, com o seu característico capacete ou, confortavelmente, transportado num palanquim. Conte, também, objectos de vida quotidiana, tabaqueiras, para homens e mulheres, decoradas, bastante originais, bastões, colheres e cestos.

CONCLUSÃO

As linhas esculturais recuperadas pelos artesãos baseiam-se em personagens envolvidas em convicções antropológicas, no seu universo ritual tradicional, com os seus adaptados penteados, as suas técnicas de confecção de máscaras, as suas fixações decorativas, os seus colares multicolores, os seus desenhos e os seus adornos. São homens e mulheres que caracterizam as aldeias e as casas. Expressam, também, a fertilidade humana, a indumentária, a fitoterapia, as lavras, a olaria, a caca, a música e a dança. Em última análise, a Colecção do Nascimento demonstra, e bem, que em Angola, tradicionalmente, tudo é marcado pela

GIRABOLA-2014

LIBOLO “CIMENTA” LIDERANÇA

A equipa do Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul pode alargar a diferença pontual que a separa do Benfica de Luanda, segundo classificado, caso garanta a conquista dos 3 pontos no desafio com o 1º de Maio de Benguela, válido para a 12ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão (Girabola-2014).

O jogo decorre no estádio municipal de Calulo, “estado-maior” do conjunto libolense, às ordens do treinador angolano, Miller Gomes, líder da prova maior do “desporto-rei” nacional (29 pontos), à entrada da 12ª ronda do Girabola-2014. A turma proletária, agora sob batuta técnica do mister Agostinho Tramaçal, arrisca-se a perder mais pontos porque cruza o caminho de um adversário, teoricamente, mais forte, como se diz na gíria.

A verdade futebolística reprova, categoricamen-

te, a “teoria” do favorito antecipado, mas a jogar no reduto próprio e próximo dos adeptos, o Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul, última equipa a conquistar o Girabola em duas edições consecutivas, tem maior probabilidade de sair vitorioso do desafio com o 1º de Maio.

Depois do desaire no jogo com o Benfica de Luanda, a formação do Kabuscorp do Palanca procura voltar às vitórias; o conjunto da Rua “F” defronta o Grupo Desportivo Interclube de Angola-Século-XXI, no estádio “22 de Junho”, recinto oficial do grémio da Polícia Nacional que fará tudo para vencer a turma de Kangamba.

No prosseguimento da jornada, o Recreativo da Caála do Huambo mede forças com o Progresso Sambizanga, na Cidadela Desportiva; a agremiação do Planalto Central terá de se empregar a fundo a fim de evitar a segunda derrota consecutiva, já que o desaire poderá abrir caminho para demissão da equipa técnica.



A formação do Atlético Petróleos de Luanda procura a terceira vitória consecutiva no Girabola-2014, depois de falhar o apuramento à fase grupos da Taça CAF. O

grémio tricolor joga com o Bravos do Maquis, no estádio “11 Novembro”. A 12ª jornada faz ainda disputar as seguintes partidas: ASA – Sporting de Cabinda; Benfica do

Lubango - Desportivo da Huíla e União do Uíge – Sagrada Esperança. Benfica e d’Agosto abriram a ronda.

KANGAMBA “ALERTA” ANTRANIK

O desaire do Kabuscorp Sport Clube do Palanca diante do Benfica de Luanda, em jogo referente à 11ª jornada, enfureceu o presidente do grémio palanquino, Bento dos Santos Kangamba; inclusive, chegou mesmo a questionar o desempenho da equipa técnica, liderada pelo treinador búlgaro, Edouard Antranik. Na óptica de Bento Kangamba, o plantel do Kabuscorp do Palanca é composto por futebolistas de grande valia técnica com capacidade de vencer qualquer adversário. “Mas os jo-



gadores entram de salto alto, cada um quer jogar da forma dele, o futebol é colectivo, nunca individual”, desabafou o líder do clube campeão em título do Girabola, diante da imprensa, minutos depois do jogo contra o Benfica de Luanda, nos “Coqueiros”. Os resultados do campeão em título contrariam as expectativas da direcção do respectivo grémio na presente temporada futebolística; Bento Kangamba prometeu analisar profundamente o desempenho do treinador Edouard Antranik, disputadas onze

jornadas no campeonato. “Temos de ver se o treinador está em condições de ficar à frente da equipa”, disse o responsável máximo do Kabuscorp Sport Clube do Palanca.

Desta forma, Edouard Antranik está obrigado a vencer aos jogos das próximas jornadas, sob pena de ver terminado o vínculo contratual com a equipa de Bento Kangamba, apesar de ganhar o Girabola passado. A direcção do grémio em causa ainda lamenta o facto de fracassar nas eliminatórias da Liga dos Campeões

BAI-BASKET

D'AGOSTO NO ENCALÇO DO LIBOLO

Se na fase regular da presente temporada basquetebolística, o 1º de Agosto preparou-se para disputar o título da 36ª edição do Campeonato Nacional de Basquetebol Sénior Masculino (BAI-BASKET-2013/2014) com três adversários; agora deverá empreender uma “batalha” infernal a fim de evitar a consagração do Libolo.

Face aos resultados da segunda volta dos play-offs do BAI-BASKET-2013/2014, as formações do Atlético Petróleos de Luanda e Grupo Desportivo Interclube de Angola-Século/XXI estão fora da corrida ao título da presente temporada basquetebolística. Lazare Adingono, treinador petrolífero, contenta-se com a Taça de Angola, enquanto Alberto Silva “Babo”, técnico do grémio da Polícia, deverá aguardar pela



próxima edição. Assim, duas das quatro melhores equipas da bola ao cesto nacional estão em condições de lutar

pela conquista do maior troféu basquetebolístico na Pátria de Ngola Kilwanji Kya Samba (Angola). Tratam-se do Re-

creativo do Libolo e 1º de Agosto; Paulo Macedo e Norberto Alves ambicionam o troféu-mor do BAI-BASKET-2013/2014, só

um deles poderá festejar a vitória no fim da presente época. Que vença o melhor!

Na corrida pela conquista do BAI-BASKET-2013/2014, a turma do Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul está melhor, se comparada com a do 1º de Agosto, campeão nacional e africano em título. O time libolense, às ordens do treinador português, Norberto Alves, lidera a fase final da prova maior da bola ao cesto e dificilmente será ultrapassado pelo principal concorrente, neste caso o clube das Forças Armadas Angolanas.

O Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul tem o melhor plantel da actualidade, superior em comparação com o do 1º de Agosto. Carlos Morais, Olímpio Cipriano, Eduardo Fernando Mingas e outros atletas pretendem igualar a marca de 2011, aquando da passagem de Raul Duarte no comando do time de Calulo.

“POLÍCIAS” PERDEM NO PROVINCIAL

A “rivalidade” desportiva entre as equipas sénior feminina de basquetebol das equipas do Grupo Desportivo Interclube de Angola-Século-XXI e 1º de Agosto ultrapassa a dimensão interna, atingindo o plano africano; o grémio da Polícia Nacional sempre levou a melhor diante do conjunto das Forças Armadas Angolanas. Apolinário Paquete, treinador do Grupo Desportivo Interclube de Angola-Século-XXI, venceu a maioria dos desafios com Aníbal Moreira, ex-treinador da equipa sénior feminina do



1º de Agosto (ainda conserva o cargo de treinador principal da Selecção Nacional, Paulo Madeira, presidente da Federação Angolana de Basquetebol “FAB”, reconhece a capacidade do técnico angolano, duas vezes campeão africano do género). O desempenho de Apolinário Paquete superou de Aníbal Moreira na última edição do Campeonato Nacional de Basquetebol Sénior Feminino, realizado na província do Bié que vibrou perante o brilharete das duas melhores equipas do Continente Berço da Hu-

manidade (África); campeã e vice-campeã continental. Face a mais um fracasso de Aníbal Moreira no confronto com Apolinário Paquete, a direcção do 1º de Agosto promoveu Jaime Covilhã a treinador principal, enquanto o timoneiro substituído foi enviado para os escalões de formação. A nova equipa técnica militar preparava o “assalto” contra o adversário-mor.

A substituição já sortiu efeito, o 1º de Agosto venceu o Campeonato Provincial-2014 diante do Interclube.

EDIÇÃO
NACIONAL



Rua Gonsalves Julio de Vilhena, -57, apº 19
Bairro Ingombota - Luanda
Departamento Administrativo, Financeiro e Comercial
Manuela Joaquim
Secretariado, Publicidade e Marketing
Paula Padro
Tel: 391943 - 394077 Telefax 392289 Caixa
Postal 6527
E-mail: folha@ebonet.net

«Só depois de:
A última árvore ser derrubada,
o último peixe ser morto,
o último rio envenenado,
vocês irão perceber que
dinheiro não se come»
(Pensamento indígena)
E-mail: kubao@hotmail.com



+677 dias
BASTONÁRIO INFORMANTE
Hermenegildo Cachimbombo violou os Estatutos da Ordem de Advogados, ao enviar processos dos membros ao SINFO e a PGR, para incriminar colegas. Vergonhosa “bufaria”. E nisso os bons acobardam-se com o silêncio.

A MÁFIA RUSSA

TEXTO DE WILLIAM TONET

J á aqui várias vezes pusemos em evidência os alambicados episódios relacionados com o tráfico e venda de armas a Angola, o dito Angolagate, salientando não só que constitui um caso judicial no qual estão implicadas várias personalidades políticas francesas de primeiro plano, mas também pusemos em evidência e denunciámos a participação activa de altos dignitários do regime JES/MPLA, a começar pelo determinante empenho do presidente José Eduardo dos Santos e alguns dos seus mais próximos colaboradores, nomeadamente distintos membros do pessoal das FAA e da petrolífera Sonangol. O montante da operação em foco, de compra de armas pelo governo de Angola encetada em 1994, num momento em que a guerra civil entre o MPLA e a UNITA se tinha reacendido com muita violência, atinge um total de 790 milhões de dólares. A venda foi feita por intermédio do franco-canadiano-angolano, Pierre Falcone, e um homem de negócios franco-israelo-canado-angolano de origem russa, Arcadi Gaydamak, individualidade muito próxima dos serviços secretos soviéticos e dum certo número de oligarcas russos. Por outro lado, ou melhor, do mesmo lado mas numa outra vertente, a empresa de armamento Thompson e o banco BNP-Paribas estavam implicados na transacção que também atingiu o antigo conselheiro do presidente francês François Mitterrand, Jacques Attali. Nesta grandiosa jogada, a justiça francesa acusou Gaydamak e Falcone de terem vendido armas vindas do antigo bloco soviético a

Angola entre 1993 e 1998, sem ter recebido a devida autorização do Estado francês. O processo relativo a este imbróglio, em geral, e a esses dois traficantes, em particular, prolongou-se durante vários anos a partir do ano 2000 e, à parte ter valido ao Estado gaulês a recepção de alguns milhões de euros em coimas, foi, como de costume,

esquecido, os acusados foram tacitamente amnistiados e enviados ao paraíso dos corruptos. Pois é, quando os indigitados são aves de rapina de altíssimo voo, como Falcone e Gaydamak (500 mil dólares para mim é moeda de troco, dixit Gaydamak), afinal até parece que, quando eles roubam, não se passa nada, do que resultou os traficantes terem sido

soltos e a seu respeito, pelo que sabemos, nunca mais «se falou em perseguições judiciais, e os cúmplices angolanos estão bem na vida e recomendam-se». Mas atenção!, no meio desta saga judicial há um importantíssimo personagem que nunca foi citado pela justiça francesa e que, no entanto desempenhou um papel muito importante, o Chinês Sam Pa.



CHINÊS SAM PA A QUEM A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DEU PASSAPORTE ANGOLANO



NOVAS INSTALAÇÕES DO FOLHA 8
ANTÓNIO SALDANHA DA GAMA Nº44-RC ESQUERDO
BAIRRO MACULUSSO
REF. PRÓXIMO DA EX-LIGA AFRICANA